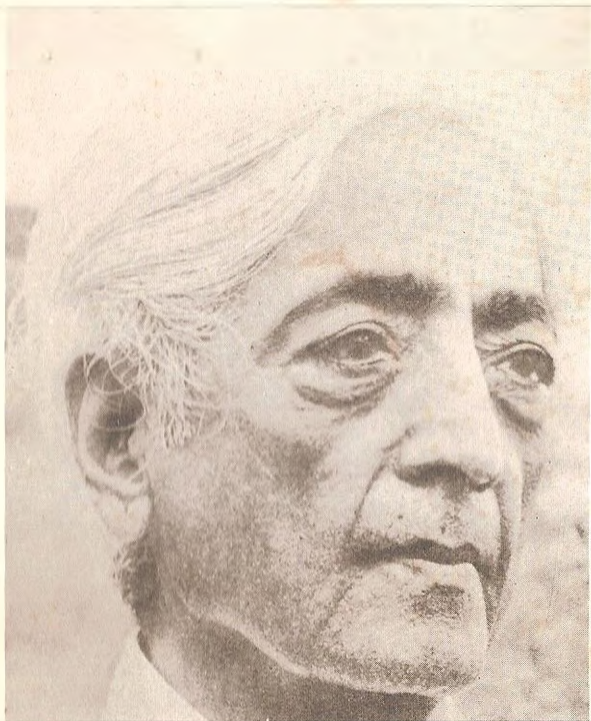
KRISHNAMURTI



CULTRIX

FORA DA VIOLÊNCIA

KRISHNAMURTI FORA DA VIOLÊNCIA



KRISHNAMURTI

Nas palestras que integram FORA DA VIOLÊNCIA, Krishnamurti explica aos seus ouvintes e leitores não ter vindo "expor nenhuma teoria ou filosofia" nem oferecer-lhes "idéias exóticas do Oriente" e sim examinar, junto com eles, "os fatos tais como são, muito atenta e objetivamente, sem sentimentalismo nem emocionalismo". O debruçamento sobre os fatos do mundo contemporâneo, em particular os relacionados com a "extrema confusão e desordem nele imperantes, violência e brutalidade em proporções nunca vistas, distúrbios cujo epílogo é a guerra", leva-o também ao exame de temas como existência, liberdade, medo, verdade, revolução interior, revolução psicológica e outros temas afins, exame esse conduzido, como sempre, sob o signo da liberdade e da autodescoberta, em busca da "ação correta": "Nós vamos descobri-lo (o que somos) pela observação de nós mesmos, porque, no momento em que ocorrer uma radical transformação de nós mesmos, estabeleceremos a paz no mundo."

J. KRISHNAMURTI

FORA DA VIOLÊNCIA

Tradução de
Hugo Veloso



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

1. A Existência 9
2. Liberdade 20
3. A Revolução Interior 31
4. Religião 42

SEGUNDA PARTE

5. O Medo 57
6. Violência 66
7. Meditação 77

TERCEIRA PARTE

8. Controle e Ordem 91
9. A Verdade 100
10. A Mente Religiosa 113

QUARTA PARTE

11. A Mente Descondicionada 129
12. Fragmentação e Unidade 139

QUINTA PARTE

13. A Revolução Psicológica 149

PRIMEIRA PARTE

1

A EXISTÊNCIA

"Tecnologicamente, o homem progrediu incrivelmente, entretanto continua o mesmo de há milhares de anos: pugnaz, ávido, invejoso, sob uma pesada carga de sofrimento."

PRETENDO falar sobre o problema da existência. Deveis saber tão bem quanto este orador de tudo o que se está passando no mundo — da extrema confusão e desordem nele imperantes, violência e brutalidade em proporções nunca vistas, distúrbios cujo epílogo é a guerra. Nossa vida está cheia de problemas, de confusão e contradição, não apenas dentro de nós mesmos — da pele para dentro, por assim dizer — mas também exteriormente. Tudo está sendo destruído, todos os valores mudando de dia para dia; não há respeito, não há autoridade, e ninguém tem fé em mais nada — nem na Igreja, nem no Governo, em filosofia nenhuma. Vê-se, assim, o indivíduo inteiramente dependente de si próprio, para descobrir o que lhe cumpre fazer neste mundo caótico. Qual a ação correta — se tal coisa existe?

Por certo, cada um deseja saber qual é a correta conduta. Esta é uma questão muito séria, e espero que todos aqui presentes sejam pessoas verdadeiramente sérias, porquanto não estamos reunidos para um entretenimento filosófico ou religioso. Não vimos expor nenhuma teoria ou filosofia, ou trazer-vos idéias exóticas do Oriente. O que vamos fazer é examinar juntos

os fatos tais como são, muito atenta e objetivamente, sem sentimentalismo, nem emocionalismo. E, para podermos investigar dessa maneira, necessitamos estar livres de todo preconceito e condicionamento, de toda filosofia e crença. Vamos explorar juntos, com vagar e paciência, passo a passo, para termos a possibilidade de descobrir alguma coisa: proceder de maneira semelhante à dos bons cientistas, que observam através do microscópio e vêem exatamente a mesma coisa. Porque o cientista que, no laboratório, se serve do microscópio deve mostrar o que vê a outro cientista, a fim de que ambos vejam exatamento o que *é*. É o que vamos fazer. Não há vosso microscópio ou o microscópio do orador, porém um único instrumento de precisão, por meio do qual vamos observar e, nessa observação, aprender — aprender, não em conformidade com vosso temperamento, vosso condicionamento ou crença pessoal — vamos, tão-só, observar o que realmente *é* e, assim, aprender. Aprender é agir; o aprender não está separado da ação.

Assim, em primeiro lugar, trataremos de compreender o que significa estar em comunicação. Temos, inevitavelmente, de servir-nos de palavras, mas muito mais importante é ultrapassar as palavras. Isso significa que, em companhia do orador, ides empreender uma viagem de exploração, na qual cada um estará em constante comunhão com os outros: quer dizer, estaremos participando juntos, explorando juntos, observando juntos. Pois a palavra "comunhão" significa "participar", "compartilhar". Por conseguinte, não há, aqui, instrutor nem discípulo, um orador a falar, e vós a escutardes o que ele diz, concordando ou discordando. Isso seria absurdo. Se estamos em comunhão, não há concordar ou discordar, porque ambos estamos olhando, examinando, não em conformidade com vosso ponto de vista ou o ponto de vista do orador.

Eis por que tanto importa descobrir como observar, como olhar com olhos límpidos, como escutar sem nenhuma deformação. Cabe-vos, tanto quanto ao orador, o dever de compartilhar, pois nós vamos trabalhar juntos. E desde o início deve ficar claramente entendido que não vamos entregar-nos a qualquer espécie de sentimentalismo ou emocionalismo.

Se isso está bem claro, se vós e eu estamos livres de nossos preconceitos, nossas crenças, nosso condicionamento e conheci-

mentos, e, portanto, livres para examinar — podemos, então, começar — tendo em mente que nos vamos servir de um instrumento de precisão — nosso "microscópio" — e que vós e o orador deveis ver a mesma coisa; de outra maneira não poderemos estar em comunhão. Tratando-se de matéria tão importante, deveis estar livres, não só para examinar, mas também para aplicar, pôr à prova o que vedes, em vossa vida diária, em vez de guardá-lo como uma teoria ou princípio, segundo o qual estais trabalhando.

Consideremos agora o que realmente está ocorrendo no mundo: violência de toda espécie, não só no exterior, mas também em nossas mútuas relações; intermináveis discórdias nacionalistas e religiosas — todos contra todos, tanto política como individualmente. Em vista desta medonha confusão, deste imenso sofrimento, que vos cabe fazer? Podeis recorrer a alguém para que vos ensine o que deveis fazer — ao sacerdote, ao especialista, ao analista? Estes não trouxeram paz, ou felicidade, alegria, liberdade para viver. Assim, para onde apelar? Se assumis a responsabilidade com base em vossa própria autoridade, como indivíduo, por já não terdes fé em nenhuma autoridade externa (estamos dando intencionalmente à palavra "autoridade" um sentido especial), podeis depender, como indivíduo, de vossa própria autoridade interior?

A palavra "indivíduo" significa "indivisível", não fragmentado. "Individualidade" significa uma totalidade, o todo, e a palavra "todo" significa "são", "puro"(*). Mas, vós não sois um indivíduo, porque não estais são, porque estais dividido, fragmentado, interiormente; estais em contradição com vós mesmo, partido, e, por conseguinte, não sois de modo nenhum um indivíduo. Assim, em vista dessa fragmentação, como se pode exigir que um fragmento assuma a autoridade sobre os demais fragmentos?

Vede bem claramente o que é que estamos examinando; pois vemos que a educação, a ciência, a religião organizada, a propaganda, a política — todas falharam. Não trouxeram a paz. Embora tecnologicamente o homem tenha progredido incrivel-

---

(*) Isto deve significar que *o todo,* por não estar fragmentado, *partido,* é são; e é puro, por não ter mistura. (N. do T.)

mente, ele continua o mesmo de há milhares de anos: pugnaz, ávido, invejoso, violento, sob uma pesada carga de sofrimento. Isso é um fato, e não uma suposição.

Assim, para descobrirmos o que nos cabe fazer, num mundo que se acha tão confuso, num mundo tão brutal e tão desditoso, temos não só de examinar o que é o viver, mas também de compreender o que é o amor e o que significa morrer. E cumpre, ainda, compreender isso que o homem vem buscando há tantos milhares de anos, ver se existe uma realidade transcendente ao pensamento. Enquanto não se compreender, em seu todo, a complexidade deste quadro, nenhuma significação tem dizer-se: "Que posso fazer em relação a um dado fragmento?". Cabe-nos compreender o todo da existência, e não apenas uma parte dela, por mais terrível e torturante que seja essa parte. Tendes de olhar o quadro inteiro — o que é o amor, o que é meditação, se existe Deus, o que significa viver. Temos de compreender o fenômeno da existência como um todo. Só então se pode perguntar "que me cabe fazer?". E, se virdes o quadro inteiro, provavelmente nunca fareis tal pergunta, porque estareis então *vivendo*; viver é, então, a ação correta.

Vamos, pois, em primeiro lugar, ver o que é viver e o que não é viver. Assim, vejamos primeiramente o que significa a palavra "observar". Significa: ver, ouvir, aprender.

Que significa "ver"? Que significa "olhar"? Olhar é uma coisa muito difícil — uma arte. Provavelmente nunca olhaste uma árvore; porque, se alguma vez a olhais, entram em cena todos os vossos conhecimentos botânicos e vos impedem de observá-la tal qual é. Provavelmente nunca olhastes vossa esposa ou marido, vosso amigo ou amiga, porque tendes uma imagem a respeito dele ou dela. Essa imagem que formastes a respeito da outra pessoa ou a respeito de vós mesmo irá impedir-vos de olhar. Por conseguinte, quando olhais, há deformação, contradição, há sempre um observador em relação com a coisa observada. Escutai com interesse. Como sabeis, quando temos interesse numa coisa, observamo-la bem de perto; isso significa ter grande afeição e, por conseguinte, ser capaz de observar.

Assim, olhar junto com outro significa observar com interesse, com afeição, de modo que ambos vejam a mesma coisa, juntos. Mas, antes, deveis estar livre da imagem que tendes de

vós mesmo. Fazei-o assim como estou dizendo; o orador é apenas um espelho e, em conseqüência, o que vedes é vosso próprio reflexo no espelho. O orador não é importante a nenhum respeito; importante é o que vedes no espelho. E, para se poder ver claramente, sem nenhuma desfiguração, deve desaparecer toda espécie de imagem — a imagem de serdes americano ou católico, rico ou pobre — todos os vossos preconceitos devem desaparecer. E tudo isso desaparece no momento em que vedes claramente o que está à vossa frente, porque o que vedes é muito mais importante do que o que "deveis fazer" depois de o verdes. No mesmo instante em que vedes com clareza, dessa clareza vem ação. Só se pergunta "que me cabe fazer?" quando a mente se acha num estado de caos, confusa, a escolher. Existe o perigo do nacionalismo — a divisão entre os povos; esta divisão é a coisa mais perniciosa, porque nela há insegurança, há guerra, há incerteza. Mas, quando a mente vê com toda a clareza, não intelectual ou emocionalmente, o perigo da divisão, há então uma ação de espécie inteiramente diferente.

Muito importa, pois, aprender a ver, a observar. E que estamos observando? — Não apenas o fenômeno externo, mas também o estado interior do homem. Porque, a menos que haja uma revolução fundamental, radical, na psique, na raiz mesma de nosso ser, o mero apagar, o mero legislar na periferia é insignificante. Assim, o que nos interessa é descobrir se o homem é capaz de efetuar uma radical transformação em si próprio — não de acordo com uma certa teoria, uma certa filosofia, porém vendo a si próprio tal como é. Esse próprio percebimento produzirá a transformação radical. O vermos o que somos é de suma importância — não o que pensamos ser ou o que nos dizem que somos. Há diferença entre dizerem-nos que estamos com fome e o estarmos realmente com fome. Os dois estados são inteiramente diferentes; num deles, sabemos realmente, pela direta percepção, pela sensação, que temos fome, e agimos. Mas, se alguém nos diz que devemos estar com fome, verifica-se uma atividade bem diversa. Portanto, de idêntica maneira, devemos observar e ver por nós mesmos o que realmente somos. E é isto o que vamos fazer: conhecer a nós mesmos. Já se disse que conhecer a si próprio é a mais alta sabedoria, mas mui poucos dentre nós têm cuidado disso. Fal-

ta-nos a necessária paciência, intensidade ou paixão, para descobrirmos o que somos. Nós temos a necessária energia, mas valemo-nos da energia de outros; precisamos que outros nos digam o que somos.

Nós vamos descobri-lo (o que somos) pela observação de nós mesmos, porque, no momento em que ocorrer uma radical transformação de nós mesmos, estabeleceremos a paz no mundo. Viveremos livres — o que não significa que faremos o que quisermos, mas, sim, que viveremos com felicidade, com alegria. O homem que tem uma grande alegria no coração não conhece o ódio e a violência e não causará a destruição de ninguém. Liberdade significa não condenar nada do que vedes em vós mesmo. Em geral o condenamos, ou o explicamos, justificamos. Nunca olhamos sem justificação ou condenação. Por conseguinte, a primeira coisa que cumpre fazer — e esta é talvez a última coisa — é observar sem nenhuma espécie de condenação. Isso vai ser muito difícil, porque é nossa cultura, nossa tradição, comparar, justificar ou condenar o que somos. Dizemos "isto é certo e isso é errado; isto é verdadeiro e isto é falso, isto é belo, etc.", e isso nos impede de observar o que realmente somos.

Escutai: O que vós sois é uma coisa viva, e quando condenais o que vedes em vós mesmos, o estais condenando com uma memória morta, que é o passado. Há, por conseguinte, uma contradição entre o viver e o passado. Para se compreender o viver, o passado deve desaparecer; então, pode-se olhar. É isso o que estais fazendo agora, enquanto falamos; não ireis refletir em casa sobre o assunto, porque no momento em que começardes a fazê-lo estareis liquidado. Não estamos aqui para fazer terapia em grupo e tampouco confissões em público; isso seria infantil. O que vamos fazer é uma exploração de nós mesmos, como cientistas, sem dependermos de pessoa alguma. Se dependeis, seja de vosso analista ou vosso sacerdote, seja de vossa memória ou experiência, estais perdido, porque tudo isso é o passado. E se estais olhando o presente com os olhos do passado, jamais descobrireis o que é a coisa viva.

Iremos examinar juntos essa coisa viva, que sois vós, que é a vida, em todos os seus aspectos. Iremos examinar o fenômeno da violência — primeiro a violência em nós existente,

depois a violência exterior. Talvez, compreendendo a violência existente em nós mesmos, não seja necessário olharmos a violência exterior, porque o que somos interiormente projetamo-lo no exterior. Por natureza, por hereditariedade, pela chamada evolução, criamos em nós essa violência. Isto é um fato: nós somos entes humanos violentos. Há mil explicações de por que somos violentos. Mas nós não queremos saber de explicações, que poderão desorientar-nos, pois cada especialista diz: "*Esta* é a causa da violência". Quanto mais explicações temos, tanto mais pensamos compreender a violência, porém ela continua na mesma. Tende, pois, sempre em mente que a descrição não é a coisa descrita, a explicação não é "o que é". Há muitas explicações bastante simples e óbvias de por que somos violentos: cidades densamente povoadas, excesso de população, hereditariedade, etc. Podemos varrê-las todas, pois o fato continua a existir: somos pessoas violentas. Desde a infância educam-nos para sermos violentos, para competirmos, para sermos brutais uns para com os outros. Nunca encaramos o fato; o que sempre fazemos é perguntar: "Que nos cumpre fazer, em relação à violência?".

Continuai a escutar com interesse, isto é, com afeição, com atenção. Perguntando-se "que nos cumpre fazer a respeito da violência", a resposta virá sempre do passado, porque o passado é a única coisa que conhecemos; vossa existência inteira se baseia no passado, vossa vida *é* o passado. Se alguma vez vos olhardes, vereis quanto estais vivendo no passado. Todo o nosso pensar — assunto de que trataremos mais adiante — é reação do passado, reação da memória, do conhecimento e da experiência. O pensamento, pois, nunca é novo, nunca é livre. Com esse "processo" de pensar, olhais a vida, e, por conseguinte, quando perguntais "que nos cumpre fazer a respeito da violência?", já fugistes do fato.

Ora bem; podemos aprender, observar o que é a violência? Como é que a olhais? Condenando-a? Justificando-a? Se não a condenais nem justificais, como então a olhais? Olhai-a agora, neste momento em que estamos falando a seu respeito; isso é importantíssimo. Olhais esse fenômeno — que sois vós mesmo: um ente humano violento — como se fôsseis uma entidade exterior, a olhar para dentro? Ou o olhais sem essa entidade exterior,

o censor? Quando o olhais, vós o fazeis como se fôsseis um observador diferente da coisa que estais olhando, como quem diz: "Eu não sou violento, mas quero livrar-me da violência?" Olhando dessa maneira, estais supondo que um certo fragmento é mais importante do que todos os outros fragmentos.

Quando olhais como um fragmento a olhar os demais fragmentos, isso significa que esse fragmento assumiu a autoridade; que ele causa contradição e, por conseguinte, conflito. Mas, se fordes capaz de olhar sem fragmento algum, estareis então olhando o todo sem o observador. Estais entendendo? Então, senhor, fazei-o (*) Porque, se o fizerdes, vereis acontecer uma coisa extraordinária: já não tereis conflito de espécie alguma. Conflito é o que somos, com ele estamos vivendo. Em casa, no trabalho, durante o sono, a todas as horas, estamos em conflito, há constante batalha e contradição.

Assim, enquanto vós mesmo não compreenderdes a raiz dessa contradição — não de acordo com este orador — de acordo com ninguém — não tereis uma vida de paz e felicidade e alegria. Conseqüentemente, é de essencial importância descobrir o que é que causa conflito e, portanto, contradição. Qual a raiz do conflito? Esta raiz é a separação entre o observador e a coisa observada. O orador diz: "Estou vivendo uma vida em que não há violência" — e isso é uma dissimulação, uma hipocrisia, já que ele é violento. Assim, é da máxima importância descobrir o que é que causa essa separação.

Estais escutando um orador que não é autoridade, que não é vosso instrutor, porquanto aqui não existe nenhum guru e nenhum seguidor; somos simples entes humanos, empenhados em descobrir uma vida livre de conflito, em viver pacificamente, com uma grande abundância de amor. Mas, se seguis outra pessoa, estais destruindo tanto a vós mesmo quando àquela pessoa (*aplausos*). Peço-vos não aplaudir. Não estou aqui para entreter-vos e tampouco para receber aplausos. O importante é que vós e eu descubramos e comecemos a viver uma vida diferente da estúpida vida que estamos levando — fato este que nem vossos aplausos, nem vossa aprovação, podem alterar.

(*) Palavras dirigidas a um ouvinte que respondeu afirmativamente à pergunta "Estais entendendo?". (N. do T.)

Muito importa a cada um compreender por si próprio, ver por sua própria observação, que o conflito sempre existirá enquanto houver separação entre o observador e a coisa observada. Esta separação está em vós — como "eu", como "ego", como pessoa que quer ser diferente de outra. Está claro? Clareza significa verdes por vós mesmo; não é uma simples clareza verbal, não é ouvir e compreender uma série de palavras ou idéias: é vós mesmo verdes muito claramente e, por conseguinte, sem nenhuma escolha, como a separação entre o observador e a coisa observada é uma fonte de malefícios, confusão e sofrimento. Assim, podeis, ao terdes um acesso de violência, observar a violência em vós existente, sem a memória, sem justificação, sem a asserção de que não deveis ser violento: podeis olhá-la, simplesmente? Isso significa que deveis estar livre do passado. Para olhar, requer-se uma grande energia, requer-se "intensidade". Deveis ter paixão, pois, do contrário, não podereis olhar. Se não tiverdes uma grande paixão, "intensidade", não podereis olhar uma nuvem ou os maravilhosos montes que aqui tendes. De modo idêntico, para olhardes a vós mesmo sem o observador, necessitais de tremenda energia e paixão. Essa paixão, essa intensidade, é destruída quando começais a condenar, a justificar, quando dizeis "não devo", "devo", ou quando dizeis "Estou vivendo uma vida não-violenta" ou aparentais estar vivendo uma vida não-violenta.

Eis por que todas as ideologias são destrutivas. Na Índia fala-se em não-violência desde tempos imemoriais; lá se diz "estamos praticando a não-violência" — e todos são tão violentos como o resto do mundo. O ideal lhes confere uma certa sensação, uma fuga hipócrita ao fato. Se puderdes pôr de lado todas as ideologias, todos os princípios, e só olhar o fato, estareis, então, em contato com uma coisa real, não mítica, não teórica.

É esta, pois, a coisa principal: olhar sem o observador, observar vossa esposa, vossos filhos, sem as respectivas imagens. A imagem poderá ser superficial ou achar-se oculta nas profundezas do inconsciente; é necessário, pois, não só observarmos as imagens que formamos no exterior, mas também as imagens que temos interiormente, bem no fundo — a imagem da raça, da cultura, a perspectiva histórica da imagem que temos de nós mesmos. Cumpre, pois, observar não só no nível consciente, mas também nos profundos recessos de nossa mente.

Não sei se já observastes o inconsciente. Interessa-vos isso? Sabeis quanto é difícil? É muito fácil fazer citações ou repetir o que disse o analista ou o professor; isso é brinquedo de criança. Mas, se não cuidais meramente de ler livros sobre a matéria, torna-se dificílima essa observação. Faz parte de vossa meditação descobrir como olhar o inconsciente — não através dos sonhos, não através da intuição, porque esta bem pode ser o vosso próprio desejo, vosso próprio anelo, vossa secreta esperança. Cabe-vos, pois, descobrir como olhar a imagem que a vosso respeito criastes, exteriormente — o símbolo — e também olhar profundamente, para dentro de vós mesmo.

Devemos estar cônscios, não só das coisas exteriores, mas também do movimento interior da vida, do movimento interior dos desejos, motivos das ânsias, temores, tristezas. Ora, estar cônscio sem escolha é estar cônscio da cor da roupa que alguém está usando, sem dizer "gosto", "não gosto" — simplesmente observando; viajando num ônibus, é observar o movimento de vossos pensamentos, sem condenar, sem justificar, sem escolher. Se assim olhardes, vereis que não haverá observador. O observador é o censor, é o americano, o católico, o protestante; ele (o observador) é produto da propaganda; é o passado. E, quando o passado olha, inevitavelmente separa, condena ou justifica. O homem que sente fome, que realmente sofre, esse homem pergunta: "*Se* eu fizer isto, obterei aquilo?". O que ele quer é livrar-se do sofrimento ou encher o estômago; nunca fala sobre teorias. Assim, senhor, em primeiro lugar, deixai-me sugerir-vos: libertai-vos da idéia de "se". Não vivais em nenhum ponto do futuro; o futuro é o que "projetais" *agora*. O agora é o passado; é isso (o passado) o que sois quando dizeis "Estou vivendo agora". Estais vivendo no passado, porque o passado vos está dirigindo e moldando; as memórias do passado vos estão fazendo agir desta ou daquela maneira.

Assim, *viver* é estar livre do tempo; e, quando dizeis "*se*", estais introduzindo o tempo. O tempo é a maior das tristezas.

INTERROGANTE: Como podemos ser nós mesmos, uns para os outros?

KRISHNAMURTI: Escutai isto: "ser nós mesmos". Que é "vós mesmo", se posso perguntá-lo? Quando dizeis "nós mesmos"

uns aos outros, que é "vós mesmo"? Vossa cólera, vosso azedume, vossas frustrações, vossos desesperos, vossa violência, vossas esperanças, vossa absoluta falta de amor — é isso o que sois? Não senhor, não digais "como posso ser eu mesmo para outrem?" — vós não conheceis "vós mesmo". Vós sois tudo isto, e o outro também: aflição, problemas, caprichos, frustrações, ambições. Cada um está vivendo no isolamento, na exclusão. Só ao desaparecerem essas barreiras, essas resistências, podereis viver felizes uns com os outros.

INTERROGANTE: Por que separais o consciente do inconsciente, se não credes na separação?

KRISHNAMURTI: *Vós* é que fazeis isso — eu não! (*risos*). Nas últimas décadas vos ensinaram que possuís um inconsciente; a respeito desse inconsciente se têm escrito volumes sobre volumes; graças a ele, os analistas estão fazendo fortunas. Água é sempre água, não importa se a deitais num vaso de ouro ou num vaso de barro. De igual maneira, não dividir, mas ver o todo — este é que é o nosso problema; ver o todo da consciência, e não um certo fragmento chamado "consciente" ou "inconsciente". Ver o todo é uma das coisas mais difíceis, mas ver um fragmento é relativamente fácil. Para ver uma coisa em seu todo, isto é, vê-la sãmente, não deve haver nenhum centro de onde olhar — o centro representado por "eu", "vós", "eles", "nós".

Isto não é um discurso, uma palestra, uma conferência, que podeis ouvir superficialmente e, depois, vos irdes embora. Estais escutando a "vós mesmo"; se tendes ouvidos para ouvir o que se está dizendo, não podeis concordar ou discordar — o fato está à vossa frente. Por conseguinte, estamos compartilhando, estamos comungando, estamos trabalhando juntos. Nisso há uma grande liberdade, grande afeição, compaixão e, afinal de contas, é *daí* que vem a compreensão.

Santa Mônica, Califórnia, 1 de março de 1970.

2

LIBERDADE

"A menos que a mente esteja inteiramente livre do medo, a ação, em qualquer forma, produz mais malefícios, mais aflição, mais confusão."

Estivemos dizendo quanto era importante operar-se uma transformação fundamental na psique humana, e que essa transformação só seria possível quando houvesse liberdade completa. A palavra "liberdade" é perigosa em extremo quando não se compreende o seu significado; temos de aprender tudo o que nela está implicado, e não apenas o seu significado lexicológico. Em geral a empregamos segundo nossas tendências e fantasias pessoais ou políticas. Não vamos empregá-la politicamente, nem superficialmente, mas, sim, penetrar-lhe a profunda e psicológica acepção.

Antes disso, porém, temos de compreender o significado da palavra "aprender". Como há dias dissemos, nós vamos estar em comunicação, quer dizer, participar, compartilhar — e o aprender faz parte disso. Não ides aprender nada deste orador, mas, sim, servir-vos dele como um espelho em que podeis observar o movimento de vosso próprio pensamento e sentimento, vossa própria psique, vossa psicologia. Isso não supõe nenhuma autoridade; embora, por conveniência, o orador esteja sentado num estrado, esta posição não lhe confere autoridade de espécie alguma. Podemos, pois, rejeitar completamente a autoridade, para considerarmos a questão do aprender — não de outrem,

porém cada um servindo-se do orador para aprender a respeito de si próprio; aprender pela observação de sua própria psique, de seu "eu". O aprender requer liberdade, requer uma grande curiosidade e, também, intensidade, paixão, espontaneidade. Não podeis aprender se não tendes paixão, se não tendes energia para descobrir. Se existe qualquer espécie de preconceito ou tendência, se há gostar ou não gostar, se há condenação, não tendes então nenhuma possibilidade de aprender, e só ireis deformar o que observardes.

A palavra "disciplina" significa aprender de um homem que sabe; supõe-se que vós não sabeis e tendes de aprender dele. É isso o que implica a palavra "disciplina". Mas, aqui, não a vamos empregar com o sentido de aprender de outro, mas, sim, com o significado de observar a si próprio. A observação de si próprio exige uma disciplina em que não haja repressão, imitação, obediência ou, sequer, ajustamento; a própria observação é um ato de disciplina — que significa "aprender pela observação". O próprio ato de aprender é, em si, disciplina, já que requer muita atenção, grande energia e "intensidade", e instantaneidade da ação.

Vamos falar acerca do medo e, considerando este assunto, temos de considerar um grande número de coisas, porquanto o medo é um problema muito complexo. Se a mente não estiver totalmente livre do medo, qualquer ação só produz mais malefícios, mais aflição e confusão. Vamos, pois, investigar juntos todo o conteúdo do medo e verificar se existe alguma possibilidade de nos libertarmos dele completamente; não amanhã ou em qualquer data futura, mas de tal maneira que, ao sairdes deste salão, já não exista a carga, a escuridão, a aflição, e a corrupção do medo.

Para compreender-se o medo, cumpre examinar também a idéia, que todos temos, da gradualidade — isto é, a idéia de que podemos ficar livres do medo gradualmente. Não existe essa possibilidade de gradualmente nos libertarmos do medo. Ou há logo a completa libertação dele, ou nenhuma libertação; não há gradualidade, que requer tempo — tempo, não só no sentido cronológico da palavra, mas também no seu sentido psicológico. O tempo é a verdadeira essência do medo, como mais adiante vos mostraremos. Assim, para compreendermos e nos libertarmos

do medo e do condicionamento em que fomos criados, a idéia de o conseguirmos lentamente, no fim de certo tempo, deve desaparecer de todo. Será esta nossa principal dificuldade.

Deixai-me mais uma vez acentuar que não estou fazendo uma conferência; estamos, aqui, como pessoas amigas, afetuosas, examinando juntas um problema muito difícil. O homem sempre viveu com o medo, aceitando-o como parte de sua vida, e, agora, estamos investigando a possibilidade ou, antes, a "impossibilidade" de pôr fim ao medo. O que é "possível" é coisa já feita, acabada, não achais? Se é possível, podeis fazê-la. Mas o impossível só se torna possível ao compreendermos que, psicologicamente, não existe amanhã. Estamos frente a frente com o extraordinário problema do medo e, aparentemente, o homem nunca conseguiu livrar-se dele de todo. Não só fisicamente, mas também psicologicamente, o homem nunca esteve livre do medo; sempre fugiu dele por meio de várias formas de entretenimento, ou religioso ou de outra natureza. Essas fugas foram sempre um meio de evitar "o que é". Interessa, pois, examinarmos a "impossibilidade" de nos libertarmos completamente do medo; dessa maneira o impossível se torna possível.

Que é realmente o medo? O medo físico pode ser compreendido com relativa facilidade, mas os temores psicológicos são muito mais complexos, e, para compreendê-los, requer-se que estejamos livres para investigar. Não se trata de formar uma opinião ou de investigar dialeticamente a possibilidade de pôr fim ao medo. Consideremos, primeiro, a questão dos temores físicos, os quais naturalmente atingem a psique. Quando vos defrontais com um perigo qualquer, há uma instantânea reação física. Esta reação é medo?

(Vós não estais aprendendo de mim; estamos aprendendo juntos; por conseguinte, cabe-vos prestar muita atenção, porque de nada serve uma pessoa vir a uma reunião destas e daqui partir levando umas poucas séries de idéias ou fórmulas; isso não liberta a mente do medo. Mas o que a liberta inteiramente do medo é compreendê-lo de todo *agora,* e não amanhã. Isso é o mesmo que ver uma coisa totalmente, completamente; o que vemos, compreendemos. A compreensão é então vossa, e de ninguém mais.)

Existe, pois, como sabemos, o medo físico — quando, por exemplo, nos vemos à beira de um precipício ou nos encontra-

mos com um animal feroz. A reação, em presença de um tal perigo, é medo físico ou é inteligência? Encontrais uma serpente, e imediatamente "reagis". Essa reação é o condicionamento do passado, que vos diz "Cuidado!" Vossa inteira reação psicossomática é imediata, embora condicionada; ela é produto do passado, porque vos disseram que esse animal é perigoso. No encontro com qualquer perigo físico existe medo? Ou trata-se da reação da inteligência à necessidade de autopreservação?

Há também o medo de tornarmos a ter uma dor física, uma doença, que antes tivemos. Que sucede aí? Esse medo é inteligência? Ou trata-se de uma ação do pensamento, que é reação da memória e teme que a dor que sentimos no passado possa voltar? Está claro para vós que o pensamento produz medo? Há também outras formas de temores psicológicos: medo da morte, medo da sociedade, medo de não sermos respeitados, do que digam de nós, medo do escuro, etc.

Antes de entrarmos nesta questão dos temores psicológicos, é necessário compreender claramente uma coisa, ou seja, que nós, aqui, não estamos analisando. A análise nada tem que ver com a observação, com o *ver*. Na análise, há sempre o analista e a coisa analisada. O analista é um fragmento dentre os muitos fragmentos de que somos compostos. Um fragmento assume a autoridade, como analista, e começa a analisar. Ora, que é que isso implica? O analista é o censor, a entidade que se presume dotada de saber e, por conseguinte, autorizada a analisar. A menos que ele analise completamente, exatamente, sem nenhuma deformação, sua análise não terá valor algum. Compreendei isso bem claramente; porque este orador não advoga a necessidade de qualquer espécie de análise, em qualquer ocasião que seja. Esta é uma pílula um tanto amarga e difícil de engolir, pois a maioria de vós ou já foi analisada, ou vai ser analisada, ou esteve estudando análise. A análise implica não só um analista separado da coisa analisada, mas também o tempo. A pessoa tem de analisar gradualmente, peça por peça, toda a série de fragmentos de que é constituída, e isso leva anos. E, quando se faz uma análise, a mente deve estar perfeitamente clara e livre.

Há, pois, várias coisas implicadas nesta questão: o analista — um fragmento que se separou dos outros fragmentos e diz:

"Vou analisá-los"; e também o tempo — dia após dia, olhando, criticando, condenando, julgando, avaliando, lembrando-se. Implicado está também o drama dos sonhos. Nunca perguntamos se é necessário sonhar (embora todos os psicólogos digam que é necessário sonhar, senão enlouqueceremos).

Mas, quem é o analista? Uma parte de vós mesmo, uma parte de vossa mente que vai examinar as outras partes; é o produto das experiências, conhecimentos, avaliações do passado; é o centro de onde vai ser feita a análise. Há, nesse centro, alguma verdade, alguma validade? Todos nós funcionamos de um centro, e que é esse centro? Esse centro é medo, ansiedade, avidez, prazer, desespero, esperanças, dependência, ambição, comparação; é ele que nos faz pensar e agir. Isso não é uma suposição, uma teoria, porém um fato absoluto, observável todos os dias. Nesse centro há muitos fragmentos, um dos quais se torna o analista — um absurdo, porque o analista *é* a coisa analisada. Esse é um fato que deveis compreender; senão, quando entrarmos mais a fundo na questão do medo, não podereis acompanhar-nos. Deveis compreender bem esse fato, pois, assim, ao sairdes deste salão, estareis livre do medo e podereis viver com alegria e olhar o mundo com olhos diferentes; vossas relações ficarão livres da opressão do medo, do ciúme, do desespero; e vos tornareis um ente humano, em lugar de um animal violento, destrutivo.

O analista, pois, *é* a coisa analisada, e na separação entre o analista e a coisa analisada se encontra todo o processo do conflito. E, também, a análise exige tempo; até acabardes de analisar todas as coisas, estareis pronto para o túmulo e não tereis vivido (*risos*). Não, não riais; isto não é um divertimento, porém uma coisa muito séria. Só a pessoa *séria* pode conhecer a vida, saber o que é a vida, e não aquele que busca divertimentos. Esta questão, por conseguinte, exige séria e demorada investigação.

Devemos libertar-nos da idéia da análise, pois esta é inteiramente sem valor. Deveis perceber isso, não porque o orador o está dizendo; deveis ver a verdade sobre o processo da análise. Essa verdade trará compreensão; ela *é* a compreensão da falsidade da análise. Ao vermos o que é falso, podemos afastá-lo de nós completamente. Só quando não o vemos há confusão.

Pois bem; podemos investigar o medo como um todo — não os múltiplos temores psicológicos, mas *o medo?* Só há medo, embora possa haver diferentes causas do medo, criadas por várias reações, influências. O medo não existe sozinho; está sempre em relação com alguma coisa. Isto é bem simples e evidente. Nós temos medo *de alguma coisa* — do futuro, do passado, de não termos possibilidade de nos preenchermos, de não sermos amados, medo de uma vida solitária, aflita, medo da velhice e da morte.

Existe, pois, o medo, reconhecível ou oculto. O que estamos investigando não é uma determinada forma de medo, porém sua totalidade, tanto o medo consciente como o oculto. Como se torna ele existente? Fazendo esta pergunta, tendes também de perguntar o que é o prazer. Porque o medo e o prazer são inseparáveis. Não podeis livrar-vos do medo sem compreenderdes o prazer; são as duas faces de uma moeda. Assim, compreendendo a verdade relativa ao medo, compreendereis também a verdade relativa ao prazer. Querer só prazer e não querer ter medo é um desejo impossível de realizar-se. Já, se compreendeis a ambos, tereis uma apreciação diferente, uma diferente compreensão dela. Isso significa que tendes de descobrir a estrutura e a natureza tanto do medo como do prazer. Não podeis ficar livre de um e conservar o outro.

Que é, pois, o medo, e que é prazer? Como em vós mesmo podeis observar, desejais livrar-vos do medo; toda a vossa vida é uma fuga ao medo. Vossos deuses, vossas igrejas, vossos códigos de moral, baseiam-se no medo, e, para o compreenderdes, deveis descobrir como vem ele a existir. Fizeste alguma coisa no passado, e não desejais que ninguém o descubra; esta é uma das formas do medo. Temeis o futuro, porque estais sem emprego, ou temeis outra coisa qualquer. Tendes, pois, medo do passado e medo do futuro. O medo surge quando recordamos fatos do passado ou antevemos os prováveis acontecimentos do futuro. *O pensamento é o responsável por isso.* Vós sempre evitastes com muito empenho — principalmente aqui na América — o pensar na morte. Mas a morte está sempre presente. Não desejais pensar na morte porque, quando o fazeis, sentis medo. E, porque tendes medo da morte, tendes teorias a seu respeito; credes na ressurreição, na reencarnação, tendes dúzias de crenças porque temeis; e todas essas coisas nascem do pen-

samento. O pensamento cria e mantém o medo do ontem e do amanhã, e também sustenta o prazer. Assististes a um belo pôr-do-Sol — um momento de grande alegria — a luz refletida na água, o movimento das árvores — um inefável deleite! Apresenta-se então o pensamento: "Como seria bom repetir este deleite!" Começais a pensar nele; no dia seguinte voltais ao mesmo lugar, mas não o encontrais. Tendes prazer sexual, e nele ficais pensando, remoendo-o, criando imagens e quadros. Eis como o pensamento sustenta o prazer. O pensamento sustenta o prazer e o pensamento sustenta o medo. É ele, pois, o responsável. Isto não é uma fórmula para aprenderdes; é a realidade que devemos compreender juntos. Por conseguinte, não deve haver concordância nem discordância.

Quê é, pois, o pensamento? Ele é, obviamente, a reação da memória; se não tivésseis memória, não existiria pensamento. Se não tivésseis a lembrança do caminho de casa, não poderíeis voltar para casa. Assim, o pensamento não só gera e sustenta o medo e o prazer, mas é também necessário para podermos funcionar, agir eficientemente. Vede como isto se está tornando difícil: temos de servir-nos do pensamento, total e objetivamente, para funcionarmos tecnicamente e para fazermos qualquer coisa, e ao mesmo tempo o pensamento gera medo e prazer e, por conseguinte, dor.

Assim, perguntamos a nós mesmos: Que lugar compete ao pensamento? Onde a linha divisória entre quando o pensamento deve ser utilizado completamente, e quando não deve interferir — ao vermos, por exemplo, um belíssimo pôr-do-Sol, *vivendo-o* nesse momento e logo o esquecendo. O processo do pensamento não é livre porque tem suas raízes no passado; o pensamento nunca é novo. Não há livre escolha, porque o pensamento está em função quando escolheis. Eis, pois, um problema muito sutil: vemos o perigo do pensamento gerador do medo — do medo que destrói, perverte, que faz a mente viver na escuridão, na aflição; e vemos também que o pensamento deve ser utilizado de modo eficiente e objetivo, sem emoção. Qual o estado de vossa mente, ao observardes esse fato?

Vede, senhores, muito importa compreender isto bem claramente, porque de nada serve ficardes aí sentados, ouvindo palavras sem significação, se, no fim, continuais com medo.

Quando sairdes daqui, já não deverá haver medo, não por vos terdes sugestionado, a vós mesmo, que não estais com medo, mas por terdes compreendido, realmente, psicologicamente, interiormente, a inteira estrutura do medo.

Eis por que é tão importante aprender, olhar. O que estamos fazendo é observando com toda a atenção como o medo se torna existente. Ao pensardes na morte ou em perderdes o vosso emprego, ao pensardes em dúzias de coisas do passado ou do futuro, torna-se inevitável o medo. Quando a mente vê o fato de que o pensamento deve funcionar, e vê também a periculosidade do pensamento, qual o estado da mente que vê essas coisas? Cabe-vos descobri-lo, sem esperardes que eu vo-lo diga.

Escutai com atenção; o que estou dizendo é, em verdade, muito simples. Dissemos que a análise não tem nenhum valor, e explicamos por quê. Se vistes a verdade desta asserção, vós a compreendestes. Antes, a aceitáveis como parte de vosso condicionamento. Agora, tendo visto sua futilidade e falsidade, a abandonastes. Pois bem; qual o estado da mente que se descartou da análise? Ficou mais livre, não? Por conseguinte, tornou-se mais viva, mais ativa, e, conseqüentemente, muito mais inteligente, penetrante e sensível. E, tendo visto o fato, tendo visto como o medo se torna existente, e tendo aprendido a seu respeito e observado também o processo do prazer — observai, então, o estado de vossa mente, que se está tornando bem mais penetrante, bem mais clara e, por conseguinte, sumamente inteligente. Esta inteligência não está em nenhuma relação com o saber, com a experiência; não podeis alcançá-la indo para o colégio e aprendendo a ser sensível. Ela vem após terdes observado muito atentamente toda a estrutura da análise e tudo o que ela implica — o tempo necessário e a estupidez de pensar que um fragmento pode esclarecer todo o processo — e após terdes percebido a natureza do medo e compreendido o que é o prazer.

Assim, quando o medo — que se tornou um hábito — vos assaltar amanhã, sabereis enfrentá-lo imediatamente, em vez de deixar isso para depois. E o próprio ato de enfrentá-lo é o fim dele naquele mesmo instante, porque a inteligência está funcionando. Refiro-me não só aos temores conhecidos, mas também aos temores profundos, ocultos.

Uma das coisas mais estranhas é a facilidade com que nos deixamos influenciar. Desde pequenos somos educados como

católicos, protestantes, americanos, etc. Somos o resultado de uma propaganda incessantemente repetida, e que continuamos a repetir. Somos entes humanos de "segunda mão". Por conseguinte, guardai-vos de ser influenciados por este orador, já que se trata de vossa vida, e não da vida dele.

Ao examinar-se a questão do prazer, cumpre também compreender o que é a verdadeira alegria, a qual nada absolutamente tem em comum com o prazer. Tem o prazer, o desejo, algum ponto de contato com o amor? — Para compreender tudo isso, a pessoa tem de observar a si própria. Cada um de nós é produto do mundo, cada um de nós é uma parte de todos os outros seres humanos, que têm os mesmos problemas — talvez não os mesmos problemas econômicos e sociais, mas os mesmos problemas humanos: todos lutando, fazendo esforços tremendos, e dizendo para si próprios que a vida, como está sendo vivida, é sem significação. Por essa razão é que se inventam fórmulas para o viver. Tudo isso se torna absolutamente desnecessário quando compreendeis a vossa estrutura, a estrutura do medo, do prazer, do amor, e o significado da morte. Só então se pode viver como um ente humano total, nunca se fazendo alguma coisa de errado.

Se desejardes, podeis agora fazer perguntas, tendo presente que a pergunta e a resposta se acham dentro de vós mesmos.

INTERROGANTE: Se o medo é gerado por um fator desconhecido e dizeis que é errôneo empregar o pensamento como o meio de compreendê-lo...

KRISHNAMURTI: Dizeis que temeis o desconhecido, seja o desconhecido do amanhã, seja o desconhecido propriamente dito. Significa isso que tendes medo de uma coisa que não conheceis? Ou só tendes medo em relação a uma coisa que conheceis, a que estais apegado, e, por conseguinte, temeis deixar o conhecido? Compreendestes, senhor? Se temeis a morte, estais com medo do desconhecido? Ou tendes medo porque todas as coisas que conheceis irão acabar: vossos prazeres, vossa família, vossas realizações, vossos êxitos, vossos móveis? Como se pode ter medo de uma coisa que se desconhece? E, se temeis o desconhecido, o pensamento trata de levá-lo para o campo do conhecido e, por conseguinte, de formar uma imagem dele. Conse-

qüentemente, o vosso deus é produto de vossa imaginação ou vosso medo. Portanto, senhor, deixai de especular acerca do desconhecido. O que interessa é compreenderdes o conhecido e dele vos libertardes.

INTERROGANTE: Li, uma vez, esta expressão: "Pai eu creio, socorrei-me na dúvida". — Como se pode realizar alguma coisa com este evidente conflito entre a crença e a dúvida?

KRISHNAMURTI: Por que credes em tudo o que ledes? Não importa se isso está dito na Bíblia ou no Gita ou nos livros sagrados de outras religiões, olhai-o! Por que crer? Credes no nascer do Sol de amanhã? Num certo sentido o credes: pensais que o Sol nascerá. Mas, vós credes no Céu, credes num "Pai", credes nisto e naquilo; por quê? Porque sentis medo, porque sois infeliz, porque estais só, porque temeis a morte, credes em algo que pensais ser permanente. Como pode uma mente carregada de crenças ver com clareza? Como pode ser ela livre para observar? Como pode amar? Vós tendes vossa crença, e outro tem sua crença. Compreendendo o problema do medo, não tereis crença alguma. A mente funciona então feliz, sem deformação e, por conseguinte, há uma alegria inefável, um êxtase.

INTERROGANTE: Tenho lido vossos livros e ouvido vossas palestras. Dizeis coisas belas. Ouço-vos falar sobre o medo e a maneira de eliminá-lo. Mas a mente, por natureza, está cheia de desejos, cheia de pensamentos. Como se pode ter liberdade de espírito, com a mente constantemente ativa? Qual o sistema?

KRISHNAMURTI: Senhor, que é o desejo? Por que tanto tagarela a mente?

INTERROGANTE: Insatisfação.(*)

KRISHNAMURTI: Peço-vos não responder; investigai. Vós desejais um sistema, um método, uma disciplina, para quietar a mente, para compreender isto ou aquilo, ou vos livrardes do desejo. A prática de um sistema é uma rotina mecânica, fazer a mesma coisa vezes sobre vezes, repetidamente; é isso o que um sistema implica. Que sucede quando a mente segue um

(*) Resposta à pergunta "que é o desejo?". (N. do T.)

sistema? Torna-se embotada, estúpida. Temos de compreender por que a mente tagarela, por que está sempre a andar de uma coisa para outra.

Acho que não posso examinar este ponto nesta tarde. Não estais cansados? (*gritos "Não"*) — Tivestes um longo dia de trabalho no escritório; lá, havia rotina. Aqui, dizeis que não estais cansados — e isso significa que não estivestes trabalhando (*risos*). Não estivestes empenhado numa séria investigação. Quer dizer, estivestes apenas a entreter-vos e vos ireis embora com os vossos temores. E — que sentido tem isso?

Santa Mônica, Califórnia, 4 de março de 1970.

3

A REVOLUÇÃO INTERIOR

"Uma mudança na sociedade é de importância secundária; ela virá, natural e inevitavelmente, quando, como ente humano, tiverdes operado a mudança em vós mesmo."

Estivemos considerando a extraordinária complexidade da vida de cada dia, a luta, o conflito, a aflição e a confusão em que nos vemos envolvidos. Enquanto não compreendermos verdadeiramente a natureza e a estrutura dessa complexidade, dessa armadilha em que estamos aprisionados, não haverá liberdade — nem liberdade para investigar, nem aquela liberdade oriunda da grande alegria existente no total abandono do "eu". Essa liberdade não é possível se há medo, em qualquer forma que seja, superficialmente ou nos recessos profundos da mente. Já mostramos a relação ocorrente entre o medo, o prazer e o desejo. Para se compreender o medo, cumpre também compreender a natureza do prazer.

Nesta manhã falaremos a respeito daquele centro de onde procedem nossa maneira de vida e nossas atividades, e iremos averiguar se existe alguma possibilidade de alterar esse centro. Porque, obviamente, faz-se necessária uma mudança, uma transformação, uma revolução interior. Para realizarmos tal transformação, temos de examinar com toda a atenção o que é a nossa vida, em vez de fugirmos dela, de nos entretermos com crenças e asserções teóricas; cabe-nos observar atentamente o que, na

realidade, é a nossa vida, e ver se é possível transformá-la de alto a baixo. Com essa transformação teremos a possibilidade de influir na natureza e cultura da sociedade. Urge operar-se uma transformação na sociedade, porque nela se vêem tantos males e iniqüidades, uma caricatura da devoção, etc. Mas, a mudança na sociedade é de secundária importância; ela virá, natural e inevitavelmente, quando, como ente humano, tiverdes operado a transformação de vós mesmo.

Vamos considerar, nesta manhã, três pontos essenciais: Que é o viver, a vida que levamos todos os dias; que é a compaixão, o amor; e, por último, que é a morte? Estas três coisas estão intimamente relacionadas: compreendida uma, ter-se-ão compreendido as outras duas. Como vimos, não podemos separar fragmentos da vida, escolher uma parte da vida que julgamos importante, ou que nos atrai, ou que nossas próprias tendências reclamam. Ou tomamos o todo da vida — que compreende a morte, o amor e o viver; ou tomamos um mero fragmento dela, que nos pareça satisfatório, mas que, inevitavelmente, produzirá maior confusão. Consideremo-la, pois, em seu todo, tendo em mente que a vida é uma totalidade e, portanto, uma coisa sã, sagrada.

Na cotidiana vida de relação, observa-se conflito, dor e sofrimento, uma constante dependência em que sobressai a autocompaixão e a comparação; eis a coisa que chamamos viver. Permiti-me repetir: Não estamos interessados em teorias, em propagar alguma ideologia, porque as ideologias não têm, evidentemente, nenhum valor; pelo contrário, só servem para aumentar a confusão e o conflito. Não nos interessa nenhuma opinião ou avaliação, nenhuma espécie de condenação. O que nos interessa é, tão-só, a observação do que realmente está sucedendo e ver se isso pode ser transformado.

Pode-se ver muito claramente quanto é contraditória e confusa a nossa vida diária; a vida que atualmente estamos vivendo é absolutamente insignificante. Podem-se inventar significados para ela; os intelectuais inventam uma significação e nós outros nos pomos a segui-la; pode ser até uma filosofia muito engenhosa, porém saída do nada. Mas, se só nos interessa "o que é", e, não, inventar significados ou fugas ou acalentar teorias ou ideologias; se estamos sobremodo vigilantes — nossa

mente é então capaz de enfrentar "o que é". Teorias e crenças não alteram a nossa vida; o homem sempre as teve, através de milhares de anos, e não mudou; deram-lhe elas, talvez, um polimento superficial; tornaram-no talvez menos selvagem, mas o homem continua brutal, violento, caprichoso, incapaz de manter seriedade. Vivemos uma vida em que há muito sofrimento, do nascimento à morte. Eis um fato; não há quantidade de teorias e especulações que possam alterá-lo. O que realmente altera "o que é" é a capacidade, a energia, a intensidade, a paixão com que o olhamos. E não podemos ter essa paixão e intensidade se nossa mente está a correr atrás de alguma ilusão, de alguma ideologia especulativa.

Vamos examinar uma questão muito complexa, que exige toda a vossa energia e toda a vossa atenção — não só enquanto estiverdes neste salão, mas em todo o curso de vossa vida — se sois *sérios*. O que profundamente nos interessa é a transformação de "o que é" — o sofrimento, o conflito, a violência, nossa dependência de outrem — não a do médico, do merceeiro, do carteiro, mas a dependência tanto psicológica como psicossomática existente em nossas relações com outrem. Essa espécie de dependência gera invariavelmente medo. Enquanto dependo de vós, para me amparardes emocional, psicológica ou espiritualmente, sou vosso escravo e, por conseguinte, há medo. Isso é um fato. A maioria dos entes humanos depende de outros e, nessa dependência, existe a autocompaixão nascida da comparação. Assim, onde há dependência psicológica de outrem — da esposa, do marido, etc. — há necessariamente não só medo e prazer, mas também há a dor que os acompanha. Espero estejais observando tudo isso em vós mesmo, em vez de estardes meramente ouvindo as palavras do orador.

Há duas maneiras de ouvir: ouvir superficialmente uma série de idéias, concordando ou discordando, e ouvir, escutar, não só as palavras e os respectivos significados, mas ainda o que se está passando em nosso interior. Se escutais dessa maneira, então o que o orador está dizendo se relaciona com o que estais escutando dentro de vós mesmo. Não estais, então, meramente escutando o que diz o orador — que é irrelevante — mas, sim, estais "escutando" todo o conteúdo de vosso ser. E, se dessa maneira estais escutando, com "intensidade", ao mesmo

tempo e no mesmo nível, então ambos estamos participando, compartilhando no que realmente está sucedendo. Tendes, então, a paixão que transformará "o que é". Mas, se não escutardes assim, com vossa mente inteira e vosso coração inteiro, então, uma reunião como esta se tornará totalmente insignificativa.

Compreendendo "o que é", a vida real e terrível que estamos levando, percebemos que estamos vivendo num estado de isolamento. Ainda que um homem tenha esposa e filhos, dentro dele está sempre funcionando um processo de isolamento. A esposa, a amiga ou amigo, cada um está vivendo isolado; embora vivendo juntos, sob o mesmo teto, cada um está isolado em suas próprias ambições, temores e tristezas. Essa espécie de vida é chamada "vida de relação". Outro fato: Vós tendes a imagem de vossa esposa, e ela tem a vossa imagem; e tendes também vossa imagem de vós mesmo. A relação é entre essas imagens; não é uma relação real. Destarte, em primeiro lugar cumpre descobrir como se formam essas imagens, como se tornam existentes, por que razão existem e o que significa viver sem elas. Não sei se já considerastes se pode haver uma vida em que não haja nenhuma imagem, nenhuma fórmula, e a significação que terá uma vida sem imagens. Examinemos isto.

Estamos, a todas as horas, tendo experiências, das quais estamos conscientes ou inconscientes. Cada experiência deixa uma marca; dia após dia, essas marcas vão tomando forma e se tornam a imagem. Alguém vos insulta, e neste momento está formada a vossa imagem dessa pessoa. Ou alguém vos lisonjeia e, mais uma vez, está formada a imagem. Assim, inevitavelmente, cada reação produz uma imagem. E, tendo criado a imagem, podeis acabar com ela?

Para se pôr fim a uma imagem, deve-se primeiramente descobrir como se torna ela existente; e sabemos que, se não reagimos adequadamente a um desafio, ele deixa inevitavelmente uma imagem. Se me chamais "idiota", vos tornais imediatamente meu inimigo, não gosto de vós. Quando me chamais idiota, devo, nesse momento, estar intensamente cônscio, sem nenhuma escolha, nenhuma condenação; escutar, apenas, o que dizeis. Se não há nenhuma reação emocional ao que dizeis, nenhuma imagem se forma.

Devemos, pois, estar cônscios da reação e não lhe dar tempo para enraizar-se; porque, no momento em que a reação lança raízes, forma-se a imagem. Sois capaz disso? O que se requer é atenção. Não podeis passar pela vida a sonhar; ao ocorrer um desafio, deveis prestar-lhe atenção com todo o vosso ser, escutar com todo o coração e toda a mente, de modo que vejais com clareza o que se está dizendo — seja um insulto, seja uma lisonja, seja uma opinião, a vosso respeito. Vereis, então, que nenhuma imagem se forma. A imagem é sempre do que sucedeu no passado. Se é agradável, a ela nos apegamos. Se dolorosa, dela queremos livrar-nos. Assim nasce o desejo: uma coisa desejamos conservar, outra coisa queremos rejeitar; e o desejo produz conflito. Se vos tornardes bem cônscio disso, prestando-lhe atenção sem nenhuma escolha, simplesmente observando, sereis então capaz de *descobrir* por vós mesmo; não estareis, então, vivendo de acordo com algum psicólogo, sacerdote ou doutor. Para descobrirdes a verdade, deveis estar completamente livre, *só*. E "estar só" é voltar as costas à sociedade.

Se vos observastes atentamente, tereis visto que uma parte de vosso cérebro, evolvida através de muitos milhares de anos, é o passado; e o passado é experiência, memória. Nele se encontra segurança. Espero estejais observando tudo isso em vós mesmo. O passado reage sempre imediatamente, e, retardar a reação do passado, ao apresentar-se um desafio, de modo que haja um intervalo entre o "desafio" e a "resposta", é pôr fim à imagem. Se isso não se fizer, ficaremos vivendo sempre no passado. Nós *somos* o passado, e no passado não há liberdade. Eis, pois, a nossa vida — uma constante batalha, o passado, modificado pelo presente, em marcha para o futuro, que é ainda o movimento do passado, embora modificado. Enquanto existir esse movimento, o homem não será livre, achar-se-á sempre num estado de conflito, de sofrimento, confusão, aflição. Pode a reação do passado ser retardada, de modo que não haja a imediata formação de uma imagem?

Temos de olhar a vida tal como é, ver esta interminável confusão e aflição, e a fuga desse estado para alguma superstição religiosa ou o culto do Estado, ou para divertimentos de várias espécies. Impende ver como fugimos para as neuroses — pois uma neurose oferece uma extraordinária impressão de

segurança. O homem que crê é neurótico, e neurótico é também o que adora uma imagem. Nestas neuroses encontra-se muita segurança. E a segurança não faz operar-se uma radical revolução em nós mesmos. Para realizá-la, cumpre observar sem escolha, sem nenhuma deformação causada pelo desejo, pelo prazer ou pelo medo. Temos de observar o que realmente somos, sem nenhuma espécie de fuga. E não deis nome ao que vedes: observai-o, apenas! Tereis então a paixão, a energia necessária ao observar, e nesse observar verifica-se uma extraordinária transformação.

Que é o amor? A seu respeito muito se fala: amor a Deus, amor à humanidade, amor à Pátria, amor à família; todavia, o estranho é que esse amor anda acompanhado do ódio. Amais ao vosso Deus e odiais o deus de outrem, amais vossa pátria, vossa família, mas estais contra a família de outrem, a pátria de outrem. E, cada vez mais, em todas as partes do mundo, o amor está sendo associado ao sexo. Não estamos condenando, nem avaliando, nem tampouco julgando: estamos apenas observando o que de fato está sucedendo, e, se souberdes observá-lo, essa observação vos dará uma energia extraordinária.

Que é amor? Que é compaixão? A palavra "compaixão" significa paixão por todos, afeição para com todos os seres — inclusive os animais que matais para comer. Olhemos primeiramente o que realmente *é* — não "o que deveria ser", mas o que realmente existe em nossa vida diária. Sabemos o que significa amar, ou só conhecemos o prazer e o desejo, chamando-os "amor"? É certo que o prazer e o desejo se acompanham também de ternura, desvelo, afeição, etc., mas o amor é prazer, desejo? Para a maioria de nós, é, evidentemente. Um homem depende de sua esposa, ama sua esposa, mas se ela olha para outro homem, fica enraivecido, sente-se frustrado, infeliz — e o epílogo é o tribunal de divórcios. É isso que chamais "amor"; e se vossa esposa morre, tomais outra esposa, tamanha é a dependência! Um homem nunca indaga por que razão depende psicologicamente de outrem. Se examinardes bem isso, vereis quanto, bem no fundo de vós mesmo, estais só, frustrado, quanto sois infeliz. Não sabeis o que fazer com essa solidão, esse isolamento, que é uma forma de suicídio. E, assim, não sabendo o que fazer, dependeis. Essa dependência proporciona consola-

ção, uma relação de companheirismo, mas, se esse companheirismo se altera ligeiramente, ficais enciumado, furioso.

Mandaríeis vossos filhos à guerra, se os amásseis? Dar-lhes-íeis a espécie de educação que agora estão recebendo, consistente em prepará-los tecnicamente para obterem empregos, passarem em exames, desprezando-se o todo desta vida maravilhosa? Até os cinco anos de idade, tendes muitos desvelos para com eles; depois, os jogais às feras. Eis o que chamais "amor". Existe amor, se há violência, ódio, antagonismos?

Assim, que fareis? Nessa violência e ódio está contida vossa vida e vossa moralidade; quando os rejeitardes, sereis virtuoso. Isso significa compreender o inteiro significado do amor; estais, então, só, e sois capaz de amar. Escutai isto, porque é a verdade. Se não viveis essa verdade, ela se torna um veneno; se ouvis uma coisa verdadeira e dela fazeis pouco caso, ela produzirá mais uma contradição na vida e, por conseguinte, mais aflição. Portanto, ou escutai com o coração, com vossa mente inteira, ou tapai os ouvidos. Mas, como aqui vos achais, estais escutando — espero-o!

O amor não é o oposto de coisa alguma. Não é o oposto do ódio ou da violência. Mesmo quando não dependeis de ninguém e viveis uma vida muito virtuosa — tomando parte em obras sociais, desfilando em manifestações — se não tendes amor, nada disso tem valor. Se amais, podeis fazer o que quiserdes. Para o homem que ama não há erro; ou, se há, sabe corrigi-lo imediatamente. O homem que ama não tem ciúme, não tem remorsos. Para ele não existe o perdão, porque nunca surge uma ocasião em que haja algo para perdoar. Tudo isso exige profunda investigação, muito zelo e atenção. Mas, vós estais aprisionado na armadilha da moderna sociedade; vós mesmo criastes a armadilha, e se alguém vos chama a atenção para ela, não fazeis caso disso. E, assim, continua a haver guerras e ódio.

Eu gostaria de saber como considerais a morte; não teoricamente, mas o que ela, de fato, significa para vós — não como uma coisa que inevitavelmente se verificará, por acidente, doença ou velhice. Esta vem para todos — a velhice, e o que se faz para disfarçá-la, para parecer jovem. Todas as teorias e toda espécie de esperança significam que vos achais em desespero;

por causa desse desespero, buscais algo que vos dê esperança. Já olhastes o vosso desespero, para ver por que ele existe? Ele existe porque vos estais comparando com outra pessoa, porque desejais preencher-vos, "vir a ser", realizar coisas.

Um dos fatos estranhos da vida é estarmos condicionados pelo verbo "ser" — porque nele está contido o passado, o presente e o futuro. Todo condicionamento religioso baseia-se no verbo "ser"; nele se baseiam o céu, o inferno, todas as crenças, todos os salvadores, todos os excessos. Pode um ente humano viver sem esse verbo — quer dizer, viver e não ter passado nem futuro. Isso significa "viver no presente" — pois não sabeis viver no presente. Para viverdes completamente no presente, deveis conhecer a natureza e estrutura do passado — ou seja, conhecer a vós mesmo. Deveis conhecer-vos tão completamente que não haja nenhum canto oculto; o "vós" é o passado e se nutre daquele verbo "ser": "vir a ser", realizar, lembrar. Descobri(*) o que significa viver, psicologicamente, interiormente, sem esse verbo.

Que é a morte? Por que nos inspira ela tanto terror? Em toda a Ásia crê-se na reencarnação; essa crença proporciona uma grande esperança — não sei por quê; sobre ela se fala e se escreve incessantemente. Ao considerardes a coisa que vai encarnar, que é ela? — vosso passado, vossa aflição, vossa confusão, tudo o que sois agora? E pensais que o "vós" (aqui se usa a palavra "alma") é uma entidade permanente. Existe alguma coisa, nesta vida, que seja permanente? Gostaríeis de ter algo de permanente, e, por isso, afastais a morte para longe, para bem longe de vós; nunca a encarais, porque a temeis. Tendes, então, o "tempo" — o tempo que pondes entre "o que é" e o que inevitavelmente acontecerá.

Ou "projetais" a vossa vida para o amanhã e continuais a ser o que agora sois, na esperança de uma certa espécie de ressurreição, de encarnação; ou morreis cada dia para vós mesmo, para vossa aflição e vosso sofrer; lançais fora essa carga, em cada dia, para que vossa mente seja nova, juvenil, "inocente". A palavra "inocente" significa "incapaz de sofrer dano"

(*) Imperativo — "descobri vós" e não, eu descobri"). (N. do T.)

(*sic*). Ter uma mente incapaz de sofrer dano não significa ter construído um baluarte de resistência; pelo contrário, essa mente está morrendo para tudo o que tem conhecido e lhe tem trazido conflito, prazer e dor. Só então a mente é inocente e, por conseguinte, capaz de amar. Não podeis amar com a memória; o amor não depende de lembrança, não depende do tempo.

Assim, o amor, a morte e o viver não existem separados; são um todo e, em conseqüência, uma coisa sã. Não se pode ser são se há ódio, cólera, ciúme; se há a dependência, geradora de medo. Havendo sanidade, a vida se torna sagrada; há nela suprema alegria, e podeis fazer o que quiserdes e tudo o que fazeis é virtuoso, verdadeiro.

Tudo isso desconhecemos; só conhecemos nossa aflição. E, desconhecendo-o, apelamos para a fuga. Que bom seria se não fugíssemos de "o que é", e tratássemos de observá-lo, de nunca nos afastarmos dele, nem por uma fração de segundo, dando-lhe um nome, condenando-o ou julgando-o; se pudéssemos apenas observá-lo. Para observardes uma coisa, necessitais de zelo; zelo significa compaixão. Numa vida tão esplêndida e completa, podemos entrar num estado de que falaremos amanhã e que se chama "meditação". Sem essa base, meditação é auto-sugestão. Lançar essa base significa ter compreendido esta vida maravilhosa; tendes então uma mente livre de conflito e podeis viver uma vida em que existe a compaixão, a beleza, e, por conseguinte, a ordem — não a ordem planejada, mas a ordem que vem quando compreendeis a desordem — a vossa vida. Vossa vida *está* em desordem. Desordem é contradição e conflito entre opostos. Ao compreenderdes a desordem em vós existente, dessa compreensão vem a ordem — uma ordem precisa, matemática, em que não há deformação alguma. Tudo isso requer uma mente meditativa, uma mente capaz de olhar em silêncio.

INTERROGANTE: Num dos vossos livros dizeis que os milagres são uma das coisas mais fáceis. Podeis explicar a que milagre vos referis?

KRISHNAMURTI: Seria preferível não fazerdes citações de nenhum livro, mesmo um livro deste orador (*risos*). Estou falando sério: não citeis ninguém. Viver das idéias de outros é uma

das coisas mais terríveis que se podem fazer. Idéias não são a verdade. "Num dos vossos livros dizeis que milagres são as coisas mais fáceis do mundo". Não são? Não é um milagre estardes sentado aí e eu aqui, falando um com o outro? Se escutardes sem esforço, sabereis o que significa viver completamente, totalmente; se viverdes dessa maneira, haverá um milagre, o maior de todos os milagres.

INTERROGANTE: Estive ausente deste país durante vinte e sete anos, tendo voltado há cerca de três meses. Vejo que aqui se está criando uma tremenda atmosfera de medo. Por minha própria observação e pela de meus amigos creio que a Máfia está ganhando terreno e que estamos assistindo ao desenvolvimento de um verdadeiro estado policial. Podeis ajudar-nos, como indivíduos, dar-nos a chave para a solução destas condições? Compreendo que lutar será difícil e, também, se lutarmos, estaremos sujeitos a ir para a prisão. Que pode cada indivíduo, por si próprio, fazer para combater essas coisas terríveis?

KRISHNAMURTI: Senhor — não estou fugindo à pergunta — podeis, vós, como indivíduo, ser pacífico? Sois realmente um indivíduo? Podeis ter depósito no banco, casa própria, família, mas sois um indivíduo? "Indivíduo" significa "indivisível em si mesmo", não fragmentado. Mas, nós estamos fragmentados e, portanto, não somos indivíduos. O que a sociedade é, nós somos. Nós criamos esta sociedade. Assim, que pode fazer um ente humano senão ingressar naquele estado em que ele se torna um todo completo? Verifica-se, então, uma ação de natureza completamente diferente. Mas, enquanto estivermos agindo de maneira fragmentária, estaremos, inevitavelmente, criando mais caos no mundo. Estou certo de que esta resposta não satisfaz a ninguém; vós quereis a chave, mas a chave está em vós mesmo. Vós tendes de forjá-la.

INTERROGANTE: Mas o tempo é breve, e não pareço capaz de descobrir o que se deve fazer a esse respeito.

KRISHNAMURTI: "O tempo é breve" ... Podeis mudar imediatamente, não gradualmente, ou amanhã? Sois capaz dessa percepção de uma vida total, na qual existe o amor, e tudo o mais de que estivemos falando nesta manhã — imediatamente? O orador diz que a única coisa que se pode fazer é mudar

completamente, radicalmente — imediatamente. Para tanto, tendes de observar com todo o coração e toda a mente; não fugir para coisa alguma — o nacionalismo ou vossas crenças; afastar todas essas coisas instantaneamente, e tornar-vos completamente cônscio. Há, então, uma transformação radical, imediata, e, em virtude dessa imediata transformação, agireis de maneira bem diferente.

INTERROGANTE: O amor tem objeto? Pode-se amar, na vida, uma só pessoa?

KRISHNAMURTI: Ouvistes esta pergunta? Pode-se amar a uma só pessoa, ao mesmo tempo que amais a todos? Uma pergunta bem estranha, esta! Se amais, amais, a um só ou a todos. Mas nós não amamos. Senhor, muitos podem cheirar uma flor perfumosa, ou um só pode cheirá-la. À flor isso não importa; ela existe. E esta é a beleza do amor: ele pode dar-se a um ou a todos. Isso só é possível quando há compaixão, quando não há ciúme, nem ambição, nem sucesso; e isso é a negação de tudo o que o homem construiu em si ou ao redor de si. Pela negação torna-se existente o positivo.

Santa Mônica, Califórnia, 7 de março de 1970.

4

RELIGIÃO

"A religião, pois, é algo que não se pode expressar em palavras, que não pode ser medido pelo pensamento."

DISSEMOS que nesta tarde íamos falar sobre a religião e a meditação. Ambas constituem um assunto verdadeiramente complexo, que requer muita paciência e cuidadosa investigação; investigação em que nada se supõe, nada se aceita, nada se crê. O homem sempre buscou uma certa coisa superior ao viver diário, com suas dores, prazeres e tristezas; sempre desejou encontrar algo mais duradouro. E, na busca dessa coisa inominável, construiu templos, igrejas, mesquitas. Coisas incríveis se fizeram, em nome da religião. Houve guerras pelas quais as religiões foram responsáveis; entes humanos foram torturados, queimados, destruídos; porque a crença era mais importante do que a verdade, o dogma mais essencial do que a percepção direta. Se a crença se torna da máxima importância, o indivíduo está pronto a tudo sacrificar por ela; se essa crença é real ou nenhuma validade tem, não importa, desde que proporciona consolação, segurança, uma sensação de permanência.

Quando buscamos uma coisa, é muito fácil achá-la; mas, isso significa que, antes de sairmos a buscá-la, devemos ter uma base, uma idéia do que vamos buscar. Na busca estão compreendidos vários "processos"; há não só o desejo e a esperança de que aquilo que reconhecerdes será a verdade, mas há também

o motivo que inspira essa busca. Se esse motivo é fugir ao medo, se é ânsia de consolação e segurança, então, inevitavelmente, achareis uma coisa que vos dará satisfação; a crença pode ser das mais absurdas, mas, desde que seja confortante, então, por mais ridícula que seja essa ilusão, a ela ficais apegado. Há, pois, um grande perigo para todo aquele que está buscando.

Se existe alguma espécie de medo, oculto ou patente, a busca se torna uma evasão, uma fuga à realidade. E se, na vossa busca, descobris alguma coisa, esse descobrimento se baseia no reconhecimento; tendes de reconhecer essa coisa, senão o descobrimento é sem valor. Mas o reconhecimento, se observardes bem, vem da memória, do passado, é de algo que conhecestes antes; do contrário, não haveria possibilidade de reconhecê-lo. Tudo isso está implicado em nossa perpétua busca daquilo que pensamos ser a Verdade; mas, uma coisa existente além dos limites da mente não pode ser reconhecida.

"Religião", na acepção comum dessa palavra, tornou-se uma questão de propaganda, de direitos adquiridos, grandes riquezas, e um imponente sistema hierárquico e burocrático de "espiritualidade". A religião se tornou um caso de dogma, crença e ritual, uma coisa totalmente divorciada do viver diário. Podeis crer ou não crer em Deus, mas vossa crença é mui pouco significativa na vida diária, em que enganais e destruís vossos semelhantes, em que sois ambiciosos, ávidos, ciumentos, violentos. Credes em Deus ou num Salvador ou num certo *guru* e, no entanto, mantendes essa crença a distância, para que ela não influa em vossa vida de cada dia.

Tal como atualmente existe, a religião é um fenômeno estranho e sem nenhuma validade. O cristão, nos últimos dois mil anos, tem sido condicionado para crer. Tende a bondade de observar o que se passa em vós mesmo, sem criticá-lo nem condená-lo — simplesmente observá-lo. Podeis não gostar de fazê-lo, mas tendes de enfrentar o fato, isso que sois — um cristão, talvez, tão condicionado como o comunista ou o ateu. Tanto o crente como o descrente estão condicionados pela cultura da época, pela sociedade, pelo extraordinário "processo" da propaganda. A mesma coisa vem ocorrendo, há milhares de anos, na Ásia.

Toda a estrutura física, as asserções psicológicas, as fortes crenças, pelas quais cada um está pronto a destruir ou a ser

destruído, baseiam-se na opinião dialética, assertiva, sobre a maneira de descobrir o verdadeiro; mas a "opinião verdadeira", por mais sutil e racional que seja, não tem realidade alguma; permanece uma mera opinião. As religiões ora existentes em todo o mundo são totalmente despidas de significação. Queremos ser entretidos espiritualmente e, assim, freqüentamos a igreja, ou o templo, ou a mesquita, e isso não está em nenhuma relação como nosso diário sofrimento, nossa confusão e ódio. O homem realmente sério, que deveras deseja descobrir se algo existe de superior a esta coisa terrível chamada "existência", deve, obviamente, estar de todo livre do dogma, da crença, da propaganda, de todo livre da estrutura em que foi criado, para ser então um homem religioso.

Pela negação de "o que é", nas chamadas religiões, alcança-se o positivo. Vamos descobrir, se possível, que coisa é essa que o homem sempre buscou — vamos descobri-la, não por meio de alguma crença, de algum salvador ou guru, ou por meio deste orador. Vamos descobrir por nós mesmos se existe ou não existe alguma coisa que não seja uma "projeção" de nossas próprias esperanças, nossos temores, alguma coisa não inventada por uma mente solerte, ou gerada por nossa intensa solidão.

Para descobri-la, cumpre estar livre de qualquer crença; porque a crença é uma coisa em que a mente deposita sua esperança, sua consolação e segurança, seu desejo de permanência. Para investigar, a pessoa deve estar libertada do medo, da ansiedade, do desejo de estar psicologicamente em segurança. São esses os requisitos que deve preencher uma pessoa verdadeiramente ardorosa e séria que deseja descobrir.

O instrumento capaz de investigar é a mente lúcida, em que não há nenhuma deformação, nenhum preconceito formado por conclusões, fórmulas, crenças. Vede quanto é difícil ter uma mente livre de conflito; porque isso significa que a mente, compreendendo o conflito, dele se libertou.

A mente — isso não significa apenas "a mente", mas também o coração, toda a natureza psicossomática do homem — deve ser sensível no mais alto grau; porque sensibilidade significa inteligência. Vamos examinar um pouco este ponto, a fim de lançarmos a base para a meditação. Se não se lança essa base, que é a ordem, a meditação — uma das coisas mais mara-

vilhosas da vida — se torna uma mera fuga, automistificação, auto-sugestão. Uma mente vulgar pode aprender todos os respectivos artifícios e praticar o que se chama "meditação", mas permanecerá uma mente vulgar, entorpecida.

Em geral, temos pouquíssima energia; gastamos nossa energia no conflito, na luta, desperdiçamo-la de diversos modos; não só sexualmente, mas também uma grande porção de nossa energia é desperdiçada em contradições e na fragmentação de nós mesmos, produtora de conflito. O conflito, positivamente, é um grande desperdício de energia; reduz a "voltagem". Não só a energia física é necessária, mas também o é a energia psicológica, que requer uma mente sobremodo lúcida, lógica, sã, não deformada, e um coração em que não haja nenhuma espécie de sentimentalidade, nenhuma emoção, mas abundância de amor e de compaixão. Vem daí uma grande "intensidade", paixão. Necessitais de compaixão, senão não podereis empreender a viagem para o descobrimento dessa coisa chamada meditação. Podeis ficar sentados de pernas cruzadas, respirando de uma certa maneira, fazendo coisas fantásticas(*) porém jamais chegareis a ela.

O corpo precisa ser sumamente sensível; esta é uma coisa das mais difíceis, porque estragamos a inteligência corporal, com o beber, com o fumar, cedendo a nossos apetites, entregando-nos ao prazer. Embrutecemos o nosso corpo. Olhai o vosso corpo, que devia ser tão cheio de vida e sensibilidade, e vereis o estado a que o reduzistes! O corpo está em relação com a mente e a mente em relação com o corpo e, por essa razão, é uma coisa essencial a sensibilidade do corpo, do organismo. Essa sensibilidade não pode ser criada submetendo-nos a jejuns e praticando artifícios de toda espécie. A mente deve observá-lo desapaixonadamente (espero que o estejais fazendo agora, enquanto o orador examina o problema, não o deixando para "amanhã ou depois"; porque, como dissemos, nós estamos participando, todos juntos, na jornada, na exploração).

(*) Alusão a certas práticas referidas por Krishnamurti noutros lugares — "fitar o dedo grande do pé, pôr-se de pernas para o ar, com a cabeça no chão" etc. (V. SUPREMA REALIZAÇÃO, pág. 158, 2.º §). (N. do T.)

A observação de "o que é", é a compreensão desse fato. A compreensão deriva da observação de "o que é"; o exame de "o que é", no viver diário, leva à compreensão da experiência. Quase todos nós desejamos experiências extraordinárias, porque nossa vida é tão estreita, tão monótona! Queremos experiências profundas, duradouras, belas, mas nem sequer compreendemos ainda o significado da palavra "experiência", e a mente que anda em busca de uma experiência é incapaz de compreender a verdade. Cumpre transformar a vida que estamos levando todos os dias; o ódio e a violência em nós existentes, nossas ansiedades, complexos de "culpa", nossos impulsos para o êxito, para nos tornarmos "alguém" — tudo isso tem de acabar; e, se não o transformarmos radicalmente, nenhuma significação tem nos esforçarmos para ter uma certa experiência.

A pessoa que espera ver a verdade com o tomar drogas, que por meio das drogas espera experiências e entretenimentos extraordinários, torna-se um escravo delas e, finalmente, um ente embotado, entorpecido.

Estamos investigando a questão da mente religiosa — não o que é religião, mas o que é a mente religiosa, a mente capaz de descobrir a Verdade. É incerta a origem da palavra "religião", mas podemos dar-lhe qualquer significação que nos agrade — como em geral fazemos. Mas, não ter opinião alguma sobre o que é religião significa estar livre para investigá-la, para investigar a natureza da mente religiosa. Essa mente não está separada do viver diário, de dor, de prazer, de tristeza e confusão.

Para investigarmos esta questão, temos de estar livres de qualquer espécie de autoridade. Só vós podeis descobrir algo; nenhum livro, nem ninguém pode ajudar-vos. Vede quanto isso é importante, porquanto depositamos em outros nossa fé e confiança, confiamo-nos ao sacerdote, aos salvadores, aos instrutores, para nos guiarem — e eles não nos levaram a parte alguma.

Aqui, não necessitamos de autoridade alguma; estamos investigando como autênticos cientistas, e sem buscar resultados. Não existindo nenhuma autoridade, não há então nenhum sistema, nenhuma coisa para praticar. Sistema, método, implica rotina, formação de hábito. Se se pratica diariamente um certo sistema, a mente se torna, invariavelmente, embotada. Isto é

bem simples e óbvio. Por conseguinte, todos os sistemas, métodos e práticas devem desaparecer. Vede o que se passa na mente que não tem medo, que não está buscando prazeres ou entretenimentos, que não depende de nenhuma autoridade, mas está realmente investigando; para a mente que de nada depende não existe medo e, portanto, ela é capaz de investigar. Essa mente já se tornou sobremodo penetrante, viva, "intensa", ardorosa. (Quando empregamos a palavra "mente", entendemos a sua totalidade, inclusive o organismo, o coração). Essa mente tem beleza; já que não observa nenhum método, ela é lúcida capaz de investigar, observar, e aprender enquanto observa. O aprender não difere da ação. Aprender é agir. Se aprendeis acerca do nacionalismo, dos perigos da separação, da divisão dos povos, se o observais e compreendeis, então essa própria compreensão, que é ação, põe fim àquela divisão. A observação, por conseguinte, é de extraordinária importância.

Todos vós, provavelmente, sabeis algo a respeito da Ioga. Sobre ela se têm escrito livros e mais livros, e qualquer um que passa alguns meses na Índia toma lições de Ioga e se torna iogue. A palavra "ioga" tem vários significados: ela designa uma maneira de vida e não apenas a prática de certos exercícios para manter jovem o corpo. Implica uma maneira de vida em que não há divisão e, por conseguinte, não há conflito — e esta é a maneira de ver deste orador acerca da Ioga. Naturalmente, exercícios adequados, praticados com regularidade, são benéficos, e conservam o corpo flexível. Eu próprio os pratiquei durante anos, não com o fim de atingir um certo estado maravilhoso por meio do ritmo da respiração, etc., porém a fim de manter flexível o corpo. É necessário o exercício adequado, a adequada alimentação, que não consiste em nos fartarmos de carne — e, em conseqüência, nos tornarmos brutais e insensíveis. Cada um deve descobrir o regime que lhe convém, e experimentá-lo, pô-lo à prova.

Outro artifício que vos foi inculcado é isso que se chama "*mantra yoga*". Por quinze ou trinta dólares ensina-se alguma coisa de *mantra* — uma repetição de palavras, principalmente em sânscrito. Os católicos têm o rosário e repetem ave-marias, e outras coisas mais. Sabeis o que sucede quando se repete constantemente uma série de palavras? A pessoa hipnotiza a si pró-

pria para se pôr num estado de tranqüilidade. Ou é "levada" pelo som da palavra. Quando se fica repetindo uma certa palavra, ela produz um som interiormente. Esse som interior — se lhe prestais atenção — continua a vibrar, torna-se sobremodo vivo e pensais ser isso uma coisa maravilhosa. Mas não é tal, pois trata-se apenas de uma forma de auto-sugestão. Isso, também, deve ser rejeitado completamente.

Passemos a outro assunto muito diferente: o percebimento e a atenção. Não sei se já investigastes essas coisas, não lendo livros ou recebendo lições de "percebimento" em alguma escola ou mosteiro da Ásia — mas, se as investigastes, tereis visto por vós mesmo o que significa ser ensinado por outrem. Cada um tem de aprender por si próprio o que significa percebimento — estar cônscio da sala em que está sentado, de suas proporções, das cores de sua pintura, sem dizer que é feia ou bonita — apenas observando; percorrendo a rua, estar cônscio de tudo o que se passa em redor, observando as nuvens, as árvores, a luz refletida na água, o pássaro que voa — estar cônscio sem nenhuma interferência do pensamento, sem deixá-lo dizer "isto é certo", "isto é errado", "isto deve ser", "isto não deve ser"; estar cônscio das coisas que sucedem no exterior, e também estar cônscio interiormente — de cada movimento do pensamento, de cada sentimento, de cada reação. Isso torna a mente sobremodo alertada.

Há diferença entre concentração e atenção. Concentração é um processo de exclusão, um processo de resistência e, conseqüentemente, há conflito. Já observastes a vossa mente quando estais tentando concentrar-vos numa dada coisa? Ela divaga, e vós tentais obrigá-la a voltar. Está travada a batalha: quereis focalizar, concentrar a atenção numa coisa e o pensamento está interessado em olhar pela janela, ou noutra coisa qualquer. Nesse conflito há um enorme desperdício de energia e de tempo

Perguntamos: Por que está a mente sempre a tagarelar, a falar entre si, por que deseja manter-se sempre ocupada — lendo livros, ouvindo rádio, sempre em atividade? Por que isso? Já deveis ter observado esse hábito de inquietação; o corpo é incapaz de manter-se quieto por muito tempo: está sempre a fazer alguma coisa, a remexer-se. A mente, também, taramela de contínuo; se não o fizesse, que seria dela? Ela teme, e, portanto,

tem de manter-se ocupada. Mantém-se ocupada com a reforma social, com isto ou aquilo, com alguma crença, alguma briga, alguma coisa que sucedeu no passado; está constantemente pensando.

Como dissemos, a atenção é de todo diferente da concentração. O percebimento e a atenção (não a concentração) são inseparáveis. A mente bem atenta pode observar com toda a clareza, sem nenhuma deformação, nenhuma resistência e, todavia, funcionar eficientemente, objetivamente. Qual a natureza dessa mente? (Espero que isso vos interesse, porque faz parte de vossa vida; rejeitá-lo é rejeitar a própria vida. Se não conheceis o significado e a beleza da meditação, nada sabeis acerca da vida.) Podeis possuir um carro do último modelo, ter a possibilidade de percorrer o mundo inteiro, mas, se desconheceis a beleza, a liberdade e a alegria da meditação, estais perdendo uma grande parte da vida. Mas isso não é para que digais "preciso aprender a meditar". A meditação é uma coisa que "acontece" naturalmente. A mente que está investigando chega inevitavelmente à meditação; a mente vigilante, que observa em si própria "o que é", essa mente está compreendendo, está conhecendo a si própria.

Perguntamos: Qual a natureza da mente que alcança esse estado, naturalmente, sem esforço algum? Se olhais uma árvore, uma nuvem, o rosto de vossa mulher, de vosso marido ou de vosso vizinho, é só em silêncio que podeis observá-lo com clareza. Só podemos escutar se não há nenhum barulho "projetado" de nós mesmos. Quando estais a tagarelar com vós mesmo, comparando o que se está dizendo com o que já sabeis, não escutais. Ao observardes com vossos olhos e havendo a interferência de preconceitos de toda espécie, e do conhecimento, não estais então observando realmente. Assim, observar e escutar realmente — isso só se pode fazer em silêncio.

Não sei se alguma vez em vossa vida conhecestes este silêncio. Ele não é uma coisa que se pode cultivar, que leva anos para alcançar, porquanto não é produto do tempo ou da comparação, mas, sim, produto da observação, na vida diária — observação de vossos pensamentos e compreensão do pensamento. *Quando a mente está inteiramente cônscia, torna-se sobremodo silenciosa, quieta; naquele silêncio, ela não está a*

dormir, porém sumamente desperta. Só então ela pode ver o que é a Verdade, só então pode ver se existe, ou não, alguma coisa além de seus limites. Só essa mente é religiosa, porque abandonou de todo o passado, embora possa servir-se da memória do passado. A religião, pois, é algo que de modo nenhum pode expressar-se em palavras, ser medido pelo pensamento — pois o pensamento *está* sempre medindo, ele é, como dissemos, a reação do passado. O pensamento nunca é livre; funciona sempre no campo do conhecido.

Assim, para ser capaz de compreender o que é a Verdade, o que é a Realidade — se tal coisa existe — a pessoa deve estar livre de todos os artifícios, mistificações e ilusões humanas. E isso exige muito trabalho. Exige disciplina interna, disciplina sem imitação, obediência ou ajustamento. Vem a disciplina com a observação de "o que é" e o aprender a seu respeito; esse aprender a respeito de "o que é" é, em si, disciplina. Com essa disciplina vem a ordem, e com esta o fim de nossa desordem interior. Tudo o que temos dito, desde o início destas palestras até agora, faz parte da meditação.

Só quando se sabe olhar uma nuvem ou apreciar a beleza da luz sobre o mar, olhar o rosto da esposa, do filho, da filha, com olhos novos, que jamais choraram, com uma mente inocente e intata, só então pode a Verdade ser percebida.

INTERROGANTE: Há pouco tempo verifiquei por mim mesmo o que dizeis — que a chave da liberdade interior é o percebimento de que o observador e a coisa observada são uma só entidade. Eu tinha de executar um trabalho muito difícil e cansativo e a ele criara uma forte resistência. Percebi que eu era essa resistência, e era apenas a resistência que estava olhando a resistência. E, então, subitamente, a resistência desapareceu, como por milagre, tive até, fisicamente, forças para concluir aquele trabalho.

KRISHNAMURTI: Estais procurando confirmar o que eu digo, para me estimular ou estimular os outros ouvintes?

INTERROGANTE: Necessita-se de enorme energia para se chegar ao ponto de perceber que o observador e a coisa observada são uma só entidade.

KRISHNAMURTI: Diz este senhor que o observador é a coisa observada; quer dizer, quando há medo, o observador faz parte desse medo. Não se está identificando com o medo; faz parte dele. Perceber isso é muito simples. Ou o percebemos verbalmente, teoricamente — compreendendo o significado das palavras; ou percebemos realmente que o observador e a coisa observada são uma só entidade. Se efetivamente o percebeis, esse percebimento opera uma mudança fundamental em vossa vida; põe fim ao conflito. Havendo divisão, separação entre o observador e a coisa observada, existe um intervalo de tempo e, por conseguinte, conflito. Quando realmente vedes, e, pela observação, verificais que o observador e a coisa observada são um só todo, está então terminado todo o conflito existente em vossa vida e vossas relações.

INTERROGANTE: Ao percebermos que o passado, como memória, se interpõe entre algo de mais profundo e o exterior, que se pode fazer? Nós não podemos detê-lo — e ele continua em movimento.

KRISHNAMURTI: A memória se interpõe entre o exterior e o interior. Temos o interior, o exterior, e a mente, com a função de memória, como coisa separada, como o passado. Agora são três coisas: o interior, o exterior, e a mente como passado. Peço-vos não rir, senhor; isto é a nossa vida, é isto o que estamos fazendo. Ainda que façais a pergunta de maneira diferente, é realmente isto que sucede em nossa vida cotidiana. Desejais fazer uma certa coisa; a mente diz "Não a façais" ou "fazei-a de outra maneira" — por isso há uma batalha contínua. A mente está interferindo — a mente como pensamento, o pensamento como passado. O pensamento se intromete entre o real, o interior e o exterior. Assim, que cumpre fazer? A função do pensamento é dividir; ele dividiu a vida em passado, presente e futuro. Também o pensamento separa o interior do exterior. Diz: "Como juntar as duas coisas e agir como um todo?" É capaz disso o pensamento — sendo ele próprio o fator da separação?

INTERROGANTE: Querer é poder.

KRISHNAMURTI: Não, senhor; vós fazeis, no mundo, o que quereis. Tendes vossa vontade, para destruir vossos semelhantes,

e o tendes feito com muito sucesso. Não nos interessa a vontade, a coisa mais destrutiva que há, porque a vontade se baseia no prazer, no desejo, e não na espontânea alegria.

Perguntais como se pode manter tranqüilo o pensamento. Como pode o pensamento silenciar? É correta esta pergunta? (Porque, fazendo-se uma pergunta incorreta, recebe-se uma resposta incorreta (*risos*). Não, senhores, isto não é coisa para rir. Deveis fazer a pergunta correta; é correta a pergunta: "Como pode cessar o pensamento?". Ou devemos descobrir qual é a função do pensamento? Se fazeis o pensamento cessar — se isso é mesmo possível — de que maneira funcionareis para irdes ao escritório? O pensamento, obviamente, é necessário.

Dizemos que, num certo sentido, o pensamento é perigoso, porque divide, separa; e, todavia, noutro sentido, o pensamento deve funcionar lógica, sã e objetivamente. Como é possível isso? Como pode o pensamento deixar de interferir? Percebeis? O problema não é "como pôr fim ao pensamento". Fazendo a pergunta bem claramente, podeis vê-lo por vós mesmo. O pensamento, que é a reação do passado, interfere, divide a realidade em interior e exterior, destruindo a unidade. E, assim, dizemos: "Tratemos de destruir o pensamento, de matar a mente". Aquela pergunta é totalmente errônea. Mas, se investigardes a estrutura do pensamento, vendo o papel que lhe compete e quando ele é desnecessário, descobrireis então que a mente funciona inteligentemente, tanto quando o pensamento está em função, como quando não deve funcionar.

INTERROGANTE: Por que é que tendes um percebimento mais claro de "o que é", do que eu? Qual o vosso segredo?

KRISHNAMURTI: Com efeito, nunca pensei nisso. Considerai isto: A humildade pode ser cultivada? Se se cultiva a humildade, ela é vaidade. Se cultivais o percebimento de "o que é", não há percebimento. Mas, se estais vigilante quando viajais num ônibus ou conduzis o vosso carro, quando olhais, quando falais, quando vos divertis, daí vem, fácil e naturalmente, o percebimento de "o que é". *Mas, se tentais exercitar-vos em prestar atenção ao que é, o que está em função é o pensamento, e não o percebimento.*

INTERROGANTE: Dissestes que para sermos livres não devemos ter instrutores? Entendi-vos corretamente?

KRISHNAMURTI: Qual a função de um instrutor? Se ele conhece medicina ou outra ciência, se sabe manejar um computador, etc., sua função é de transmitir a outrem os conhecimentos e informações que tem. Isto é bastante simples. Mas, se se trata do instrutor que diz que "sabe" e quer ensinar o discípulo, desconfiai, porque o homem que diz que sabe, não sabe. Porque a verdade, a beleza do esclarecimento, ou como o chameis, não pode ser descrita; ela *é*. É uma coisa viva, em movimento, ativa, imponderável. Só de uma coisa morta se pode dizer o que ela é; e o instrutor que ensina coisas mortas não é um instrutor.

INTERROGANTE: Como unir a concentração, a disciplina e a atenção?

KRISHNAMURTI: A palavra "disciplina" significa aprender de outrem. O discípulo aprende do instrutor. Já considerastes ou investigastes a questão do aprender? Que significa o presente ativo do verbo "aprender"? Ou aprendeis a fim de aumentar o que já sabeis, o vosso conhecimento — como o de uma ciência; ou o vosso aprender não é uma acumulação de conhecimentos, mas um movimento. Percebeis a diferença entre as duas coisas? Ou eu aprendo para adquirir conhecimentos, para ser eficiente tecnologicamente, etc., ou estou aprendendo a todas as horas coisas sempre novas e minha ação, por conseguinte, é sempre nova. Escutai: Eu quero saber, quero aprender a respeito de mim mesmo. Sou uma entidade muito complexa, com uma parte oculta e outra manifesta. Quero conhecer-me totalmente. Assim, observando-me, vejo que tenho medo, e percebo a causa desse medo; observando, aprendo, e o que aprendi se torna meu saber. Mas, se, na primeira ocasião em que o medo se manifesta, eu o olho com esse conhecimento prévio, parei de aprender. Porque o estou olhando com o passado e, portanto, nada aprendendo sobre o que está realmente ocorrendo. Para aprender a respeito de mim mesmo, necessito de liberdade, para que haja constante observação, sem interferência do passado, sem interferência do pensamento.

Assim, "aprender" tem dois significados: aprender para adquirir conhecimentos, a fim de que eu possa funcionar com

o máximo de eficiência em certos campos; ou aprender acerca de mim mesmo de modo que o passado — o pensamento — não possa em nenhum momento interferir. Dessa maneira, posso observar, e minha mente é sempre sensível.

INTERROGANTE: Desejo perguntar-vos se comeis carne ou peixe.

KRISHNAMURTI: Isto vos interessa realmente? Pois bem, em toda a minha vida nunca toquei em carne ou peixe, nunca os provei; nunca fumei ou bebi; isso para mim não tem encanto nem significação. Ora, o que acabo de dizer vos fará vegetariano? (*risos*) Não o fará! Senhor, os heróis, os modelos, são as piores coisas que podem existir. Descobri vós por que comeis carne, por que gostais de fumar e de beber, por que não podeis viver uma vida simples — que não significa ter só um terno de roupa ou tomar uma só refeição por dia, mas, sim, ter uma mente simples, livre de todas as deformações causadas pelos prazeres e os desejos, as ambições e os *motivos*. Podereis, então, olhar diretamente e apreciar a beleza do mundo!

INTERROGANTE: Desejava perguntar-vos o que significa "bom humor".

KRISHNAMURTI: Creio que significa "rir de si próprio". Temos tanto pranto e tanta aflição no coração! — olhar-nos a nós mesmos com riso, observar-nos com clareza, com seriedade, e rindo — se pudermos.

Santa Mônica, Califórnia, 8 de março de 1970.

SEGUNDA PARTE

5

O MEDO

"Podeis observar sem o "centro", sem dar nome à coisa chamada "medo", ao surgir? Isso requer enorme disciplina."

TODO HOMEM deve ser sério(*), porque só os *sérios* são capazes de viver uma vida completa, total. Essa seriedade não exclui a alegria, a jovialidade; mas, enquanto existe medo, não há possibilidade de saber-se o que significa ter uma grande alegria. O medo parece ser uma das coisas mais comuns da vida; e, inexplicavelmente, nós o aceitamos como "norma" da vida — assim como aceitamos a violência, em suas variadas formas, como norma da vida. Acostumamo-nos a viver, psicologicamente, amedrontados.

Acho necessário investigar cabalmente a questão do medo, para o compreendermos integralmente, de modo que possamos partir daqui libertados dele. Isso é possível; não é mera teoria ou esperança. Se se presta toda a atenção à questão do medo, à maneira como dela nos acercamos, descobre-se que a mente

(*) "Desejo ... explicar o que entendo pela palavra "sério". Em geral, pensamos ser sérios, isto é, dispostos a um exame refletido dos problemas da vida... Não sei se já notastes como as pessoas de mente vazia se mostram, freqüentemente, muito *sérias*... Por "mente séria" entendo aquela que é profundamente religiosa". (J. Krishnamurti, "Experimente um novo Caminho", págs. 9 e 10). (N. do T.)

— que tanto tem sofrido, tantas dores tem padecido, que sempre viveu com tanta aflição e medo — se liberta totalmente dele. Para se fazer essa investigação é de essencial importância não haver nenhum preconceito a impedir-nos a compreensão da verdade sobre "o que é". Para fazermos juntos esta jornada, requer-se que não haja aceitação nem rejeição; que não digamos para nós mesmos que é de todo impossível libertar-nos do medo, e tampouco que é possível. Requer-se uma mente livre para investigar esta questão; uma mente que, não tendo chegado a nenhuma conclusão, está livre para observar, investigar.

Há inúmeras variedades de medo psicológico e psicossomático. Examinar, em todos os seus aspectos, cada uma dessas variedades de medo, exigirá um tempo infinito. Mas, pode-se observar a natureza e estrutura geral do medo, sem nos perdermos nos detalhes de um dado aspecto de nossos temores. Quando se compreende a natureza e estrutura do medo em si, então, com essa compreensão, pode-se investigar uma forma qualquer do medo.

Há medo do escuro; medo do marido ou da mulher, ou do que "os outros" dizem, ou pensam, ou fazem; medo da solidão ou do vazio da vida, do tédio de uma existência sem significação; medo do futuro, da incerteza e insegurança do amanhã — ou da "bomba"(*); medo da morte, do findar da vida. Há temores em inúmeras formas — tanto neuróticos, como racionais, sãos — se pode haver medo racional e são. A maioria de nós teme neuroticamente o passado, o hoje e o amanhã; de maneira que o tempo está implicado no medo.

Há não só os temores conscientes, aqueles de que estamos cônscios, mas também os temores profundamente jacentes, ocultos nos recessos profundos da mente. Como investigar tanto os temores conscientes como os ocultos? O medo, por certo, é um movimento de afastamento de "o que é"; é fuga, evasão, evitação da realidade, de "o que é". Essa fuga é que produz o medo. Também, quando há qualquer espécie de comparação, cria-se medo — comparação do que *sois* com o que pensais que *devíeis ser*. O medo, pois, se encontra no movimento de afastamento do real, e não no objeto de que nos afastamos.

(*) Refere-se à bomba de hidrogênio. (N. do T.)

Nenhum dos problemas criados pelo medo pode ser resolvido pela vontade — dizendo-nos a nós mesmos "não quero ter medo". Esse ato de vontade não têm significação nenhuma.

Estamos considerando um problema muito sério, que merece toda a atenção. Mas não se pode prestar atenção, quando estamos interpretando, ou traduzindo, ou comparando o que se nos diz com o que já sabemos. Temos de *escutar*; esta é uma arte que devemos aprender, porquanto, normalmente, estamos sempre comparando, avaliando, julgando, aprovando, rejeitando e, portanto, não estamos escutando; estamos, com efeito, impedindo-nos de escutar. Escutar de maneira completa, com *toda* a atenção, não significa concordar ou discordar. Não há concordar ou discordar quando estamos investigando juntos; mas o "microscópio" de que nos servimos pode não estar bem limpo. Se olhamos com um instrumento de precisão, então o que vemos é o que outro pode ver também; por conseguinte, não há nada com que concordar ou de que discordar. No examinar a questão do medo, temos de aplicar toda a nossa atenção; todavia, enquanto não for dissolvido o medo, ele sufocará a mente, a tornará insensível, embotada.

De que maneira podem ser trazidos à luz os temores ocultos? Podemos conhecer os temores conscientes (de como atender a eles trataremos mais adiante); mas há os temores ocultos, talvez muito mais importantes. Assim, como proceder em relação a eles, como expô-los à luz? Podem eles ser revelados pela análise, pela investigação da causa? Pode a análise libertar a mente do medo, não de um dado temor neurótico, mas da estrutura do medo? Na análise está implicado não apenas o tempo, mas também o analista; e ela exige muitos e muitos dias, anos, talvez a vida inteira; até lá, talvez tenhamos compreendido alguma coisa, mas já estaremos "com um pé na cova". Quem é o analista? Se é um profissional, um especialista, ele também precisará de tempo; ele próprio é o resultado de muitas formas de condicionamento. Se somos nós mesmos que nos analisamos, aí está implicado o analista, o censor, que vai analisar o medo que ele próprio criou. Em qualquer circunstância, a análise exige tempo e, assim, entre o começo e o fim da análise, muitos outros fatores podem surgir e dar a ela uma direção diferente. Tendes de ver a verdade de que a análise não é o caminho certo, porque

o analista é um fragmento dentre muitos outros fragmentos que entram na formação do "eu", do "ego"; ele é produto do tempo e está condicionado. Perceber que a análise exige tempo e não põe fim ao medo significa ter abandonado toda idéia de mudança progressiva; essa idéia é um dos principais fatores do medo.

(Para mim, para este orador, esta é uma questão importantíssima e, por isso, ele a *sente* profundamente, e fala com veemência; mas não está fazendo propaganda — não vos está incitando a aderir a coisa alguma, a crer em coisa nenhuma: está apenas convidando-vos a observar, a aprender, e a libertar-vos do medo.)

A análise, pois, não é o caminho certo; ao perceberdes esta verdade, já não pensareis em termos referentes ao analista que vai analisar, julgar, avaliar, e vossa mente estará livre dessa coisa trabalhosa chamada "análise", e, portanto, capacitada para olhar o medo diretamente.

Como olhar o medo? Como trazer à luz toda a sua estrutura, todas as suas partes ocultas? Através dos sonhos? Os sonhos são a continuação, durante o sono, das atividades das horas de vigília, não é verdade? Nos sonhos, como se pode observar, há sempre ação; neles, como nas horas de vigília, está sempre acontecendo alguma coisa — uma continuação que faz parte de um movimento total. Os sonhos, portanto, são sem valor. Vede o que sucedeu: eliminamos estas coisas a que estávamos habituados: a análise, a vontade, o tempo. Eliminadas elas, a mente se torna sensível no mais alto grau; não apenas sensível: inteligente. Pois bem; agora, com esta sensibilidade e inteligência, examinemos o medo. (Se fazemos isso realmente, voltamos as costas a toda a estrutura social, em que o tempo, a análise e a vontade estão em pleno funcionamento.) Que é o medo? Como se origina ele? O medo está sempre em relação com alguma coisa, não existe sozinho. Temos medo do que ontem sucedeu e que pode repetir-se hoje. Ontem senti dores; tenho a lembrança delas e temo que voltem amanhã. O pensar a respeito da dor de ontem "projeta" o medo de tornar a senti-la amanhã. Por conseguinte, é o pensamento que produz o medo. O pensamento gera o medo, e também cultiva o prazer. Para compreenderdes o medo, precisais compreender também

o prazer; ambos estão relacionados; não se pode compreender um sem compreender o outro. Significa isso que não se deve dizer: "Só quero prazer e nenhum medo"; o medo é a outra face da moeda chamada "prazer".

Funcionando com as imagens do prazer ontem experimentado, imagina o pensamento que poderá não ter esse mesmo prazer amanhã — assim o pensamento engendra o medo. Tenta sustentar o prazer e, com isso, nutre o medo.

O pensamento dividiu-se em "analista" e "coisa analisada"; ambos fazem parte do pensamento, que está iludindo a si próprio e, assim, eximindo-se de examinar os temores inconscientes. O pensamento faz vir o tempo, como o meio de fugir do medo e, todavia, ele próprio está sustentando o medo.

O pensamento nutre o prazer — que nada absolutamente tem em comum com a alegria; a alegria não é produto do pensamento, não é prazer. Pode-se cultivar o prazer, nele pensando incessantemente; o mesmo não se pode fazer com a alegria. No momento em que pensais na alegria, ela desaparece, pois se torna algo que proporciona prazer e, por conseguinte, algo que temeis perder.

O pensamento engendra a solidão; mas a condena e, assim, inventa meios de fugir dela, recorrendo a várias formas de entretenimento religioso ou cultural, à incessante busca de experiências mais amplas e profundas.

O pensamento é responsável por todos esses fatos diariamente observáveis. Esses fatos não são invenções do orador, não representam sua filosofia ou teoria pessoal. Que cumpre fazer? Não se pode matar, destruir o pensamento, não se pode dizer: "Quero esquecê-lo", não se lhe pode opor resistência; se o fizerdes, essa resistência será a ação de uma outra forma do pensamento.

O pensamento é a reação da memória; essa memória é necessária, para funcionarmos na vida de cada dia, nos dirigirmos ao escritório, a casa, para falar; a memória é o depósito do saber tecnológico. Necessitamos dela, e ao mesmo tempo vemos que, através do pensamento, ela sustenta o medo. Num sentido, a memória é necessária em toda a sua pureza e clareza — para as atividades técnicas, as atividades diárias, o ganho do sustento, etc.; ao mesmo tempo, percebe-se o fato de que ela

gera o medo. Assim, que pode fazer uma pessoa? Como respondereis a esta pergunta, agora, que percorrestes os diferentes fatos relativos à análise, ao tempo, à fuga, à dependência, e vistes que o movimento para nos afastarmos de "o que é" é medo, que esse próprio movimento é medo? Se observastes todos esses fatos e vistes a verdade respectiva — não como opinião ou um julgamento superficial — qual a vossa resposta a esta pergunta? Como pode o pensamento funcionar eficientemente, sãmente, e ao mesmo tempo não se tornar um perigo — pois o pensamento gera medo?

Qual o estado da mente após ter percorrido todo esse caminho? Qual o seu grau de compreensão, após ter examinado os diferentes fatos que estivemos expondo, que foram explicados ou observados — qual o estado de vossa mente agora? Porque, desse estado depende a vossa resposta. Se estivestes realmente fazendo a viagem, passo por passo, e examinastes tudo o que estivemos dizendo, então, vossa mente se tornou sobremodo inteligente, cheia de vida e sensibilidade, livre que ficou de todo da carga que acumulara. Como observais agora o processo do pensar em seu todo? Existe um centro de onde estais pensando? (Sendo esse centro o censor, a entidade que julga, avalia, condena, justifica.) Ainda pensais com base nesse centro? Ou já não há nenhum centro pensante e, todavia, o pensamento continua existente? Percebeis a diferença?

O pensamento criou um centro, o "eu"; eu: minha pátria, minha opinião, meu Deus, minha experiência, minha casa, meus móveis, minha mulher, meus filhos . . . eu, eu, eu. Eis o centro de onde agis. Esse centro divide. Esse centro e essa divisão são as causas do conflito, como é bem óbvio; quando existe a vossa opinião oposta à opinião de outrem, quando existe minha pátria em oposição a vossa pátria — tudo isso são divisões criadas pelo pensamento. Vós observais desse centro e continuais nas garras do medo, porque o centro se separou da coisa a que chama "medo"; diz ele "quero livrar-me do medo", "quero analisá-lo", "quero dominá-lo", "quero resistir-lhe", etc.; com ele estais tornando mais forte o medo.

Pode a mente olhar o medo sem esse centro? Podeis olhar o medo sem lhe dar nome? No momento em que dais nome ao medo, ele já se acha no passado. No momento em que dais

nome a qualquer coisa, a separais de vós. Podeis, pois, observar sem aquele centro, sem dar nome à coisa chamada "medo", no momento em que surge? Isso requer uma extraordinária disciplina, porque, então, a mente está olhando sem o centro a que se habituou, e o medo, tanto o oculto como o manifesto, está acabado.

Se não percebestes, nesta tarde, a verdade relativa a esta questão, não a leveis (a questão) para casa, para sobre ela refletirdes. A verdade é uma coisa que tem de ser vista imediatamente; e, para verdes qualquer coisa claramente, a ela deveis entregar vosso coração, vossa mente, e todo o vosso ser — imediatamente.

INTERROGANTE: Quereis dizer que, em vez de fugirmos do medo — o que, em essência, é ter medo do medo — devemos aceitá-lo?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Não aceiteis nada. Não aceiteis o medo; olhai-o! Nunca olhastes o medo, olhastes? Nunca dissestes: "Tenho medo; vou olhá-lo". Pelo contrário, dizeis: "Tenho medo; vou ligar o rádio, vou à igreja, ler um livro, refugir-me numa crença" — qualquer movimento que vos afaste do medo. Como jamais olhastes o medo, nunca entrastes em direto contato com ele; nunca olhastes o medo sem lhe dar nome, sem fugir, sem tentar dominá-lo. "Ficai com ele", sem nenhum movimento de fuga. Se o fizerdes, vereis acontecer uma coisa maravilhosa.

INTERROGANTE: Enfrentando o medo, "nos tornamos" medo?

KRISHNAMURTI: Vós *sois* o medo — como pois "tornar-vos" medo? Sois o medo, e o que aconteceu foi só que o pensamento se separou do medo, por não saber o que fazer com ele, para resistir a ele; separando-se do medo, o pensamento se tornou o "observador" desse medo, a ele resistindo ou dele fugindo. Mas o observador, a entidade que resiste, é também medo.

INTERROGANTE: Existe muita frustração porque não nos é permitido gravar as palestras. Podeis explicar por que não é permitido?

KRISHNAMURTI: Já o explico; isso é muito simples. Antes de tudo o mais, se estais gravando esta palestra, isso é muito

incômodo para o vosso vizinho de cadeira — estais manejando o aparelho, etc. Em segundo lugar, que é mais importante: escutar diretamente, agora, o que se está dizendo, ou levar para casa a gravação para a escutardes "nas horas vagas"? Quando o orador diz: "Não deixeis o tempo interferir", vós contrapondes: "Vou gravar o que estais dizendo e levá-lo para casa". Ora, o medo existe agora; vós o tendes no coração, na mente, agora.

INTERROGANTE: Se é exato isso, então por que a Fundação vende fitas gravadas?

KRISHNAMURTI: Não é esta a coisa mais importante: escutar diretamente o que se está dizendo, enquanto aqui estais? Vós vos submetestes a muitos incômodos para vir aqui, e o mesmo aconteceu ao orador. Nós estamos tentando comungar, compreender uma certa coisa agora, e não amanhã. Compreender *agora* é de suma importância; por conseqüência, deveis dispensar toda a vossa atenção ao que se está dizendo. Não podeis prestar toda a atenção se estais tomando notas, ou dando a metade de vossa atenção ao gravador.

Podeis, porventura, não compreender imediatamente o que se está dizendo, e por isso desejais escutá-lo de novo. Nesse caso, comprai uma fita ou não a compreis, comprai um livro ou não o compreis; eis o que devo dizer no particular. Se fostes capaz de absorver tudo o que se esteve dizendo esta tarde, durante uma hora e dez minutos — se fostes capaz de absorvê-lo completamente, com o coração e a mente, a questão está liquidada. Mas, vós não o fizestes, infelizmente; nunca aplicastes vossa mente a nenhuma dessas questões. Aceitastes o medo, "vivestes com o medo", e o medo se vos tornou um hábito. O que o orador está dizendo é que deveis despedaçar esse hábito. E também vos está dizendo: "Fazei-o agora, e não amanhã". Nossa mente não está habituada a ver a natureza total do medo e o que nele está implicado. Mas, se pudésseis vê-la imediatamente, sairíeis deste salão com uma mente extática. Mas, em geral, não somos capazes de tanto, e, por essa razão, necessitamos de gravações.

INTERROGANTE: Se observamos o medo e vemos que dele estamos fugindo, que se deve fazer?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não resistais ao fugir. Para observar o medo, deveis prestar-lhe atenção, e na atenção não se condena, não se julga, não se avalia, mas, tão-só, observa-se. Quando fugis, isso acontece porque vossa mente está divagando; não estais prestando atenção — há desatenção. *Ficai* desatento, mas percebei que estais desatento; esse percebimento de vossa desatenção é atenção. Se percebeis a vossa desatenção, se dela estais cônscio, não façais nada contra ela; só tendes de estar cônscio de que estais desatento; esse próprio percebimento é atenção. Isso é muito simples. Uma vez o tenhais percebido, está eliminado o conflito; estais cônscio sem escolha. Quando dizeis: "Estive atento, mas agora estou desatento e preciso tornar-me atento" — isso é escolha. Estar cônscio significa estar cônscio sem escolha.

INTERROGANTE: Se, como dizeis, o medo e o prazer se relacionam, pode-se afastar o medo e fruir completamente o prazer?

KRISHNAMURTI: Seria ótimo, não? Levai-me todos os temores para que eu possa deliciar-me com meus prazeres. Todos desejam a mesma coisa, uns muito crassamente, outros mui sutilmente: fugir do medo e aferrar-se ao prazer. Prazer ... vós fumais, isso vos dá prazer, mas também poderá causar-vos dor, porquanto pode fazer-vos doente. Experimentastes prazeres, como homem ou mulher, sexuais ou de outra natureza, tivestes confortos, etc.; mas, se a outra pessoa vos volta as costas, tendes ciúme, raiva, vedes-vos frustrado, mutilado.

O prazer traz, inevitavelmente, a dor (isto não quer dizer que devemos abster-nos do prazer); mas, vede sua estrutura inteira, e sabereis que a alegria, o verdadeiro deleitamento, sua beleza e a liberdade a ele inerente, não têm absolutamente nada em comum com o prazer ou, conseqüentemente, com a dor ou o medo. Se perceberdes essa verdade, compreendereis então o prazer, e lhe dareis o devido lugar.

San Diego, Califórnia, 6 de abril de 1970.

6

VIOLÊNCIA

"Enquanto subsistir o "eu" em qualquer forma, sutil ou grosseira, haverá necessariamente violência."

QUE ASSUNTO vamos debater nesta manhã? "Debater" não é bem a palavra, já que se trata mais de um diálogo. As opiniões não nos levarão a parte alguma, e entreter-nos com meras sutilezas intelectuais pouco significa, porque a verdade não pode ser achada mediante uma simples troca de opiniões ou idéias. Assim, se vamos conversar sobre qualquer problema, temos de fazê-lo num nível não intelectual, emocional ou sentimental.

INTERROGANTE: Penso que a guerra ao comunismo tem uma certa justificação. Gostaria de averiguar junto convosco se tenho ou não razão. Entenda-se que vivi dez anos sujeito ao comunismo; estive num campo de concentração russo e também numa prisão comunista. Entre os comunistas só se entende uma língua: a força. Assim, pergunto: Não é esta uma guerra de autodefesa?

KRISHNAMURTI: Creio que todos os grupos que provocam a guerra a justificam como autodefesa. Sempre houve guerras, ofensivas e defensivas; mas, em todos os séculos, tem havido guerras peculiarmente monstruosas. E, todavia, nós, que nos prezamos de ser educados e cultos, continuamos a promover os mais selvagens morticínios. Vamos, pois, examinar esta questão,

verificar o que é essa violência, essa agressividade profundamente arraigada no homem; vamos ver se é possível nos libertarmos dela.

Houve pessoas que disseram: "Nunca, em circunstância alguma, manifestar(*) violência!" Isso implica viver pacificamente, ainda que rodeado de gente agressiva e violenta; constituir uma espécie de núcleo num meio cruel, brutal, violento. Mas, como pode a mente libertar-se dessa acumulação de violência em si própria — a violência "civilizada", autoprotetora, a violência agressiva, a violência do espírito de competição, a violência dos que querem tornar-se "importantes", dos que procuram disciplinar-se(**) segundo um padrão para alcançarem "posição", dos que se reprimem, tiranizam e embrutecem a si próprios, a fim de se tornarem "não-violentos" como pode a mente libertar-se de todas essas formas de violência?

Há inúmeras variedades de violência. Que devemos fazer: examinar cada uma dessas variedades, separadamente, ou considerar, no seu todo, a estrutura da violência? Podemos olhar a violência em seu aspecto total, em vez de observarmos apenas uma de suas partes?

A fonte da violência é o "eu", o "ego", que se expressa de muitos e vários modos — dividindo, lutando para tornar-se ou ser importante, etc.; que se divide em "eu" e "não eu", em consciente e inconsciente; que se identifica, ou não, com a família, a comunidade, etc. Ele é como uma pedra lançada num lago tranqüilo, a qual forma ondas que se vão estendendo mais e mais — no centro fica o "eu". Enquanto subsistir o "eu", em qualquer forma que seja, sutil ou grosseira, haverá inevitavelmente violência.

Mas, indagar a causa fundamental da violência, descobri-la, não significa necessariamente libertar-se da violência.

Penso que, sabendo por que sou brutal, deixo de ser brutal, Assim, levo semanas, meses, anos a indagar a causa da violência ou lendo as explicações dadas pelos especialistas sobre suas dife-

---

(*) Infinito imperativo, como nos dez mandamentos. (N. do T.)

(**) Autodisciplina é uma violência que o indivíduo pratica contra si mesmo. Disse Krishnamurti que "os santos são violentos porque disciplinam a si próprios". (N. do T.)

rentes causas, e, no fim — continuo violento. Qual a correta maneira de proceder: investigar a questão da violência mediante o descobrimento da causa e do efeito, ou tomar a violência em seu todo e observá-la? Não há distinção notável entre a causa e o efeito; constituem uma cadeia, em que a causa se torna efeito e o efeito se torna causa — um processo contínuo. Mas, se olharmos como um todo o problema da violência, poderemos compreendê-lo tão fundamentalmente que ela cessará definitivamente.

Construímos uma sociedade violenta e, como entes humanos, somos violentos: o ambiente, a cultura em que vivemos são produto de nossos esforços, de nossas lutas e dores, de nossas horrendas brutalidades. Portanto, a questão mais importante é esta: Temos possibilidade de pôr fim à tremenda violência em nós existente? Eis a verdadeira questão.

INTERROGANTE: É possível transformar a violência?

KRISHNAMURTI: A violência é uma forma de energia; é a energia que, utilizada de uma certa maneira, se torna agressão. Mas, por ora, não vamos tentar transformar ou modificar a violência, porém, sim, compreendê-la tão completamente que dela possamos libertar-nos, que a mente se ponha fora de seu alcance, não importa se transcendendo-a ou transformando-a. Isso é possível? Impossível? "Possível" — que palavra! De que maneira pensamos na violência? De que maneira a olhamos? Prestai atenção a esta pergunta: Como sabe uma pessoa que é violenta? Quando somos violentos, percebemo-lo? Como se conhece a violência? Esta questão de "conhecer" é verdadeiramente complexa. Quando digo "Conheço-vos", que significa "conheço"? Conheço-vos de ontem ou de há dez anos passados. Mas, nesse ínterim, de dez anos, vós mudastes e eu mudei; por conseguinte, não vos conheço. Só vos conheço como fostes no passado, por conseguinte, não posso de modo nenhum dizer "conheço-vos". Peço-vos compreender, em primeiro lugar, esta coisa simples. Conseqüentemente, só posso dizer: "Eu fui violento, mas não sei o que a violência é agora". Dizeis-me uma coisa que me irrita os nervos e me faz raiva. Um segundo depois, digo "Fiquei com raiva". No momento da raiva, não a reconheço; só posteriormente a reconheço. Faz-se mister examinar a estrutura do reconhecimento; a menos que a compreendamos,

não temos possibilidade de enfrentar a cólera de maneira nova. Sinto cólera, mas só sei que a senti um momento após. Esse percebimento é o reconhecimento de ter estado encolerizado; ele se verifica depois que estive encolerizado; do contrário, não posso saber que o que senti foi cólera. Vede o que aconteceu: o reconhecimento interfere na realidade. Estou sempre traduzindo a realidade presente em função do passado.

Assim, posso, em vez de traduzir o presente em função do passado, olhar a reação de maneira nova, com uma mente nova? Uma pessoa me chama idiota, o sangue logo me aflui às faces e eu replico: "Idiota é você!" Que sucedeu em mim, emocionalmente, interiormente? Tenho, a respeito de mim mesmo, a imagem de uma pessoa estimável, nobre, digna, e alguém insultou essa imagem. Quem reage é essa imagem, ou seja, o "velho". Assim, a "próxima pergunta" é esta: Pode a reação não proceder do velho? Pode criar-se um intervalo entre o "velho" e a realidade nova? Pode o velho deter-se, para permitir a manifestação do novo? Acho que aí está o problema inteiro.

INTERROGANTE: Quereis dizer que a violência é apenas a divisão entre "o que não é" e "o que é"?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Recomecemos. Nós somos violentos. Em toda a sua existência, os entes humanos sempre foram violentos. Desejo, como ente humano, descobrir como transcender essa violência, como ultrapassá-la. Que posso fazer? Vejo o que a violência tem feito no mundo, destruindo todas as formas de relação, produzindo em cada ente humano agonias e aflições. Tudo isso eu vejo, e digo entre mim: "Desejo viver uma vida realmente pacífica, com abundância de amor; toda espécie de violência precisa acabar". Que posso fazer? Em primeiro lugar, não devo fugir dela; tenhamos toda a certeza a esse respeito. Não devo fugir ao fato de que sou violento — isto é, condenar ou justificar o fato, ou dar-lhe o nome de "violência"; dar nome é uma forma de condenação ou de justificação.

Cabe-me perceber que a mente não deve distrair-me do fato que é a violência, buscando-lhe a causa ou explicando-o pela causa; não deve dar nome ao fato, nem justificá-lo, condená-lo ou procurar libertar-se dele. Tudo isso são formas de distração do fato que é a violência. A mente deve ver com toda

a clareza que não está havendo fuga ao fato; tampouco deve haver o exercício da vontade: "Quero dominar a violência". A vontade é a essência mesma da violência.

INTERROGANTE: Basicamente, estamos tentando descobrir o que é a violência, nela procurando a ordem.

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Como pode haver ordem na violência? Violência é desordem.

Não deve haver nenhuma espécie de fuga, nem justificação ou explicação intelectual da violência. Vede como isso é difícil, porquanto a mente é tão solerte e sutil no fugir, pois não sabe o que fazer com a violência. Não é ou pensa não ser capaz de enfrentar a violência e, por conseguinte, recorre à fuga. Toda espécie de fuga, distração, afastamento, sustenta a violência. Percebendo-se isso, a mente se vê frente a frente com o fato — "o que é" — e nada mais.

INTERROGANTE: Como se pode saber que a reação é violência se não lhe damos nome?

KRISHNAMURTI: Dar-lhe nome é relacioná-la com o passado, é olhá-la com olhos contaminados pelo passado; não é olhá-la de maneira nova. Percebeis?

Olhando a violência, justificamo-la, dizendo que ela é necessária para vivermos nesta sociedade monstruosa, dizendo que ela faz parte da natureza, pois "a natureza mata". Estamos condicionados para olhar a violência com condenação, justificação ou resistência. Só poderemos olhá-la de maneira nova, como coisa nova, se nos tornarmos cônscios de que estamos identificando o que vemos com as imagens do que já conhecemos e, portanto, não estamos olhando de maneira nova. Surge, assim, a questão: Como se formam essas imagens? Qual o mecanismo formador de imagens? Minha mulher me diz: "Você é um tolo"; não gosto de ouvi-lo, e isso deixa uma marca na minha mente. Diz-me outra coisa, que também produz o mesmo efeito. Essas marcas são as imagens da memória. Ora, se no mesmo minuto em que ela me chama "tolo", estou vigilante, atento, não se produz marca nenhuma; ela pode ter razão.

A desatenção, pois, gera a imagem; a atenção liberta a mente da imagem. Isto é muito simples. Do mesmo modo, se,

quando sinto cólera, me torno completamente atento, não há então aquela desatenção que deixa o passado apresentar-se e interferir na percepção da cólera, naquele momento.

INTERROGANTE: Isso não é ato de vontade?

KRISHNAMURTI: Dissemos: "A vontade é, essencialmente, violência". Examinemos o que é a vontade: "Quero fazer isto", "Não quero aquilo", "Farei isto" — resisto, exijo, desejo, e tudo isso são formas de resistência. Quando dizeis: "Eu quero aquilo", isto é uma forma de resistência, e resistência é violência.

INTERROGANTE: Compreendo-vos ao dizerdes que evitamos o problema com buscar-lhe a solução. Isso nos afasta de "o que é".

KRISHNAMURTI: Portanto, desejo saber como olhar "o que é".

Pois bem; estamos agora tentando descobrir se é possível transcendermos a violência. Dissemos: "Não fujais dela; não vos afasteis do fato central que é a violência". Perguntou-se: "Como podemos saber que a reação é violência?" — só a conheceis por serdes capaz de reconhecê-la como "violência"? Mas, se a olhamos sem lhe dar nome, sem justificá-la ou condená-la (e tudo isso é condicionamento do passado), estamo-la, então, olhando de maneira nova, não é verdade? Há, então, violência? Esta é uma das coisas mais difíceis, porque todo o nosso viver está condicionado pelo passado. Sabeis o que é viver no presente?

INTERROGANTE: Dizeis: "Livrai-vos da violência" — isso subentende muitas coisas mais.

KRISHNAMURTI: Penetremos o significado de "liberdade". Existem, nos níveis mais profundos, rancores, frustrações, resistências; de tudo isso a mente deve também libertar-se, não achais? Pergunto: Pode a mente livrar-se da violência ativa no presente, livrar-se de todas as suas inconscientes acumulações de ódio, raiva, azedume, profundamente jacentes? Como conseguir isso?

INTERROGANTE: Uma pessoa libertada de sua própria violência não fica deprimida ao ver a violência existente no exterior? Que lhe cabe fazer?

KRISHNAMURTI: O que lhe cabe fazer é ensinar os outros. Ensinar é a mais elevada missão, no mundo — ensinar, não

para ganhar dinheiro, constituir um vultoso depósito no banco — ensinar, simplesmente.

INTERROGANTE: Qual a maneira mais fácil de ...

KRISHNAMURTI: "A maneira mais fácil"? (*risos*) Por favor, não estamos num circo! Senhor, ensinando a outro, estais também aprendendo. Ensinar não exige uma prévia acumulação de conhecimentos. Vós sois violento; compreender a vós mesmo é ajudar outro a compreender a si próprio; por conseguinte, aprender é ensinar. Não percebeis quanta beleza há nisso!

Mas, continuemos. Não desejais de todo o coração saber o que é o amor? Não existe há milênios esta aspiração humana de descobrir a maneira de viver pacificamente, com uma grande abundância de amor, de compaixão? Isso só será possível no estado de "não eu". Compreendeis? E eu vos digo: "Olhai, para poderdes *descobrir* — não importa "de onde olhais": da solidão, da cólera, da acrimônia — olhai, sem fugir. Fugir é dar nome ao estado; portanto, não lhe deis nome — olhai-o! E vede, então (sem dar nome), se ainda existe acrimônia.

INTERROGANTE: Advogais a libertação de toda espécie de violência, ou existe porventura, na vida, uma "violência sã"? Não me refiro à violência física, mas ao livrar-nos da frustração. Ê salutar não nos deixarmos frustrar?

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora. A resposta está contida na pergunta. Por que nos sentimos frustrados? Já perguntastes a vós mesma por que vos sentis frustrada? E — para responder à vossa pergunta — alguma vez perguntastes: Que é preenchimento? Por que desejais preencher-vos? Existe preenchimento? *Quem* é que se preenche? — o "eu", o "ego", que é violento; o "ego", que se separa, que diz "sou superior a você"; o "ego", que está sempre a cultivar a ambição, a buscar a fama, a notoriedade — é esse "ego" que se preenche? Porque o "ego" deseja realizar "grandes coisas" e, se não consegue realizá-las, se sente frustrado e, por conseguinte, torna-se acrimonioso. Percebeis que existe essa coisa — o "ego" — que deseja expandir-se e, quando não o consegue, se sente frustrado e, por conseguinte, torna-se acrimonioso? Essa acrimônia, esse desejo de expansão é violência. Pois bem; ao perceberdes essa verdade, não há mais desejo de preenchimento e, assim, deixa de haver frustração.

INTERROGANTE: As plantas e os animais são seres vivos que lutam para subsistir. Fazeis distinção entre matar animais para comer e matar plantas para comer? Se fazeis, por quê?

KRISHNAMURTI: Nós temos de viver e, por isso, matamos o ser menos sensível ao nosso alcance. Eu nunca comi carne, em toda a minha vida. Creio que alguns cientistas estão chegando, pouco a pouco, ao mesmo ponto de vista. Se chegarem, então todos vós o aceitareis!

INTERROGANTE: Parece-me que, aqui, todos estão habituados ao pensar aristotélico, e vós não vos servis das "táticas" aristotélicas; tão completa é a separação, que me espanta. Como poderemos comungar intimamente?

KRISHNAMURTI: Eis a dificuldade, senhor. Vos estais acostumados com uma dada fórmula ou linguagem, com um certo significado, e este orador não tem essa maneira especial de olhar. Por isso, a comunhão se torna difícil. Já consideramos este ponto: Dissemos que a palavra não é a coisa, que a descrição não é a coisa descrita, a explicação não é a coisa explicada. Vós continuais aferrado à explicação, à palavra; por essa razão, existe tal dificuldade.

Pois bem; vemos que a violência existente no mundo é em parte medo, em parte prazer. Há uma extraordinária busca de sensações; nós as desejamos e incitamos a sociedade a no-las dar. Depois, lançamos a culpa sobre a sociedade, quando somos nós mesmos os responsáveis. Perguntamos, pois, a nós mesmos, se a terrificante energia dessa violência pode ser aplicada diferentemente. Para se ser violento, necessita-se de energia: pode essa energia ser transformada ou encaminhada noutra direção? Ora, na própria compreensão e percebimento da verdade a esse respeito, essa energia se torna inteiramente diferente.

INTERROGANTE: Quereis dizer que a não violência é absoluta? — que a violência é uma aberração do que "poderia ser"?

KRISHNAMURTI: Sim, se assim quereis expressá-lo. Digo que a violência é uma forma de energia, e o amor uma forma de energia — amor sem o ciúme, a ansiedade, o medo, os azedumes, as agonias, que acompanham o chamado "amor". Pois bem; violência é energia, e o amor cercado, rodeado pelo ciúme é também uma forma de energia. Para transcendermos um e outro,

sairmos da esfera de ambos, a mesma energia tem de ser dirigida para uma direção ou dimensão diferente.

INTERROGANTE: O amor ciumento é realmente violência?

KRISHNAMURTI: Naturalmente que é.

INTERROGANTE: Temos, portanto, duas energias: a da violência e a do amor.

KRISHMANURTI: É a mesma energia, senhor.

INTERROGANTE: Quando podemos ter experiências psíquicas?

KRISHNAMURTI: Que relação tem isso com a violência? Quando podemos ter experiências psíquicas? Nunca! Sabeis o que significa ter experiências psíquicas? Para terdes tais experiências, experiências perceptivas, extra-sensoriais, deveis estar perfeitamente amadurecido, ser sumamente sensível e, por conseguinte, sumamente inteligente; e, quem é sumamente inteligente não deseja ter experiências psíquicas (*risos*).

Tende a bondade de ouvir isto com o coração: Os entes humanos se estão destruindo mutuamente pela violência, o marido destruindo a esposa, e a esposa destruindo o marido; embora ambos durmam juntos, andem juntos, cada um deles vive no isolamento, com seus próprios problemas, suas próprias ansiedades; esse isolamento é violência. Ora, quando vemos isso, bem claramente, diante de nós, — quando o *vemos,* e não apenas pensamos a seu respeito — quando vemos sua periculosidade, nós agimos, não é verdade? Ao vermos um animal perigoso, agimos; não há hesitação, não há "discussão" entre nós e o animal: agimos, tão-só. Fugimos, ou fazemos outra coisa. Aqui, nós estamos "discutindo" porque não estais vendo o tremendo perigo da violência.

Se, realmente, com vosso coração, vedes a natureza, o perigo da violência, ela está acabada. Mas, como mostrar-vos esse perigo, se não o quereis ver? Nenhuma linguagem, aristotélica ou não, nos valerá.

INTERROGANTE: Como enfrentar a violência de outras pessoas?

KRISHNAMURTI: Aí está um problema completamente diferente. Meu vizinho é violento. Como devo enfrentar esse fato? Dando-lhe a outra face? — "o prazer é todo dele..." Que

devo fazer? Faríeis tal pergunta se realmente fôsseis "não violento", se em vós não existisse violência alguma? Escutai esta pergunta: Se em vosso coração, em vossa mente, não houvesse nenhuma forma de violência — nem ódio, nem acrimônia, nem desejo de preenchimento, nem vontade de ser livre — se, em vós, não houvesse violência de espécie alguma, perguntaríeis como enfrentar o vosso vizinho, que é violento? Saberíeis a maneira correta de agir. Outros talvez achassem violento o vosso proceder, mas vós não sois violento. No momento em que vosso próximo agir violentamente, sabereis como enfrentar a situação. Entretanto, um terceiro, um observador, poderá dizer-vos "Você também é violento". Mas vós sabeis que não sois violento. Assim, o importante é que sejais, para vós mesmo, completamente isento de violência, e pouco importa o que outro diga.

INTERROGANTE: A crença na união de todas as coisas não é tão humana como a crença na desunião de tudo?

KRISHNAMURTI: Por que quereis crer em alguma coisa? Por que quereis crer na união de todos os entes humanos? Nós somos desunidos — o fato é este; por que quereis crer numa coisa que não é um fato? Existe esta questão da crença. Pensai nisto: Vós tendes a vossa crença, e outro homem tem a sua crença — e lutais e vos trucidais mutuamente, por causa de vossas crenças.

Por que tendes uma crença? Credes porque tentes medo? Não?(*) Credes no nascer do Sol? Ele está à vossa frente para ser visto, não tendes nenhuma necessidade de crer nele. A crença é uma forma de divisão e, portanto, uma forma de violência. Estar livre da violência implica estar livre de tudo o que o homem impôs ao homem: crenças, dogmas, rituais, minha pátria, vossa pátria, vosso deus e meu deus, minha opinião, vossa opinião, meu ideal. Essas coisas todas concorrem para separar os entes humanos e, por conseguinte, geram violência. E, embora as religiões organizadas preguem a união da humanidade, cada religião se considera muito superior às outras.

INTERROGANTE: Interpretei o que dissestes acerca da união como significando que os que pregam a união estão em verdade fomentando a desunião.

(*) Palavra dirigida a um aparteante. (N. do T.)

KRISHNAMURTI: Exatamente, senhor.

INTERROGANTE: A finalidade do viver consiste simplesmente em ser capaz de enfrentar a existência?

KRISHNAMURTI: Dizeis: "É esta a finalidade do viver?" — mas, por que desejais uma finalidade para o viver? — vivei! O viver é sua própria finalidade. Por que necessitais de uma finalidade? Vede: Cada um tem sua finalidade particular — o religioso tem "sua" finalidade, o cientista "a sua", o chefe de família "a sua", etc. — todos se separando uns dos outros. A vida de um homem que tem uma finalidade está criando a violência. Isto é tão claro e simples!

San Diego, State College, 8 de abril de 1970.

7

MEDITAÇÃO

"Se tendes, em vossa vida, essa coisa maravilhosa, tendes tudo; sois então o mestre, o discípulo, o próximo, a beleza da nuvem; tudo isso sois — e isso é amor."

Que é meditação? Antes de entrarmos neste problema tão complexo e intricado, precisamos saber com clareza o que é que estamos procurando. Andamos sempre em busca de alguma coisa, principalmente as pessoas de mentalidade religiosa; até para o cientista o buscar se tornou uma coisa sobremodo importante. Este fato — o buscar — precisa ser compreendido muito clara e precisamente, antes de começarmos a considerar o que é a meditação e por que é necessário meditar, para que serve e aonde nos leva.

A palavra "buscar" — tentar alcançar, descobrir — implica que já conhecemos mais ou menos o que desejamos achar. Ao dizermos que estamos buscando a verdade, ou Deus, se temos tendências religiosas, ou que estamos buscando uma vida perfeita, etc., já devemos ter na mente a respectiva imagem ou idéia. Para acharmos a coisa buscada, já devemos conhecê-la em suas linhas gerais, sua cor, sua substância, etc. Na palavra "buscar" não está implicado que perdemos alguma coisa e andamos a procurá-la, e que, ao achá-la, a reconheceremos — o que significa que já a conhecemos e o que temos de fazer é apenas sair à sua procura?

Na meditação, a primeira coisa que se percebe é a inutilidade do buscar; porque a coisa buscada é predeterminada pelo nosso desejo; se sois desditoso, se estais sozinho, no desespero, quereis buscar a esperança, uma companhia, um amparo — e inevitavelmente achareis essa coisa.

Na meditação, temos de lançar uma certa base, a base da ordem, que é virtude — não a respeitabilidade, a moralidade social, que nenhuma moralidade é, mas, sim, a ordem que nasce da compreensão da desordem — uma coisa bem diferente. Enquanto houver conflito, exterior e interior, haverá desordem.

A ordem, que vem da compreensão da desordem, não segue nenhum plano previamente traçado, não segue nenhuma autoridade, ou vossa própria experiência. Essa ordem, é óbvio, deve surgir sem se fazer nenhum esforço, porque o esforço deforma, sem se exercer nenhuma espécie de controle.

Isso que acabamos de dizer, ou seja, que devemos produzir a ordem sem exercermos nenhuma espécie de controle, é difícil de compreender. Nós temos de compreender a desordem, como se torna ela existente; ela é conflito dentro em nós mesmos. Observá-la é compreendê-la; não se requer que a dominemos. sufoquemos, reprimamos. Observar sem deformar, sem nenhuma compulsão ou impulso diretor, é trabalho bem difícil.

Controle supõe repressão, rejeição ou exclusão, supõe separação entre o "controlador" e "a coisa controlada", supõe conflito. Compreendido isso, deixa totalmente de existir o controle e a escolha. O que estou dizendo poderá parecer um tanto difícil e em contradição com o que pensais. Direis: "Como pode haver ordem sem controle, sem a ação da vontade?" — mas, como já dissemos, controle implica separação entre "o controlador" e a coisa que vai ser controlada; nessa divisão, há conflito, deformação. Quando se percebe isso realmente, está terminada a separação entre "controlador" e "coisa controlada" e, por conseguinte, há compreensão. Com a compreensão do que realmente *é*, torna-se desnecessário o controle.

Há, pois, duas coisas essenciais que cumpre compreender perfeitamente, antes de entrarmos na questão da meditação: primeiro, o buscar é completamente inútil; segundo, é necessária aquela ordem nascida da compreensão da desordem, proveniente

do controle, que envolve também dualidade, contradição entre o observador e a coisa observada.

Vem a ordem quando, por exemplo, uma pessoa está encolerizada e, tentando libertar-se da cólera, descobre que ela própria é a cólera. Sem essa compreensão, não há possibilidade de descobrir o que é meditação. Não enganeis a vós mesmo com ler os livros que se têm escrito sobre a meditação, ou ouvindo as pessoas que querem ensinar-vos a meditar, ou ingressando nos grupos que se formam "para meditar"; porque, se não existir a ordem — que é virtude — a mente viverá inevitavelmente empenhada no esforço provocado pela contradição. Como pode essa mente tornar-se cônscia do significado da meditação?

Com todo o nosso ser, precisamos encontrar-nos com essa coisa maravilhosa chamada "amor" e, conseqüentemente, nos livrarmos do medo. Referimo-nos ao amor não contaminado pelo prazer, pelo desejo, pelo ciúme — o amor que não conhece competição, que não se divide em "meu amor" e "vosso amor". Então, a mente (que inclui o cérebro e as emoções) se acha em perfeita harmonia; e esta é necessária, porque, de outro modo, a meditação se torna auto-sugestão.

Tendes de trabalhar muito diligentemente para descobrirdes as atividades de vossa mente, como funciona, suas ações egocêntricas, o "eu" e o "não eu"; deveis "familiarizar-vos" inteiramente convosco e com os truques que a mente pratica consigo mesma, as ilusões e falácias, a criação das imagens, e as idéias românticas que nutrimos. A pessoa que é capaz de sentimentalidade, é incapaz de amar; a sentimentalidade gera brutalidade, crueldade, violência, e não amor.

É muito difícil instalarmos bem profundamente em nós mesmos o amor. Requer-se uma extraordinária disciplina para aprendermos, pela observação, o que se passa dentro de nós. Essa observação não é possível se a fazemos segundo qualquer espécie de preconceito, conclusão ou fórmula. Se estais observando consoante o que vos disse algum psicólogo, não estais observando realmente a vós mesmo e, por conseguinte, não há autoconhecimento.

Necessitais de uma mente capaz de estar completamente só, de não se deixar influenciar pela propaganda ou a expe-

riência de outrem. A iluminação não vem de nenhum líder, de nenhum instrutor; vem da compreensão do que *é*, em nós, não pela fuga a nós mesmos. Cabe a cada um perceber exatamente o que se está passando em seu próprio campo psicológico; percebê-lo sem nenhuma deformação, nenhuma escolha, sem ressentimento, azedume, nenhuma explicação ou justificação — estar simplesmente cônscio.

Essa base não se lança a força, mas com alegria, tranqüilidade, felicidade, e sem nenhuma esperança de alcançar alguma coisa. Se tendes alguma esperança, estais a afastar-vos de vosso desespero. Temos de compreender o desespero, e não buscar a esperança. Na compreensão de "o que é" não há desespero nem esperança.

Isso é exigir muito da mente humana? A menos que se pergunte sobre uma coisa que pareça impossível, caímos na armadilha, na limitação do que é considerado possível. É muito fácil cairmos na armadilha. Cumpre exigir o máximo de nossa mente e coração, pois, do contrário, permaneceremos no cômodo e confortante domínio do possível.

Estamos ainda viajando juntos? Verbalmente, talvez; mas a palavra não é a coisa; o que estivemos fazendo foi descrever, e a descrição não é a coisa descrita. Se estais acompanhando o orador, estais, então, viajando de fato, e não teoricamente, como uma idéia, mas como uma coisa que realmente estais observando — não, experimentando. Há distinção entre observação e experiência.

Há uma enorme diferença entre a observação e a experiência. Na observação, não há "observador", só há *observar;* não há uma entidade que observa, separada da coisa observada. A observação difere inteiramente da exploração por meio da análise. Na análise, há sempre "o analista" e a coisa que vai ser analisada; na exploração, há sempre a entidade que explora. Na observação, há um contínuo aprender, e não uma contínua acumulação. Espero estejais vendo a diferença. Esse aprender é diferente do aprender com o fim de acumular para, com base nessa acumulação, pensarmos e atuarmos. Uma investigação pode ser lógica, sã, racional; mas observar sem o observador é coisa diferente.

E temos, a seguir, a questão da experiência. Por que desejamos experiências? Já pensastes nisso? Continuamente estamos tendo experiências, das quais temos, ou não, conhecimento. E desejamos experiências mais amplas e profundas — experiências místicas, profundas, transcendentais, divinas, espirituais; por quê? Não é porque nossa vida é tão vulgar, tão desditosa, tão mesquinha e insignificante? Queremos esquecer isso e penetrar numa dimensão totalmente diferente. Como pode uma mente insignificante, perturbada, medrosa, ocupada com sucessivos problemas, experimentar outra coisa senão suas próprias projeções e atividades? Essa ânsia de experiências superiores é fuga ao que realmente *é*, e, no entanto, só através dessa realidade temos a possibilidade de encontrar-nos com a coisa mais misteriosa de nossa vida. Na experiência está compreendido o processo de reconhecimento. Quando reconheço uma coisa, isso significa que já a conheci antes. A experiência, em geral, vem do passado, nela não há nada de novo. Há, pois, diferença entre a observação e a ânsia de experiência.

Se está claro tudo isso, que é bem sutil e exige muita atenção interior, voltemos à nossa pergunta inicial: Que é meditação? Muito se fala de meditação, a seu respeito escrevem-se volumes sobre volumes; há grandes (não sei se são grandes) iogues que pretendem ensinar-vos a meditar. A Ásia inteira fala de meditação; é um dos hábitos de lá, como é hábito crer em Deus ou noutra coisa. Há pessoas que se sentam num lugar sossegado por uns dez minutos, em cada dia, para meditar, para concentrar, fixar a mente numa imagem, imagem por elas próprias criada ou por outra pessoa que lha impingiu por meio de propaganda. Durante esses dez minutos tentam controlar a mente; esta quer andar para trás e para diante, e ficam eles a batalhar com ela; nesse jogo ficam toda a vida empenhados. Eis o que eles chamam meditação.

Se nada sabeis a respeito da meditação, cabe-vos descobrir o que ela na realidade é, e não de acordo com um qualquer; ela poderá levar-vos a nada ou poderá levar-vos a tudo. Deveis investigar, fazer aquela pergunta (que é meditação?) sem nenhuma expectativa.

Para observar a mente — essa mente que tanto tagarela, que "projeta" idéias, que vive em contradição, em constante

conflito e comparação — para observar a mente, devo estar muito quieto. Para ouvir o que dizeis, tenho de prestar atenção, não posso ficar "tagarelando", pensando noutra coisa, não posso comparar o que estais dizendo com o que já sei; tenho de escutar-vos completamente; a mente tem de estar atenta, em silêncio, quieta.

É da maior necessidade ver claramente a inteira estrutura da violência; olhando a violência, a mente se torna de todo tranqüila; não tendes de cultivar uma mente tranqüila. Cultivar uma mente tranqüila implica uma entidade que cultiva, no campo do tempo, e espera conseguir os seus fins. Vede a dificuldade. Os que pretendem ensinar a meditação dizem: "Controle a mente, ponha-a absolutamente quieta". Tentais controlá-la, e desperdiçais quarenta anos de vossa vida a batalhar com ela. A mente que observa nunca exerce controle, nunca está a batalhar.

O próprio ato de ver ou escutar é atenção; esta não precisais praticar, se a praticais, a mente se torna de pronto desatenta. Estais atento, e a mente começa a divagar; deixai-a divagar, mas sabei que ela está desatenta; esse percebimento da desatenção é atenção. Não luteis contra a desatenção; não digais "preciso estar atento", porque isso é pueril. Sabei que estais desatento — que importa isso? E, se nesse momento de desatenção, há ação, ficai cônscio dessa ação. Compreendeis? Isto é muito simples. Se o fizerdes, a coisa se tornará clara como água.

O silêncio da mente é a beleza em si. Escutar o canto de uma ave, escutar a voz de um ente humano, escutar o político, o sacerdote, escutar o barulho da incessante propaganda, escutar em absoluto silêncio — é ouvir muito mais, ver muito mais. Não é possível esse silêncio se o corpo não está também totalmente quieto. O organismo, com suas reações nervosas — o remexer-se, o incessante movimento dos dedos, dos olhos — o organismo, apesar de nunca ter descanso, deve ficar totalmente quieto. Já tentastes alguma vez ficar completamente quieto, sem um único movimento do corpo, nem dos olhos? Fazei-o por dois minutos. Nesses dois minutos, a coisa se revela, toda inteira — se sabeis olhar.

Com o corpo quieto, aumenta o afluxo de sangue à cabeça. Mas, se vos sentais encolhido, desaprumado, é mais difícil o sangue afluir à cabeça; deveis saber disso. Mas, por outro lado, podeis estar fazendo qualquer coisa e ao mesmo tempo meditando — viajando num ônibus ou guiando o vosso carro (é uma coisa extraordinária a gente poder meditar ao mesmo tempo que está guiando um carro com todo o cuidado; digo-o por experiência própria). O corpo tem sua peculiar inteligência, que o pensamento destruiu. O pensamento busca o prazer e, dessa maneira, nos induz a satisfazer nossos apetites, a comer demais, a praticar excessos sexuais; o pensamento impele o corpo a fazer certas coisas: se o corpo tem preguiça, força-o a dominar a preguiça ou nos sugere tomar um comprimido para o mantermos ativo. Dessa maneira é destruída a inteligência inata do organismo e ele se torna insensível. Nós necessitamos de muita sensibilidade e, por conseguinte, devemos ter cuidado com o nosso comer; se comemos demais, sabemos quais são as conseqüências. Havendo sensibilidade em alto grau, há inteligência e, por conseguinte, amor; o amor é, então, alegria, e é atemporal.

A maioria de nós temos dores físicas, numa ou noutra forma. Essa dor em geral perturba a mente, que passa dias, talvez anos, pensando a seu respeito — "Não quero ter esta dor", "alguma vez ficarei livre dela?". Se o corpo sente dor, prestai atenção a essa dor, observai-a, não deixeis o pensamento interferir nela.

A mente (com inclusão do cérebro e do coração) deve achar-se em perfeita harmonia. Ora, para que serve isso; essa espécie de vida, essa espécie de harmonia, que utilidade tem neste mundo, em que há tanto sofrimento? Se só uma ou outra pessoa é capaz dessa vida extática, para que serve ela? — E para que serve essa pergunta? Para nada. — Se tendes em vossa vida aquela coisa maravilhosa, tendes tudo; sois então o mestre, o discípulo, o próximo, a beleza da nuvem — tudo sois, e isso é amor.

Nesta questão da meditação há mais uma coisa a considerar: a mente que está desperta durante o dia, exercendo as funções para que foi adestrada, a mente consciente, com suas atividades diárias, continua, durante o sono, essas atividades,

na forma de sonhos. Nos sonhos, há sempre ação, desta ou daquela espécie, acontecem coisas, de modo que as horas de sono são uma continuação das horas de vigília. A propósito dos sonhos há muita mistificação: eles precisam ser interpretados e, por isso, há tantos profissionais, "interpretadores dos sonhos" — quando vós mesmo podeis observá-los, prestando atenção a vossa vida durante as horas do dia. Mas, por que há necessidade de sonhos (se bem os psicólogos afirmam que, se não sonharmos, enlouqueceremos)? Se observardes muito atentamente as vossas horas de vigília, vossas atividades egocêntricas, vossos temores e ansiedades, vossos "sentimentos de culpa" — se ficardes atento a tudo isso, a cada movimento de vosso pensamento, a cada uma de vossas palavras, vereis que, durante o sono, não tereis sonhos. Se fizerdes isso, conhecereis a sua beleza — não do fastidioso trabalho de observar, mas a beleza de observar. Vereis, então, que, no sono, haverá atenção. E a meditação, essa coisa de que estivemos falando durante esta hora, se tornará extraordinariamente importante e valiosa, cheia de dignidade, de graça, de beleza. Compreendendo-se o que é atenção, não só durante as horas de vigília, mas também durante o sono, a mente inteira se torna plenamente desperta. Além deste ponto, nenhuma espécie de descrição é a coisa descrita. O que se pode fazer é apenas mostrar a porta. Se estiverdes disposto a ir até a porta, a vós é que caberá transpô-la. Ninguém pode descrever-vos aquela coisa inefável, que pode ser nada ou pode ser tudo. Quem quer que a descreva, não sabe. E quem diz que sabe, não sabe.

INTERROGANTE: Que é quietude, que é silêncio? É o fim do barulho?

KRISHNAMURTI: O som é uma coisa extraordinária. Não sei se já alguma vez escutastes o som — não os sons de que gostais ou de que não gostais — se, simplesmente, escutastes um som! O som, no espaço, tem um efeito maravilhoso. Já escutastes um avião a jato a cruzar os ares? Escutastes, sem nenhuma resistência, o som profundo que ele produz, deixando-vos levar por ele, por sua mágica ressonância?

Agora, que é silêncio? É o "espaço" que produzis e chamais "silêncio", pelo controle, pela repressão do barulho? O cérebro está constantemente ativo, reagindo, com seu próprio barulho,

aos diferentes estímulos. Que é silêncio? Compreendeis agora esta pergunta? É o silêncio a cessação do barulho produzido pelo "eu"? A cessação da "tagarelice", da verbalização, de todo e qualquer pensamento? Mesmo quando já não há verbalização e o pensamento aparentemente cessou, o cérebro continua em movimento. Não é o silêncio, por conseguinte, tanto a cessação do barulho como a completa cessação de todo o movimento? Observai isso, penetrai-o, vede como o vosso cérebro, resultado de milhões de anos de condicionamento, reage instantaneamente a cada estímulo; vede se essas células cerebrais, que estão incessantemente ativas, "tagarelando", reagindo, podem quietar-se.

Pode a mente, o cérebro, o organismo inteiro, essa totalidade psicossomática, quietar-se completamente — sem a forçarmos ou compelirmos, sem dizermos, por efeito de nossa avidez: "Quero quietar-me, a fim de ter a mais maravilhosa das experiências"? Examinai bem isso, para descobrirdes, verdes se o vosso silêncio é um mero produto, ou se porventura ele existe porque lançastes a base adequada. Se não lançastes essa base, que é amor, que é virtude, que é bondade, que é beleza, que é a verdadeira compaixão, existente bem no fundo de vosso ser, se não lançastes essa base, vosso silêncio é apenas a cessação do barulho.

Há, também, o problema das drogas. Na Índia, na antiguidade, havia uma substância chamada *soma* — uma espécie de cogumelo, cujo suco era bebido, produzindo tranqüilidade ou experiências alucinatórias de todo gênero, experiências que eram o resultado do condicionamento da pessoa. (Todas as experiências resultam de condicionamento; se credes em Deus, tendes naturalmente a experiência de Deus; mas essa crença baseia-se no medo e nas agonias do conflito; vosso Deus é produto de vosso medo. E, assim, a mais maravilhosa experiência de Deus nada mais é do que vossa própria projeção). Mas, perdeu-se o segredo daquele cogumelo, daquela coisa chamada *soma*. Desde então, apareceram na Índia, tal como aqui, várias drogas, tais como *hashish*, L.S.D., maconha, tabaco, bebida, heroína — sabeis da grande quantidade que delas existe. Há também o jejum. No jejuar, verificam-se certas reações químicas, proporcionadoras de alguma clareza e de deleite.

Se temos a possibilidade de viver belamente sem o auxílio de drogas, por que tomá-las? Mas aqueles que as tomam dizem-nos que elas provocam certas alterações; surge uma certa vitalidade, uma certa energia, e desaparece o espaço entre o observador e a coisa observada; as coisas são vistas com muito mais clareza. Diz um deles que as toma toda vez que vai a um museu, porque vê então as cores mais esplendorosas do que nunca. Mas, podem-se ver as cores com igual intensidade, sem o auxílio da droga, desde que se preste atenção, que se observe sem o espaço entre o observador e a coisa observada. Quando se tomam drogas, fica-se na dependência delas e, mais cedo ou mais tarde, se farão sentir os seus desastrosos efeitos.

Assim, por meio de jejuns e de drogas, esperam aquelas pessoas seja satisfeita a sua ânsia de uma experiência superior, que lhes proporcione tudo o que desejam. E o que elas almejam é uma coisa tão sem valor — alguma experiência insignificante que se encheu de vento para parecer uma coisa extraordinária. Assim, o homem sensato que observou tudo isso rejeita todos os estimulantes; esse homem se observa e conhece a si próprio. O autoconhecimento é o começo da sabedoria e o fim do sofrimento.

INTERROGANTE: Nas relações corretas, ajudamos realmente os nossos semelhantes? É suficiente amá-los?

KRISHNAMURTI: Que é "relações"? Que entendemos por "relações"? Estamos em relação com alguém? Estamos alguma vez em relação com alguma coisa, vivendo cada um de nós uma vida de isolamento — isolamento, no sentido de atividade egocêntrica, cada um com seus próprios problemas, seus temores, seus desesperos, seu desejo de preenchimento? Um homem que, como se costuma dizer, está em relação com sua esposa, tem imagens acumuladas. Essas imagens é que estão em relação — e a essa relação chama-se "amor"! Só existem relações quando a imagem, o "processo" isolante, desaparece, quando ele nada ambiciona dela, nem ela dele, quando ela não o possui, nem ele a possui, não depende dela, nem ela depende dele.

Se há amor, não se pergunta se ele ajuda ou não. Uma flor, à margem da estrada, com sua beleza, seu perfume, não

chama os passantes para cheirá-la, olhá-la, deliciar-se com ela, ver-lhe a beleza, a delicadeza, a efemeridade — ela lá está, para quem olhá-la ou não olhá-la. Mas, se dizemos "quero ajudar os outros", aí começa o medo, aí começam todos os males.

San Diego State College, 9 de abril de 1970.

TERCEIRA PARTE

8

CONTROLE E ORDEM

"O próprio processo do controle gera a desordem; tal como o oposto — a falta de controle — gera também a desordem."

Coisas terríveis estão sucedendo no mundo; tanta confusão, violência, brutalidade! Que pode fazer um ente humano, num mundo todo dividido, num mundo em que há tanto desespero e sofrimento, e, dentro de cada um de nós, tanta confusão e conflito? Qual a relação de um ente humano com esta sociedade corrupta, em que o próprio indivíduo está corrompido? Qual a norma de vida em que uma pessoa possa encontrar alguma espécie de paz, de ordem, e, ao mesmo tempo, viver nesta sociedade corrupta, em desintegração? Sem dúvida, já fizestes a vós mesmos estas perguntas; e, se achastes a resposta correta, o que é dificílimo, talvez possais estabelecer uma certa espécie de ordem em vossa vida.

Que valor tem um indivíduo que leva uma vida bem regrada, sã, integral, equilibrada, num mundo que está destruindo a si próprio e constantemente ameaçado de guerra? Que valor tem a mudança individual? Como influirá na massa da humanidade? Estou bem certo de que já fizestes estas perguntas. Mas, a meu ver, elas são perguntas errôneas, porque vós não viveis e agis corretamente por amor a outrem, nem para benefício da sociedade. Cumpre, pois, — assim me parece — descobrir o que é a ordem, para não ficarmos na dependência de nenhuma circunstância, econômica, social ou de outra natureza, de

nenhuma cultura em particular — porque, se não descobrirdes o que é a ordem e a maneira de viver sem conflito, vossa vida será vivida em vão. Na maneira como estamos atualmente vivendo, em constante luta e conflito, a vida tem muito pouca significação; em verdade, não tem significação nenhuma. Possuir algum dinheiro, exercer uma profissão, estar condicionado, repetir o que outros dizem, ter opiniões inabaláveis e crenças dogmáticas — tudo isso é bem pouco significativo. E, visto que essa vida é insignificativa, procuram os intelectuais, em todo o mundo, dar-lhe significação. Se são religiosos, dão-lhe uma peculiar tendência, com uma filosofia ou teoria própria.

Parece-me da maior importância, não só agora, mas em qualquer tempo, descobrirmos por nós mesmos, se somos verdadeiramente sérios, uma nova maneira de vida, não em forma de teoria, porém na vida real de cada dia, uma maneira de viver sem conflito de qualquer espécie, em todos os níveis de nossa existência. Para descobri-la, precisamos ser sérios. Estas nossas reuniões não constituem um entretenimento filosófico ou religioso. Aqui estamos para, se somos sérios — e espero sejamos — descobrirmos uma maneira de vida não ajustada a nenhuma fórmula, teoria, princípio ou crença. Comunhão significa compartilhar, criar juntos, trabalhar juntos, e não apenas escutar uma série de palavras ou de idéias; não nos interessam idéias de espécie alguma. Assim, logo de início, deve ficar bem claro que estamos, com todo o empenho, aplicando nossa mente e coração em descobrir se o homem, se vós podeis viver completamente em paz, pondo fim a toda espécie de conflito nas relações.

Para descobri-lo, devemos olhar a nós mesmos sem ser de acordo com uma peculiar filosofia ou um peculiar sistema de pensamento, ou de um ponto de vista religioso, especial. Penso que temos de afastar tudo isso para o lado, completamente, para que nossa mente fique livre e possa observar a si própria em relação com a sociedade, em relação com nós mesmos, nossas famílias, nossos semelhantes; porque só então, na observação de tudo o que está sucedendo realmente, se encontra a possibilidade de transcendê-lo. É isso que espero possamos fazer durante estas palestras.

Não vamos oferecer uma nova teoria, uma nova filosofia, e tampouco uma nova revelação religiosa. Aqui não há instru-

tor, não há salvador, nenhum mestre ou autoridade — e digo-o a sério — porque, para poderdes participar no que se vai dizer, deveis também pôr de parte todo e qualquer ponto de vista autoritário, hierárquico; a mente deve estar livre para observar. E ela não tem nenhuma possibilidade de observar, se estais seguindo algum sistema, algum guia, algum princípio, ou se estais acorrentado a qualquer espécie de crença. A mente deve ser capaz de observar. Esta vai ser a nossa dificuldade, porque, como acontece com a maioria de nós, o saber se tornou um peso morto, uma pesada pedra amarrada ao nosso pescoço; tornou-se nosso hábito, nosso condicionamento. A mente séria deve estar livre para observar, livre do peso morto do saber, da experiência, da tradição, que é memória acumulada — o passado.

Assim, para observar realmente *o que é,* ver o seu inteiro significado, a mente deve estar nova, clara, não dividida. E isso leva-nos a outro problema: Como olhar sem a divisão em "eu" e "não eu", "nós" e "eles".

Como dissemos, estais observando a vós mesmo através das palavras do orador. A questão, pois, é esta: Como deveis observar? Não sei se alguma vez examinastes esta questão. Como é que olhais, escutais, observais? — não só a vós mesmo, mas o céu, as árvores, os pássaros, vossos semelhantes, o político. Como é que escutais e observais outra pessoa, como observais a vós mesmo? A chave dessa observação se encontra em ver as coisas sem divisão. É possível isso? Nossa existência está toda fragmentada. Em nós mesmos estamos divididos, em contradição. Vivemos fragmentariamente — e isso é um fato verdadeiro. Um fragmento, dentre os múltiplos fragmentos, julga-se capacitado para observar. Embora tenha assumido a autoridade, ele continua a ser um fragmento dentre os demais fragmentos. E esse fragmento olha e diz: "Eu compreendo; sei qual é a ação correta".

Assim, já que estamos fragmentados, divididos, em contradição, existe um conflito entre os numerosos fragmentos. Sabeis que isso é um fato — se o observastes. E, daí, tirais a conclusão de que nada se pode fazer a respeito desse fato, nada pode ser mudado. Como pode essa fragmentação tornar-se um todo? Sabemos que, para vivermos uma vida harmoniosa, ordeira,

sã, essa fragmentação, essa separação entre "vós" e "mim" deve acabar. Mas concluímos que isso não é possível, pois estamos às voltas com o peso morto de "o que é". Conseqüentemente, inventamos teorias, esperamos que a "graça" de alguma divindade (cujo nome não importa) venha miraculosamente libertar-nos. Mas, infelizmente, isso não acontece. Ou ficais vivendo numa ilusão, inventais um certo mito — "Eu Superior", "Atman" — que vos oferece uma possibilidade de fuga.

Muito facilmente somos persuadidos a fugir, porque não sabemos como essa fragmentação pode tornar-se um todo. Não dizemos "integrar-se", porque integração supõe "alguém" que faz a integração: um fragmento que ajunta todos os outros fragmentos! Espero estejais percebendo a dificuldade desta questão, ou seja, que, consciente ou inconscientemente, todos estamos divididos em numerosos fragmentos. Tentamos muitos meios e modos, no desejo de acabarmos com a fragmentação. Uma das maneiras mais em voga é encarregarmos um analista de fazer esse trabalho para nós; ou, também, analisarmos a nós mesmos. Prestai toda a atenção: há o analista e a coisa a analisar. Nunca indagamos quem é o analista. Obviamente, ele é um daqueles numerosos fragmentos, e quer analisar sua própria estrutura integral. Mas o próprio analista, sendo um fragmento, está condicionado. Quando ele analisa, há várias coisas a considerar: primeiro, a análise deve ser completa, senão se tornará uma pedra amarrada ao pescoço do analista, quando ele começar a analisar o próximo incidente, a próxima reação. A lembrança da análise anterior aumenta a carga. E a análise também exige tempo; há tantas reações, associações e lembranças para analisar, que esse trabalho durará a vida inteira. Quando tiverdes acabado de analisar a vós mesmo — admitindo-se que isso seja possível — estareis pronto para a cova...

Um dos nossos condicionamentos é essa idéia de que devemos analisar-nos, olhar-nos introspectivamente. Nessa análise, há sempre o "censor", a entidade que controla, guia, molda; há sempre conflito entre o analista e a coisa analisada. Considerai bem isso, não como teoria, não como conhecimento; o conhecimento é excelente no seu próprio lugar, mas não quando estais procurando compreender a estrutura de vosso ser. Se vos servis do conhecimento, da associação e acumulação, da análise, como meio de vos compreenderdes, cessastes de apren-

der sobre vós. O aprender requer liberdade para podermos observar sem o "censor".

Podemos ver, em nós mesmos, o movimento de "o que é" — esse movimento que prossegue noite e dia, infinitamente. E, vendo-se a verdade a seu respeito (a verdade, não uma opinião), vendo-se a inutilidade, as desvantagens da análise, o desperdício de tempo e de energia que ela acarreta, cessa então de todo o processo analítico. Espero estejais vendo isso, enquanto aqui estais escutando. Porque, pela análise, dá-se continuidade à cadeia sem fim das associações, e por isso dizemos para nós mesmos: "Ninguém pode mudar; este conflito, esta aflição, esta confusão é inevitável; tal é a lei da vida". De maneira que o indivíduo se torna mecânico, violento, brutal e estúpido. Se se observa realmente esse fato, pode-se ver a verdade respectiva; essa verdade só pode ser percebida quando se vê o movimento de "o que é". Não o condeneis, não o racionalizeis — observai-o, simplesmente. E só podeis observá-lo se não há associação de espécie alguma em vossa observação.

Enquanto existir o analista, existirá necessariamente o censor, que cria o problema do controle. Não sei se já percebestes que, do nascimento à morte, os entes humanos estão sempre a controlar-se. Controle implica ajustamento, imitação, observância de um determinado princípio ou ideal que leve, finalmente, a essa coisa medonha chamada "respeitabilidade". Que necessidade há de controle? — isso naturalmente não significa perder o controle. Temos de compreender o que o controle implica. O próprio processo de controle gera desordem; tal como o seu oposto — a falta de controle — também gera desordem.

Temos de explorar, de compreender, de observar tudo o que o controle implica, e ver a verdade respectiva. Pode-se, então, viver com ordem, uma vida em que nenhum controle existe. A desordem é criada pela contradição causada pelo censor, pelo analista, pela entidade que se separou dos outros fragmentos e está tentando impor o que pensa ser correto.

Importa, pois, compreender essa forma peculiar de condicionamento, em que todos nos vemos inibidos e moldados pelo controle. Não sei se alguma vez perguntastes a vós mesmo por que razão controlais o que quer que seja. Vós "controlais", não? Que vos obriga a controlar? Qual a base dessa imitação, desse

ajustamento? Um dos fatores é, obviamente, o nosso condicionamento, nossa cultura, nossas sanções religiosas e sociais. No controle, está sempre em ação a vontade — uma forma imperativa de desejo — a moldar, a dirigir. Observai isso, por favor, ao mesmo tempo que me ouvis; observai-o realmente e vereis surgir algo totalmente diferente. Nós nos controlamos, controlamos nossas irritações, nossos desejos, nossos apetites, porque isso nos dá segurança. Sente-se uma grande segurança no controle, com suas repressões e contradições, suas lutas e conflitos; há nele uma certa sensação de segurança. E, também, ele nos assegura de que nunca falharemos.

Onde há divisão entre o "controlador" e a "coisa controlada" não há bondade. A bondade não pode ser encontrada na separação. A virtude é um estado mental em que não há separação e, por conseguinte, não há controle, que implica divisão. Controle supõe repressão, contradição, esforço, desejo de segurança — tudo isso em nome da bondade, da beleza, da virtude; mas o controle é a negação mesma da virtude e, por conseguinte, desordem.

Mas, pode-se observar sem divisão, sem o observador oposto à coisa observada, sem o conhecimento adquirido pelo observador, o qual o separa? Porque o observador é inimigo do bom — ainda que deseje a ordem, ainda que tente estabelecer a conduta correta, viver pacificamente. O observador que se separa da coisa observada é a própria fonte de tudo o que não é bom. Percebeis isso? Ou estais apenas a entreter-vos, despreocupadamente, nesta tarde de sábado? Sabeis o que tudo isso significa? Significa que a mente já não está analisando, porém observando realmente, vendo diretamente e, portanto, agindo diretamente. Significa uma mente em que não há divisão de espécie alguma; uma mente total, portanto, sã. Só o indivíduo neurótico é obrigado a controlar-se; e, quando chega ao ponto de estabelecer o controle total de si próprio, está completamente neurótico, impossibilitado de mover-se livremente.

Vede como isso é verdadeiro! A verdade não é "o que é"; "o que é" é a divisão — pretos e brancos, árabes e judeus, e toda a desordem que se observa neste mundo medonho. Tendo-se dividido, a mente não está inteira, sã, não é *sagrada*. E, por causa dessa divisão da mente, há tanta corrupção, tanta desor-

dem, tanta violência e brutalidade. Por conseguinte, a questão é esta: Pode a mente observar sem divisão, de modo que o observador seja a coisa observada? Olhar uma árvore, uma nuvem, a maravilhosa beleza da primavera, olhardes a vós mesmo, sem a carga do saber: olhardes a vós mesmo e aprender no momento mesmo da observação, sem acumulardes o que aprenderdes, a fim de que a mente esteja sempre livre para observar. Só a mente que está sempre nova aprende, e não aquela que leva uma pesada carga de saber. E aprender significa observar a si próprio sem divisão, sem análise, sem um "censor" a separar o "bom" do "mau", "o que deve ser" do que "não deve ser". Esta é uma coisa importantíssima, porque, se observardes dessa maneira, a mente descobrirá que todo o conflito terminará. Aí se encontra a bondade total. Só então a mente é capaz de agir virtuosamente, e nesse agir há uma grande alegria — não a alegria provocada pelo prazer.

Não sei se tendes vontade de fazer perguntas. É necessário fazer perguntas, questionar tudo, inclusive vossas crenças favoritas, vossos ideais, vossas autoridades, vossas escrituras, vossos políticos. Isso requer um certo ceticismo. Mas o ceticismo deve ser mantido sob freio; quando necessário, podemos soltar-lhe as rédeas, para que a mente possa ver livremente, mover-se com rapidez. Ao fazerdes uma pergunta, ela deve referir-se a um problema pessoal, vosso, e não a uma questão superficial, indiferente, com que desejeis entreter-vos; deve tratar-se de coisa *vossa*. Fareis, assim, a pergunta correta. E a pergunta correta terá uma resposta correta, porque o próprio ato de fazer a pergunta correta revela a resposta nela própria. Portanto, é necessário — se me permitis frisar este ponto — fazer sempre a pergunta correta. Assim poderemos, todos nós, participar no problema. Vosso problema não difere dos problemas dos outros. Todos os problemas estão relacionados entre si, e se pudermos compreender um só problema completamente, totalmente, teremos compreendido todos os outros problemas. Conseqüentemente, é da maior importância fazer sempre a pergunta correta. Mas, ainda no caso de ser incorreta a pergunta, pode descobrir-se, no próprio ato de formulá-la, a maneira de fazer a pergunta correta. Podeis fazer perguntas de ambos os gêneros: desse modo alcançaremos o ponto em que faremos sempre perguntas fundamentais, reais, verdadeiras.

INTERROGANTE: Qual a razão fundamental ou finalidade da existência humana?

KRISHNAMURTI: Conheceis alguma finalidade? A maneira como estamos vivendo é sem significação nem finalidade. Pode inventar-se uma finalidade — alcançar a perfeição, o esclarecimento, o mais alto grau de sensibilidade. Podemos inventar teorias e mais teorias, infinitamente; e nessas teorias acabamos emaranhados e tornamo-las nossos problemas. Nossa vida de cada dia é sem significação, e não tem nenhuma finalidade, a não ser a de juntar algum dinheiro e viver de maneira irracional. Tudo isso pode observar-se, não em teoria mas na realidade, em nós mesmos — nossa interminável batalha interior, esta busca de uma finalidade, de esclarecimento, a qual nos leva a todas as partes do mundo — principalmente à Índia ou ao Japão — para aprendermos uma técnica de meditação. Podem inventar-se finalidades, às centenas, mas não há necessidade de irdes a parte alguma, nem às montanhas do Himalaia, nem aos mosteiros, nem aos *Asramas* — que são verdadeiros campos de concentração — porque tudo está em vós. Em vós se encontra o Supremo, O Imensurável — se sabeis olhar, e não simplesmente presumirdes que ele lá se encontra, e pensardes que sois Deus, o Ser Perfeito, e demais puerilidades desse gênero. Essa é uma das mais estúpidas ilusões que impingimos a nós mesmos. Todavia, é através da ilusão, através de "o que é", através do mensurável, que se descobre o imensurável; mas, deveis começar em vós mesmo, e por vós mesmo descobrir a correta maneira de olhar, ou seja: olhar sem o observador.

INTERROGANTE: Em referência ao que estivestes dizendo, podeis explicar o que é controle, em relação ao refreamento?

KRISHNAMURTI: Cumpre compreender a pleno o significado da palavra "controle", não apenas em conformidade com o dicionário, porém vendo que a mente foi condicionada para controlar, ou refrear, que é a mesma coisa. No controlar, existe o censor, o "controlador", a divisão, o conflito, o refrear, conter, inibir. Quando de tudo isso nos tornamos cônscios, a mente se torna sobremodo sensível, inteligente. Nós destruímos essa inteligência, que também existe no corpo, no organismo; pervertemo-la, pela satisfação de nossos gostos e apetites. E a mente,

também, foi moldada, controlada, condicionada, através de séculos, pela cultura, pelo medo, pela crença. Ao perceber-se isso, não teoricamente, porém na realidade, ver-se-á como a sensibilidade reagirá inteligentemente, sem necessidade de inibição, de controle, repressão, refreamento. Mas impende compreender a estrutura e natureza do controle, que tanta desordem tem produzido em nós; compreender a vontade, que é o centro mesmo da contradição e, por conseguinte, do controle. Olhai, observai vossa vida, e descobrireis tudo isso, e mais ainda. Todavia, se transformardes esse descobrimento em conhecimento, num peso morto, estareis perdido. Porque conhecimento é acumulação de associações, uma cadeia sem fim. E, se a mente se deixa colher por essa cadeia, torna-se impossível a mudança.

INTERROGANTE: Podeis explicar como poderá a mente dominar o corpo de tal maneira que ele se torne capaz de levitação?

KRISHNAMURTI: Isso vos interessa realmente? Não sei por que desejais elevar-vos no ar. A mente, senhores, está sempre a buscar alguma coisa de misterioso, de oculto, alguma coisa que seja descoberto só por vós, e por ninguém mais. Isso irá proporcionar-vos um extraordinário sentimento de importância, de vaidade, de prestígio, vos tornará conhecido como "O Místico". Mas, descobrireis um mistério real, uma coisa verdadeiramente sagrada, quando compreenderdes o todo desta vida, desta nossa existência. Nela, em nossa vida, há grande beleza, indescritível alegria. Nela se encontra uma coisa inefável chamada o Imensurável. Tendes, porém, de compreender o Imensurável; ele não é o oposto do mensurável.

Há fotografias de pessoas no estado de levitação. Este que vos fala já viu esse fenômeno e outras coisas igualmente sem importância. Se tendes verdadeiro interesse na levitação — não sei por que razão, mas se o tendes, deveis possuir um corpo maravilhoso, altamente sensível; não deveis beber, nem fumar, nem tomar drogas, nem comer carne. Deveis possuir um corpo perfeitamente flexível, são, dotado de inteligência própria, inteligência não imposta pela mente. E, chegando a esse ponto, descobrireis que a levitação não tem valor algum!

Londres, 16 de maio de 1970.

9

A VERDADE

"A Verdade não é "o que é", mas a compreensão de "o que é" abre a porta que conduz à verdade."

HÁ VÁRIAS questões que deveríamos considerar, tais como a educação, o significado dos sonhos, e se, num mundo que se tornou tão mecânico e imitativo, a mente terá uma possibilidade de ser livre — de libertar-se de toda e qualquer tendência a ajustar-se. Temos de considerar o inteiro problema da existência, e não apenas uma parte dele; não apenas o lado técnico da vida e a necessidade de ganharmos o nosso sustento, mas também o problema de como transformar a sociedade — ver se essa transformação é possível pela revolta, ou se pode haver uma revolução de espécie diferente, uma revolução interior, capaz de criar, infalivelmente, uma nova sociedade. Será bom considerarmos esse ponto e, em seguida, a questão da meditação. Porque — se me perdoais o dizê-lo — não pareceis saber o que está implicado na meditação. A respeito dela quase todos nós já lemos livros ou temos sido informados por outras pessoas, e temos tentado praticá-la. O que este orador pretende dizer sobre meditação pode ser o contrário de tudo o que sabeis, ou praticais, ou tendes experimentado. Não se pode buscar a Verdade; por conseguinte, impende compreender o significado do buscar. Trata-se, pois, de uma questão extremamente complexa; a meditação exige sensibilidade no mais alto grau, um

silêncio de alta qualidade — silêncio não provocado, não disciplinado, nem cultivado. E esse silêncio só pode existir ou tornar-se existente se, psicologicamente, compreendermos como viver harmonicamente, já que nossa vida, como a estamos vivendo todos os dias, está em conflito; toda ela é uma série de ajustamentos, de controles, repressões, e de revoltas contra tudo isso.

Temos para considerar toda a questão de como viver uma vida em que não haja violência de espécie alguma; porque, se não compreendermos realmente a violência e dela nos libertarmos, não será possível a meditação. Com esta podeis entreter-vos, ir até o Himalaia para aprender a maneira de respirar e de sentar-se corretamente, podeis praticar um pouco de Ioga e pensar terdes aprendido a meditação, mas tudo isso é bastante infantil. Para descobrir aquela coisa extraordinária chamada meditação, deve a mente estar completamente livre de toda tendência para a violência. Por conseguinte, será proveitoso falarmos acerca da violência, para vermos se a mente pode, de fato, livrar-se dela, e não deixar-se cair, romanticamente, num certo estado de estupor chamado "meditação".

Volumes já se escreveram para explicar por que o homem é agressivo. Os antropologistas dão-nos suas explicações, e cada especialista o explica à sua maneira, contradizendo ou exagerando este fato que quase todos nós conhecemos racionalmente, ou seja, que os entes humanos são violentos. Pensamos que a violência seja um mero ato físico — ir para a guerra matar gente. Aceitamos a guerra como norma da vida. E, aceitando-a, nada fzemos em relação a ela. Superficialmente ou entusiasticamente, podemos tornar-nos pacifistas num dos setores de nossa vida, enquanto, nos restantes setores, vivemos em conflito — somos ambiciosos, competimos uns com os outros, esforçamo-nos em todos os sentidos; esse esforço implica conflito e, por conseguinte, violência. Toda forma de ajustamento, toda forma de desfiguração — deliberada ou inconsciente — é violência. Disciplinar-se a si próprio de acordo com um padrão, um ideal, um princípio, é uma forma de violência. Toda desfiguração, decorrente de não compreendermos e ultrapassarmos efetivamente "o que é", é uma forma de violência. E, todavia, existe alguma possibilidade de, sem nenhum conflito, nenhuma oposição, pormos fim à violência em nós existente?

Acostumamo-nos com uma sociedade, uma moralidade, baseadas na violência. Todos sabemos disso. Desde crianças, somos educados para sermos violentos, imitarmos, ajustarmo-nos — consciente ou inconscientemente. Não sabemos como sair desse estado de violência. Dizemos para nós mesmos que isso é impossível, que o homem não pode deixar de ser violento, mas que a violência pode ser praticada com luvas de pelica, civilizadamente, etc. Cumpre-nos, pois, examinar esta questão, porque, se não compreendermos a violência e o medo, como poderá haver amor? Pode a mente que aceitou o ajustamento a uma sociedade, a um princípio, a uma moralidade social que de modo nenhum é moral, a mente que foi condicionada pelas religiões para crer, a mente que aceita ou rejeita a idéia de Deus — pode essa mente libertar-se sem luta, sem resistência, de nenhuma espécie? A violência gera mais violência; a resistência só cria outras formas de desfiguração.

Sem ler livros e sem escutar os professores ou os "santos", qualquer um pode observar sua própria mente. É este, afinal de contas, o começo do autoconhecimento: conhecer a si próprio, não de acordo com algum psicólogo ou analista, porém pela auto-observação. Pode-se então ver o quanto a mente está condicionada — pelo nacionalismo, pelas diferenças raciais e sociais, etc. etc. Se a pessoa se mantém vigilante, pode tornar-se cônscia desse condicionamento, da vasta propaganda que se faz em nome de Deus, em nome do Comunismo ou do que quer que seja, condicionamento que há séculos e séculos nos vem moldando desde a infância. Ao tornar-se cônscia dele, pode a mente descondicionar-se, libertar-se de toda espécie de ajustamento, alcançar a liberdade completa?

Como conseguir isso? Como pode qualquer de nós — eu ou vós — ficar vigilante, sabendo que nossa mente está solidamente condicionada, não apenas na superfície, mas também em suas últimas profundezas? Como quebrar esse condicionamento? Se não for possível quebrá-lo, ficaremos vivendo num perpétuo estado de ajustamento; ainda que se estabeleça um novo padrão, uma nova estrutura social ou um novo conjunto de crenças e dogmas, e novas formas de propaganda, haverá sempre ajustamento. E, se desejamos qualquer espécie de transformação social, torna-se necessária uma educação de nova espécie — a fim de que as crianças não sejam educadas para ajustar-se.

Eis, pois, a questão: Como poderá a mente libertar-se do condicionamento? Não sei se alguma vez tentastes compreendê-la, aprofundá-la o mais possível, tanto no nível consciente, como nas camadas mais profundas da consciência. Existem realmente dois níveis separados? Ou trata-se de um movimento único, mas estamos cônscios apenas do movimento superficial que foi educado para ajustar-se às exigências de uma dada sociedade ou cultura?

Como disse outro dia, não estamos aqui apenas para ouvir palavras, porque isso não tem valor nenhum. Mas, se tomardes parte ativa no que se está dizendo, se cooperardes, descobrireis, por vós mesmos, como observar esse movimento total, sem separação, sem divisão; porque, onde existe qualquer espécie de divisão — racial, intelectual, emocional, ou a divisão dos opostos, o "eu" e o "não eu", "eu superior", "eu inferior" — essa divisão, inevitavelmente, produzirá conflito. Conflito é desperdício de energia, e para compreenderdes tudo isso de que estamos tratando necessitais de uma grande abundância de energia.

Como pode a mente, que tão condicionada está, observar a si própria, sem a separação entre "observador" e "coisa observada"? O espaço entre o observador e a coisa observada, a distância, o intervalo de tempo, é uma contradição e a essência mesma da divisão. Por conseguinte, quando o observador se separa da coisa observada, ele não só atua como censor, mas também produz essa dualidade e, portanto, conflito.

Assim, pode a mente observar a si própria sem a divisão do observador e da coisa observada? Compreendeis o problema? Ao observardes que sois ciumento, invejoso — um fato muito comum — há sempre o observador, que diz "Não devo ser ciumento". Ou o observador dá uma razão, uma justificativa, para se ser ciumento — não é verdade isso? Há o observador e a coisa observada; o primeiro observa o ciúme como algo que está separado dele e que ele procura controlar, de que procura libertar-se: conseqüentemente, há conflito entre o observador e a coisa observada. O observador é um dos numerosos fragmentos de que somos constituídos.

Estamos em comunicação? Percebeis o que entendemos por "estar em comunicação"? É compartilhar, e não compreender apenas verbalmente, intelectualmente. Não há compreensão in-

telectual de *coisa alguma*; principalmente quando se trata de problemas humanos fundamentais.

Assim, ao compreenderdes realmente a verdade de que toda espécie de divisão cria inevitavelmente conflito, vereis que este é um desperdício de energia, havendo, portanto, desfiguração, violência, e quanto decorre do conflito. Ao compreenderdes isso realmente, e não apenas verbalmente, descobrireis como observar sem o intervalo de tempo e o espaço entre o observador e a coisa observada; descobrireis como observar o condicionamento, a violência, a opressão, a brutalidade, as coisas medonhas que se estão passando no mundo e dentro em nós mesmos. Estais fazendo isso, enquanto falamos? Não digais logo "sim", porque uma das coisas mais difíceis é observar sem o observador, sem o "verbalizador", sem a entidade que está repleta de conhecimento, ou seja, do passado; sem o espaço entre o observador e a coisa observada. Fazei-o! Observai uma árvore, uma nuvem, a beleza da primavera, a folha nova — e descobrireis que coisas extraordinárias elas são! Mas descobrireis, então, que antes nunca vistes realmente a árvore, nunca!

Quando observais, sempre o fazeis com uma imagem ou através de uma imagem. Tendes uma imagem, na forma de conhecimento, ao olhardes a árvore; ou, ao olhardes vossa esposa ou marido, tendes a imagem dela ou dele, imagem que se veio formando no decurso de vinte, trinta ou quarenta anos. Assim, uma imagem olha para outra imagem, e essas imagens têm suas relações próprias; por conseguinte, não há uma relação real. Procurai reconhecer este fato tão simples, que olhamos quase tudo, na vida, com uma imagem, com um preconceito, uma idéia preconcebida. Nunca olhamos com olhos novos; nossa mente nunca é nova.

Cumpre-nos, pois, observar a nós mesmos — que fazemos parte da violência —, observar esta infinita busca de prazer, com os concomitantes temores e frustrações, a agonia da solidão, a falta de amor, o desespero. Observar integralmente, sem o observador, esta nossa estrutura, vê-la tal como é, sem nenhuma deformação, nenhum julgamento, condenação ou comparação — pois tudo isso representa o movimento do observador, do "eu" e do "não eu" — observar tudo isso exige a mais alta forma de disciplina. Não estamos empregando a palavra "disci-

plina" no sentido de ajustamento ou coerção, nem tampouco a entendemos como aquela disciplina que se cria mediante a promessa de recompensa ou a ameaça de punição. Para se observar qualquer coisa — a esposa, o vizinho, uma nuvem — requer-se uma mente sobremodo sensível; essa mesma observação cria sua disciplina própria, de não-ajustamento. Por conseguinte, a disciplina em sua forma mais elevada não é disciplina.

Observar a coisa chamada "violência", sem divisão, sem o observador; ver o condicionamento, a estrutura da crença, das opiniões, dos preconceitos — é ver o que sois; e o que sois é "o que é". Quando o observais, e há divisão, então dizeis: "É impossível mudar". Assim viveu o homem durante milênios, e dessa mesma maneira continua a viver. O dizer-se "Isto não é possível" rouba-nos energia. Só quando vemos claramente o que é possível, na forma mais elevada, temos abundância de energia.

Cabe-vos, pois, observar realmente "o que é", não a imagem que tendes de "o que é", mas o que realmente sois, sem nunca dizerdes "é feio", "é belo". Só sabeis o que sois mediante comparação. Dizeis "sou estúpido, em comparação com *fulano* que é muito inteligente e esperto". Já tentastes viver sem vos comparardes com alguém ou alguma coisa? Que sois vós, então? O que então sois é "o que é". Podeis, pois, ultrapassá-lo, descobrir o verdadeiro! Portanto, a questão de libertar a mente do condicionamento se cifra em como a mente observa.

Não sei se alguma vez examinastes a questão do amor, se nela refletistes ou a investigastes. O amor é prazer? O amor é desejo? É ele uma coisa que pode ser cultivada, tornada respeitável pela sociedade? Se ele é prazer — como evidentemente é, pelo que se pode observar, não apenas prazer sexual, mas também o prazer moral, o prazer de "realizar-se", de ter sucesso, o prazer de "vir a ser" ou ser importante (o que implica competição e ajustamento) — se ele é prazer, é amor? O homem ambicioso, mesmo aquele que diz "Quero descobrir a Verdade" e anda em busca daquilo que considera ser a verdade, pode saber o que é amor?

Não nos cumpre investigar esta questão inteligentemente, isto é, vendo o que *não é*: pela negação alcançar o positivo, rejeitar o que não é amor? Ciúme não é amor; a lembrança de

um prazer, sexual ou outro, não é amor; o cultivo da virtude, o esforço constante para se ser "excelente", não é amor. E ao dizerdes "Eu te amo", que significa isso? Significa que amais a imagem que tendes "dele" ou "dela", os prazeres, sexuais e outros que fruístes, a consolação de sua companhia, pois não desejais estar só e temeis a solidão. É amor esse constante desejo de ser amado, de possuir, de ser possuído, de dominar, de impor, de agredir? Quão desejável seria perceberdes, não verbalmente, porém na realidade, quanto é absurdo isso que chamais "amor", quantas inanidades se dizem a respeito do amor — amor da pátria, amor de Deus, etc. — e quanto tem de sensual esse amor que conheceis (não estamos condenando o sexo, estamos apenas observando) — quão desejável seria que o observásseis tal como é, e vísseis que vosso amor a Deus é um amor nascido do medo, e vossa "religião de fim de semana", simplesmente medo! Para o observarmos totalmente, não deve haver divisão. Onde não há divisão, existe a bondade; não se necessita cultivar a bondade. Pode, pois, a mente — inclusive o cérebro, a estrutura toda — observar totalmente a coisa a que chama "amor", com tudo o que ela tem de maligno, de pequeno, de medíocre — observá-la e rejeitar tudo o que não é amor?

Há enorme diferença entre a alegria e o prazer. O prazer pode cultivar-se, nele podemos pensar à vontade e repeti-lo. Se tivestes um prazer ontem, podeis pensar nele, ruminá-lo e desejar a sua repetição amanhã. No prazer existe motivo e, nesse motivo, espírito de posse, de domínio, de obediência, etc. Encontra-se um grande prazer em obedecer. Hitler, Mussolini, Stalin e outros mais, podiam forçar o povo a obedecer, porque no obedecer há um maravilhoso sentimento de segurança, de proteção. Quando tiverdes compreendido todas essas coisas e delas vos tiverdes libertado; quando, na realidade e não apenas verbalmente, já não fordes ciumento, não desejardes dominar ou ser dominado; quando as tiverdes varrido todas da mente, sabereis o que é o amor e não tereis necessidade de buscá-lo.

Uma vez compreendido o significado da palavra "amor", não se pode deixar de perguntar: Que é a morte? Porque o amor e a morte são inseparáveis. Se não sabemos morrer para o passado, não sabemos o que é o amor. O amor não pertence ao tempo, não é uma coisa de que possamos lembrar-nos. Não

podeis lembrar-vos da alegria e cultivá-la; ela vem sem ser chamada.

Que é, pois, a morte? Não sei se já observastes a morte, não a morte de alguém, mas vossa própria morte. Uma das coisas mais difíceis é não nos identificarmos com nada. Em geral, nos identificamos com nossos móveis, nossa casa, nossas esposas ou maridos, nosso governo, nossa pátria, com a imagem que temos de nós mesmos; identificamo-nos com o que é maior do que nós — essa coisa "maior" pode ser um grupo maior, ou seja, a nação; ou identificamo-nos com uma dada qualidade ou imagem. O não nos identificarmos com nossa mobília, nosso saber, nossas experiências, nossas técnicas e conhecimentos tecnológicos, como engenheiros ou cientistas, o pormos fim a toda espécie de identificação é uma forma de morte. Se o fizerdes alguma vez, vereis que daí não resulta descontentamento nem desespero, mas uma coisa maravilhosa: uma mente totalmente livre para observar e, portanto, para viver.

Infelizmente, separamos a vida e a morte. O que tememos é "não viver" — esse viver a que chamamos "vida". E, quando examinamos esse viver, não teoricamente, porém observando-o com os olhos, com os ouvidos, com tudo o que temos — vemos quanto ele é trivial, vulgar, superficial. Podeis possuir luxuosos automóveis, residir em suntuosas vivendas, com belos jardins, ter títulos e diplomas, mas, interiormente, vossa vida é uma batalha interminável, uma constante luta com contradições, desejos opostos, necessidades múltiplas.

É esse o viver a que estamos apegados. A qualquer coisa que ponha fim a esse viver — salvo se estamos por demais identificados com nosso corpo — chamamos morte; embora o organismo físico também acabe. E, como tememos o findar, temos crenças de toda espécie. Todas elas — inclusive a crença na reencarnação — são meios de fuga. O importante é a maneira como estais vivendo agora, e não o que sereis na próxima vida. A questão, pois, é se a mente pode viver completamente fora do tempo. Destarte, impende compreender realmente a questão do passado — o passado que, como "ontem", atravessa o "hoje" e molda o "amanhã" com "o que foi" — o ontem. Pode a mente, essa mente resultante do tempo, da evolução, libertar-se do passado; quer dizer, morrer? Só a mente

que sabe morrer é capaz de meditar. Do contrário, a meditação não passa de pura fantasia infantil.

A Verdade não é "o que é", mas a compreensão de "o que é" abre a porta conducente à Verdade. Se não compreenderdes, *realmente*, "o que é", o que sois — se não o compreenderdes com o coração, com a mente, com o cérebro, com os sentimentos, não compreendereis o que é a Verdade.

INTERROGANTE: Qualquer coisa que vos ouço dizer, neste salão, é simples e fácil de compreender. Mas, tão logo me vejo lá fora, sinto-me como que "em alto mar"; não sei o que faça quando estou só.

KRISHNAMURTI: Vede, senhor: o que o orador diz é bem claro; ele vos está apontando "o que é" — uma coisa *vossa*, que não está dentro deste salão, nem em poder do orador. O orador não está fazendo propaganda de espécie alguma; ele nada deseja de vós — nem lisonjas, nem insultos, nem aplausos. Ele vos está apontando o que é vosso — vossa vida, vossa aflição, vosso desespero. Tendes de compreendê-lo, não apenas aqui dentro; aqui vos vedes posto numa posição embaraçosa, frente a frente com vós mesmo — por alguns minutos, talvez. Mas, ao sairdes daqui, aí é que começa a "brincadeira"(*)! Não estamos procurando influenciar-vos a agir, a pensar, a fazer isto ou aquilo; isso seria propaganda. Mas, se escutastes com o coração, com a mente vigilante — não influenciada — se observastes, então, ao sairdes, o que vos mostramos irá convosco; é vosso, porque o compreendestes.

INTERROGANTE: Qual a função do artista?

KRISHNAMURTI: São os artistas tão diferentes dos outros seres humanos? Por que dividimos a vida em fragmentos — o cientista, o artista, a dona de casa, o médico? O artista poderá ser um pouco mais sensível, mais capaz de observar, de estar vigilante. Poderá pintar quadros maravilhosos, ou escrever lindas poesias, ou cinzelar estátuas, mas é sempre um ente humano — ansioso, assustado, ciumento, ambicioso. Como pode ser ambicioso "um artista"? Se o é, já não é artista. O violinista ou

(*) Krishnamurti usou uma expressão equivalente: *fun*. (N. do T.)

pianista que utiliza seu instrumento para ganhar dinheiro, ter prestígio — imaginai só! — não é um músico. O cientista que trabalha para os governos, para a sociedade, para a guerra, é um cientista? Esse homem que pesquisa, que quer compreender, tornou-se tão corrupto como os outros entes humanos, embora, em seu laboratório, seja maravilhoso. E o homem que sabe expressar-se belamente numa tela pode estar interiormente tão dividido como os outros, ser pequeno, medíocre, ansioso, assustado. Ora, por certo, um artista, um ente humano, é um todo indivisível, completo. A palavra "indivíduo" significa "não dividido"; mas nós não o somos, pois somos entes humanos divididos, fragmentados — negociantes, artistas, médicos, músicos. Por conseqüência, a vida que levamos ... não, não é necessário descrevê-la; vós a conheceis.

INTERROGANTE: Senhor, que critério adotar quando se tem de escolher entre várias possibilidades?

KRISHNAMURTI: Por que escolher? Quando se vê uma coisa com toda a clareza, que necessidade há de escolha? Escutai isto, por favor: Só a mente que está confusa, incerta, às escuras, escolhe. Não me refiro ao escolher entre o preto e o branco, porém ao escolher psicologicamente. Se não estais confuso, por que deveis escolher? Se vedes uma coisa bem claramente, sem nenhuma deformação, há alguma necessidade de escolha? Não há alternativas; só existem alternativas quando, no plano físico, se tem de escolher entre dois caminhos — podeis seguir um ou o outro. Mas, existem também alternativas na mente que, em si mesma, está dividida e confusa; nela, por conseguinte, existe conflito e, portanto, ela é violenta. É a pessoa violenta quem diz que quer viver pacificamente e nas suas reações é violenta. Mas, quando se vê bem claramente, e em seu todo, a natureza da violência — da forma mais brutal de violência à mais sutil — dela nos libertamos.

INTERROGANTE: Mas, quando poderemos vê-la?

KRISHNAMURTI: Já observastes totalmente uma árvore?

INTERROGANTE: Não sei.

KRISHNAMURTI: Fazei-o, uma vez, se tendes interesse nessas coisas.

INTERROGANTE: Eu sempre pensava tê-la observado totalmente, até a próxima vez que a via.

KRISHNAMURTI: Para aprofundarmos esta questão, comecemos com a árvore, a coisa mais objetiva que há. Observai-a de maneira completa, quer dizer, sem o observador, sem nenhuma divisão — o que não significa identificar-vos com a árvore, tornar-vos a árvore. Isso seria absurdo. Mas, observar a árvore implica olhá-la sem separação entre vós e a árvore, sem o espaço criado pelo "observador", com seus conhecimentos, seus pensamentos, seus preconceitos relativos àquela árvore; olhá-la quando não estais cheio de cólera, de ciúme, de desespero ou daquela coisa chamada "esperança" — que é o oposto do desespero e, por conseguinte, não é esperança. Ao observardes a árvore, vede-a sem separação, sem aquele espaço — e vê-la-eis, então, em seu todo.

Se, observando vossa esposa, vosso amigo, vosso marido, qualquer coisa, olhais sem a imagem respectiva — que é a acumulação do passado, vereis acontecer uma coisa extraordinária, uma coisa nunca vista em vossa vida. Mas, observar totalmente implica "não-divisão". Muita gente toma LSD e outras drogas a fim de destruir o espaço entre o observador e a coisa observada. Nunca tomei nenhuma delas; uma vez iniciada essa "brincadeira", a pessoa está perdida, para sempre dependente da droga, causadora dos danos que lhe são peculiares.

INTERROGANTE: Qual a relação entre o pensamento e a realidade?

KRISHNAMURTI: Que é o pensamento em relação ao tempo, em relação ao mensurável e ao imensurável? Que é pensamento? Pensamento é reação da memória — obviamente. Se não tivésseis memória, seríeis incapaz de pensar, vos acharíeis num estado de amnésia. O pensamento é sempre velho, nunca é livre, jamais pode ser novo. Quando o pensamento está em silêncio, há possibilidade de descobrir-se alguma coisa nova; mas o pensamento não pode, de modo nenhum, descobrir nada de novo. Está claro isto? Por favor, não concordeis comigo. Ao vos ser feita uma pergunta sobre algo que vos é familiar, a resposta é imediata: "Como se chama?", "Onde mora?" — a ambas respondeis imediatamente. Mas uma pergunta mais complexa exige

tempo. Nesse intervalo de tempo o pensamento fica a procurar, a tentar lembrar-se.

Assim, no desejo de descobrir o que é a verdade, o pensamento está sempre olhando em função do passado. Eis a dificuldade relativa à busca. Quando buscais, deveis ser capaz de reconhecer o que achais; e o que achais, dependente de vosso reconhecimento, é o passado. Portanto, o pensamento é tempo — obviamente; isto é muito simples, não achais? Ontem tivestes uma experiência que vos proporcionou extraordinário deleite; ficais pensando nela, e desejais sua repetição amanhã. O pensamento, ocupando-se com uma coisa que deu prazer, deseja-a de novo amanhã; por conseguinte, o "amanhã" e o "ontem" constituem o intervalo de tempo durante o qual ides obter aquele prazer, durante o qual ficais pensando nele. Conseqüentemente, o pensamento é tempo. E nunca pode ser livre, porque é reação do passado. Como pode o pensamento descobrir o que quer que seja de novo? Isso só é possível se a mente se acha em total silêncio, não porque deseje descobrir algo de novo — pois, nesse caso, o silêncio é provocado por um motivo e, assim, não é silêncio.

Se compreenderdes isso, tereis compreendido a coisa por inteiro e, até, respondido à vossa pergunta. Estamos sempre a servir-nos do pensamento como meio de descobrir, de indagar, de investigar, de olhar. Achais que o pensamento seja capaz de descobrir o que é o amor? Ele pode conhecer o prazer proporcionado por aquilo a que chama "amor", e exigir, em nome do amor, a repetição desse prazer. Mas o pensamento, sendo produto do tempo, produto de medição, nenhuma possibilidade tem de compreender ou de descobrir aquela coisa imensurável. E apresenta-se, assim, a pergunta: Como se pode *silenciar* o pensamento? Não podeis silenciá-lo. Talvez tratemos desta questão noutra oportunidade.

INTERROGANTE: Necessitamos de regras para viver?

KRISHNAMURTI: Minha senhora, não ouvistes bem o que estivemos dizendo nesta palestra! Quem irá estabelecer as regras? As igrejas já o fizeram, e os governos tirânicos também, ou vós mesmos estabelecestes regras para vossa conduta pessoal, vosso próprio comportamento. E sabeis o que isso significa: uma ba-

talha entre o que pensais "deveríeis ser", e "o que sois". Qual é mais importante: Compreender o que deveríeis ser ou o que sois?

INTERROGANTE: Que sou eu?

KRISHNAMURTI: Averigüemo-lo. Eu já vos disse o que sois: vossa pátria, vossos móveis, vossas imagens, vossas ambições, vossa respeitabilidade, vossa raça, vossas idiossincrasias e preconceitos, vossas obsessões — já sabeis o que sois! Por esse meio quereis descobrir a Verdade, Deus, a Realidade! E visto que a mente não sabe como libertar-se de tudo aquilo, inventais algo, um agente exterior, ou dais um significado à vida.

Assim, compreendida a natureza do pensamento — não verbalmente, porém estando-se realmente cônscio dele — se tendes um preconceito, olhai-o, e vereis que vossas religiões são um preconceito, a identificação com vossa pátria e também preconceito. Temos centenas de opiniões: outros tantos preconceitos! Observai, completamente, um só deles, com o coração, com a mente, com amor — dai-lhe importância, olhai-o! E descobrireis, então, como viver sem nenhum preconceito. Só a mente livre de preconceitos, de conflito, pode ver o que é a Verdade.

Londres, 27 de maio de 1970.

10

A MENTE RELIGIOSA

"A mente religiosa é a luz de si mesma. Luz que não é acesa por outrem. A luz que outrem acende pode extinguir-se rapidamente."

Vamos conversar sobre a meditação? Falar a respeito de uma coisa e fazê-la são coisas bem diferentes. Se vamos examinar este complexo problema, não só temos de compreender o significado das palavras, mas também, assim me parece, cumpre transcender as palavras. Na meditação há várias coisas a considerar. O compreendê-la de fato, praticá-la realmente, e não apenas intelectual, verbal ou teoricamente, requer uma peculiar seriedade, em que exista uma boa dose de inteligência e jovialidade.

Antes de tudo o mais, cumpre investigar o que é a mente religiosa; não o que é religião, porém aquela peculiaridade da mente e do coração que se pode chamar religiosa. Podem dar-se muitos significados à palavra religião, conforme o condicionamento de cada um — seja aceitando-a, emocional, sentimental ou piedosamente, seja rejeitando totalmente a atitude religiosa, a maneira de vida religiosa, como muitos o fazem. Sente-se, até, um certo acanhamento quando se tem de falar sobre assuntos religiosos. Mas a mente religiosa não tem absolutamente nada que ver com a crença em Deus; ela não tem nenhuma teoria, filosofia ou conclusão, porque é sem medo e, por conseguinte, não tem necessidade de crença.

É difícil descrever a mente religiosa, pois a descrição nunca pode ser a coisa descrita; mas, uma pessoa sensível, vigilante e séria saberá achar o caminho que a ela conduz.

Em primeiro lugar, não se pode pertencer a nenhuma religião organizada. Esta se me afigura uma das coisas mais difíceis para a maioria dos entes humanos; estes querem ficar agarrados a uma certa espécie de esperança, de crença, a uma certa teoria ou conclusão, ou a uma experiência deles próprios a que dão um significado religioso. Toda e qualquer espécie de apego e, portanto, de dependência de uma dada experiência, própria, secreta, ou da experiência acumulada dos chamados santos, dos místicos, ou de vosso guru ou instrutor particular, deve ser de todo abandonada. Espero estejais fazendo isso, porque a mente religiosa não leva nenhuma carga de medo, nem está buscando nenhuma espécie de segurança e de prazer. É de todo necessária uma mente não carregada de experiência, para se descobrir o que é a meditação. A busca de experiência é o caminho da ilusão.

É muito difícil não buscar nenhuma espécie de experiência; a vida da maioria de nós é tão mecânica e superficial, que desejamos experiências mais profundas, pois já estamos entediados da superficialidade dela. Desejamos, ou, antes, ansiamos por algo que tenha significação, plenitude, profundidade, beleza, encanto e, por isso, nossa mente anda a buscar. E o que ela busca achará, e o que achar não será a Verdade. Estais aceitando ou rejeitando o que estou dizendo? Peço-vos não aceitar nem rejeitar; porque, nesta matéria, não há vosso gosto ou meu gosto, não há autoridade alguma, nem do orador, nem de ninguém mais. Em geral, desejamos encontrar alguém que nos leve, nos guie, nos ajude, e, em tal pessoa ou em tal ideal, princípio ou imagem, depositamos fé e confiança. Por conseguinte, dependemos de outrem. A pessoa dependente de outrem e, portanto, incapaz de estar só, incapaz de compreender, incapaz de olhar diretamente, essa pessoa, inevitavelmente, terá medo de errar, de não fazer o que é certo para alcançar o prometido ou esperado êxtase. Todas essas formas de autoridade devem desaparecer totalmente; isso significa ser sem medo, não depender de ninguém (não há guru), e ter uma mente que não esteja buscando experiência. Porque, ao desejarmos uma

experiência, isso indica que o que queremos é prazer intenso, não importa como o chamamos — êxtase, felicidade, verdade, esclarecimento.

Outrossim, como pode, aquele que busca, conhecer o que achou, e saber se o que achou é a Verdade? Pode a mente que está buscando, investigando, descobrir algo de vivo, de móvel, sem ponto de repouso? A mente religiosa não pertence a nenhum grupo, nenhuma seita, nenhuma crença, nenhuma igreja, e, portanto, é capaz de olhar as coisas diretamente e de imediato compreendê-las. Assim é a mente religiosa, porque ela é a luz de si própria. Luz que não é acesa por outrem. A luz acesa por outro pode extinguir-se rapidamente. E a maioria de nossas crenças, dogmas, rituais, resultam de propaganda e nada têm que ver com a vida religiosa. A mente religiosa é a luz de si mesma e, por conseguinte, não há para ela punição ou recompensa.

Meditação é o total esvaziamento da mente. O conteúdo da mente é resultado do tempo, da chamada evolução; é o resultado de um milhar de experiências, uma vasta acumulação de saber, de lembranças. A mente anda tão carregada do passado porque todo saber é o passado, toda experiência *é* o passado, e toda lembrança é o resultado acumulado de um alto número de experiências; eis o conhecido. Pode a mente, que é ao mesmo tempo "o consciente" e o "inconsciente", esvaziar-se totalmente do passado? Nisso é que consiste o movimento da meditação. Se a mente está cônscia de si própria, sem escolha, se está vendo o seu próprio movimento — pode esse percebimento esvaziá-la do conhecido? Porque, se resta qualquer vestígio do passado, não pode a mente ser inocente. Assim, a meditação é o total esvaziamento da mente.

Muitas coisas se dizem sobre a meditação, principalmente no Oriente; muitas escolas existem, diversas disciplinas, numerosos livros sobre como meditar e o que se deve fazer para meditar. Como saber se o que se está dizendo é verdadeiro ou falso? Ao dizer este orador que meditação é o completo esvaziamento da mente, como sabeis ser isso verdadeiro? Que é que vo-lo indica? Vosso preconceito pessoal, vossa particular idiossincrasia, que vos faz simpatizar com a cara do homem que está falando? Ou é sua reputação, ou sua atitude com-

preensiva, amigável? Como o sabeis? Será necessário percorrerdes todos os sistemas, todas as escolas, todos os mestres que ensinam a meditação, para decobrirdes o que é meditação? Ou podeis descobri-lo sem a ajuda de nenhuma dessas pessoas?

Sem me arvorar em autoridade, eu vos digo: Não confieis no que diz qualquer pessoa — inclusive este orador, principalmente este orador — porque sois muito facilmente influenciáveis, porque todos desejais alguma coisa, ansiais por alguma coisa — esclarecimento, alegria, êxtase, o céu; muito facilmente vos deixais cair numa armadilha. Portanto, vós mesmo é que tendes de descobri-lo. Por conseguinte, não há necessidade nenhuma de irdes à Índia, nem a qualquer mosteiro zen-budista, a fim de meditar ou em busca de um instrutor, de um método de meditação. Porque, se souberdes olhar, descobrireis tudo dentro de vós. Assim, ponde completamente de parte toda espécie de autoridade, toda busca de instrutores, porque a verdade não pertence a ninguém, não é uma coisa pessoal. A meditação não é um prazer ou uma experiência particular, pessoal.

Pode-se ver que se faz mister uma grande harmonia entre a mente, o coração e o corpo (se se pode fazer tal divisão) — uma "harmonia psicossomática", se preferirdes. É óbvia a necessidade de completa harmonia, porque, havendo qualquer contradição, qualquer divisão, existe conflito. Conflito é a essência mesma do desperdício de energia, e necessita-se tremenda energia para meditar. A harmonia, pois, é necessária para que a mente, o cérebro, o organismo, os mais profundos recessos do coração constituam um todo indivisível. Isso vós mesmo podeis ver, não precisais de ninguém para ensinar-vos. Agora, como criar essa harmonia é uma questão bem diversa. A harmonia completa requer que a mente e bem assim o organismo sejam sumamente sensíveis; por conseguinte, torna-se necessário considerar toda a questão relativa à alimentação, ao exercício, à maneira adequada de viver. Porque não queremos pensar em nada disso, não queremos investigar nada, apelamos para outrem, para que ele nos diga o que cumpre fazer. E, apelando para outrem, limitamos nossa própria energia, pois ficamos perguntando se "é possível" ou "não é possível" criar aquela harmonia. Se dizemos que é impossível, nossa energia se torna

bem limitada; e se, baseados no que já sabemos, dizemos ser possível, então a coisa se torna insignificante, etc.

Percebemos assim, claramente, a necessidade dessa harmonia completa, porque, se há qualquer espécie de discordância, há deformação. E é também necessária disciplina. Disciplina significa ordem — e não, repressão, ajustamento a um princípio ou a uma idéia, uma conclusão, um sistema, um método.

A ordem não é um plano, um padrão de vida. Ela só vem ao compreendermos o "processo" total da desordem, isto é, quando, por meio do "negativo", alcançamos o "positivo". Nossa vida é desordem, ou seja contradição — dizer uma coisa, fazer outra, e pensar em algo completamente diferente. Essa é uma existência fragmentária e, dentro dessa fragmentação, queremos descobrir uma certa espécie de ordem. Pensamos que essa ordem surge mediante disciplina e controle. A mente sujeita ao controle e a disciplina, no sentido de ajustamento a um padrão estabelecido pela própria pessoa, pela sociedade ou por determinada cultura, essa mente não é livre, é uma mente deformada. Portanto, cumpre investigar a questão da desordem. E pela compreensão da desordem, de como se origina ela, surge a ordem — uma coisa viva.

Qual é a essência da desordem? Nossas vidas estão em completa desordem, divididas; vivemos em compartimentos separados; não somos entidades inteiriças, não-fragmentadas. A essência da desordem é a contradição e, havendo em nós contradição, há necessariamente esforço e, por conseguinte, desordem. (Isto é muito simples. Talvez não gosteis de coisas simples. Pode-se tornar extremamente complexa uma coisa simples!) Vemos a desordem em que se acha a nossa vida, as contradições provocadas por diferentes desejos, propósitos, conclusões, intenções; sendo ambiciosos, ávidos, competidores, dizemos que amamos; sendo egocêntricos, egotistas, estreitos, falamos em fraternidade universal. Estamos sempre a dissimular, e por isso há tanta hipocrisia.

A ordem, pois, é necessária, e a própria compreensão da desordem cria sua peculiar disciplina, e esta é ordem, sem repressão nem ajustamento. Espero esteja claro, pelo menos verbalmente, o que o orador está dizendo. Disciplina significa "apren-

der", e não, acumular conhecimentos mecânicos; cumpre-nos aprender a respeito da vida desordenada que estamos levando, sem chegarmos, em momento nenhum, a qualquer espécie de conclusão. A maioria de nossas ações se baseiam em conclusões ou em ideais, ou em nosso desejo de alcançar um ideal. Por isso nossas ações são sempre contraditórias e, por conseguinte, desordenadas. Isso é muito fácil de perceber. Se o estamos observando em nós mesmos, surgirá então naturalmente a ordem, a liberdade; estaremos livres de toda e qualquer autoridade e, por conseguinte, livres do medo. Poderemos errar, mas saberemos corrigir imediatamente os nossos erros.

Como pode a mente deixar de se enredar na ilusão? — porque uma pessoa pode "meditar" infinitamente, criando suas ilusões próprias. Há dias conhecemos um homem que meditara durante vinte e cinco anos, e muito a sério: tudo abandonara, um bom emprego, dinheiro, família, nome, e durante vinte e cinco anos praticara a meditação. Mas, um dia, um amigo o trouxe para ouvir uma de nossas palestras, e, no dia seguinte, ele veio procurar este orador e lhe disse: "O que dissestes sobre a meditação é perfeitamente verdadeiro: estive a hipnotizar-me a mim mesmo, vendo as visões que eu próprio criava e delas tirando meu próprio deleite, de acordo com meu condicionamento". Se um homem é cristão, tem visões do Cristo, etc.; se é hinduísta, tem seu Deus particular, pessoal, e com ele está diretamente em comunicação. Quer dizer, cada um conforme seu condicionamento.

A questão, pois, é esta: Como pode a mente libertar-se totalmente da ilusão? Esta pergunta, devemos fazê-la com muita seriedade e intensidade. Muitas pessoas ouvem as falas de iogues e instrutores de toda espécie, os quais lhe ensinam o que devem fazer e lhes fornecem uma certa frase ou *mantra,* uma certa palavra que terá a virtude de proporcionar-lhes maravilhosas experiências. Sabeis de tudo isso que vos estou dizendo. Alguma vez escutastes tão completamente uma nota de música que todos os outros sons se extinguissem, exceto aquele único som? Se a mente acompanha esse som, por ele se deixa levar, obtêm-se resultados extraordinários. Mas isso não é meditação; é uma peça que qualquer um pode pregar a si próprio, uma outra forma de ilusão.

Também o uso de drogas, com o fim de, quimicamente, ter uma "experiência transcendental", produz certos resultados; tal como, a poder de jejuns, pode obter-se uma certa sensibilidade e a mente tornar-se muito mais alertada, vigilante, penetrante e lúcida. O mesmo efeito pode obter-se mediante adequados exercícios respiratórios. Tudo isso são diferentes formas de artifício, que produzem suas peculiares ilusões. E a essas ilusões a mente se apega porque dão muita satisfação e são o produto de nosso esforço pessoal. Mas, quando o mundo está cheio de sofrimento e de agonia, de deformação e corrupção, vossa insignificante visão pessoal, num cantinho do campo, é completamente sem valor.

Assim, podemos varrer tudo isso para o lado, como coisas imaturas, infantis. Além do mais, elas levam ao estupor, tornam a mente embotada. Ora, como pode a mente libertar-se de toda ilusão? — tendo-se presente que, havendo qualquer esforço e qualquer contradição, há forçosamente ilusão. Como pode ser totalmente eliminado esse estado de contradição, de confusão, de deformação e corrupção em várias formas — corrupção social, religiosa, pessoal; como eliminar de todo as coisas causadoras de ilusões e desenganos de vária espécie? Isso só é possível com a mente de todo quieta, porque qualquer movimento de pensamento é movimento do passado. O pensamento é a reação da memória, da acumulação de experiências, de conhecimentos, etc.; ele é o passado. E enquanto houver esse movimento do passado, em toda a estrutura da mente — que inclui o cérebro — haverá necessariamente deformação.

Temos, pois, a questão: como pode, na meditação, o pensamento estar totalmente ausente? O pensamento é necessário; quanto mais lógico, são, objetivo, não-emocional, impessoal, ele for, tanto mais eficiente será. Necessitais do pensamento para funcionardes na vida. Todavia, a mente deve ser proficiente, estar livre de toda espécie de deformação, a fim de descobrir o que é verdadeiro, sagrado. Deve haver harmonia entre a atividade viva do pensamento e a independência do pensamento. Isso é lógico; não é nenhuma teoria pessoal, secreta. Para ver qualquer coisa que é verdadeira, que é nova e deve ser descoberta, percebida, qualquer coisa não criada ou feita anteriormente, deve a mente estar livre do conhecido. Todavia, nós temos de viver dentro do conhecido. O homem que inventou

o motor a jato devia achar-se livre dos conhecimentos relativos ao motor de combustão interna. Assim, de igual maneira, para que a mente possa descobrir algo totalmente novo, não deve haver nenhuma ilusão, requer-se silêncio completo, total, não só no movimento do pensamento, mas também na própria atividade das células cerebrais, com suas memórias.

Aí está um problema real, não achais? Compreendeis a nossa maneira de viver, segundo fórmulas, conclusões, preconceitos? Nós vivemos mecanicamente, na rotina de ganhar o sustento, na rotina da função, por meio da qual queremos adquirir posição e prestígio. Nossa vida é uma série de ajustamentos; ou há o ajustamento motivado pelo medo, ou o ajustamento motivado pelo desejo de prazer. A mente não tem então possibilidade de descobrir qualquer coisa de novo. Por conseguinte, qualquer instrutor que vos oferece algum método ou sistema, dizendo "Faze isto, e descobrirás o novo", vos está mentindo. Porque o homem que diz que sabe, não sabe. O que ele sabe, o que ele conhece, é só rotina, exercícios, disciplina, ajustamento.

Assim, a mente e o cérebro, para estarem em completa harmonia, devem achar-se em silêncio — silêncio não provocado por uma pílula ou pela recitação de palavras, não importa se "Ave-Maria" ou alguma palavra sânscrita. À força de repetição, a mente pode embotar-se, e uma mente em estado de estupor não pode descobrir o verdadeiro. A Verdade é uma coisa sempre nova, ou melhor, a palavra "nova" não é adequada — *eterna*.

Assim, faz-se mister silêncio. Esse silêncio não é o oposto do barulho ou a cessação da "tagarelice"; não resulta de controle, do dizer-se "Quero estar em silêncio", o que, mais uma vez, é contradição. Ao dizerdes "Eu quero", tem de existir uma entidade que determina ficar em silêncio e, por conseguinte, se exercita em algo a que chama silêncio; daí surge uma divisão, uma contradição, uma deformação.

Tudo isso requer abundante energia e, portanto, ação. Desperdiçamos enorme soma de energia com acumular conhecimentos. O saber tem seu lugar próprio; dele necessitamos, quanto mais, tanto melhor. Mas, se ele se torna mecânico, se nos faz

sentir que "nada mais é possível", se chegarmos à conclusão de que não é possível nos transformarmos, ficamos sem energia.

Há a idéia do controle do sexo, a fim de termos mais energia para "achar" Deus, com todas as práticas religiosas que isso implica. Pensai nos pobres santos e monges, nas torturas a que se submetem para achar Deus! E Deus — se tal entidade existe — não gosta de uma mente torturada, uma mente dividida, deformada, ou que se tornou embotada e vive num estado de estupor.

O silêncio da mente vem naturalmente — notai bem: vem naturalmente, facilmente, sem esforço, se sabemos observar, se sabemos olhar. Ao observardes uma nuvem, olhai-a sem "a palavra" e, por conseguinte, sem pensamento; olhai-a sem a separação do observador. Então, nesse próprio ato de olhar, há percebimento e atenção — não tomar a resolução de ficar atento, mas, sim, olhar com atenção; ainda que esse ato dure apenas um minuto, um segundo, isso basta. Não vos mostreis ávido, dizendo "Quero que dure o dia inteiro". Olhar sem o observador significa olhar sem o espaço entre o observador e a coisa observada — o que não significa identificar-se com a coisa que se está olhando.

Assim, se fordes capaz de olhar uma árvore, uma nuvem, a luz refletida na água, sem o observador, e também (e isso é muito mais difícil, porque requer mais atenção) se fordes capaz de olhar a vós mesmo, sem a imagem, sem nenhuma conclusão (porque a imagem, a conclusão, a opinião, o juízo, a bondade e a maldade estão centralizados no observador), descobrireis que a mente, o cérebro, de todo se aquieta. E essa quietude não é cultivável; ela pode sobrevir, *sobrevém,* quando se está atento, quando se é capaz de observar a todas as horas, observar os próprios gestos, palavras, sentimentos, as próprias contrações faciais, etc. O corrigir qualquer coisa provoca contradição, mas, se a observardes, essa própria observação operará a correção.

O silêncio, pois, surge quando há atenção intensa, não só no nível consciente, mas também nos níveis mais profundos da consciência. Os sonhos e o sono são de grande importância; faz parte da meditação estar a mente desperta durante o sono, estar vigilante, atenta, enquanto o corpo — o organismo — dorme. (Peço-vos não aceiteis nada do que o orador diz; ele

não é vosso guru, vosso instrutor, ou vossa autoridade. Se o erigis em vossa autoridade, estais destruindo a vós mesmo e ao orador).

Dissemos que a meditação é o esvaziar da mente — não só da mente consciente, mas também de todas as suas camadas ocultas, chamadas "o inconsciente". O inconsciente é tão trivial e absurdo quanto o consciente. E, durante o sono, há vários tipos de sonhos superficiais, que nem merecem consideração, sonhos inteiramente destituídos de significação. Decerto, sabeis de tudo isso, não? E há o sonho significativo, aquele que pode ser compreendido no mesmo momento em que se está sonhando. Mas isso só é possível quando, durante o dia, estamos atentos, observando, "escutando" cada movimento de nossos pensamentos, "motivos", sentimentos e ambições. O observar não cansa, não esgota, desde que se não corrija o que se está observando. Se dizeis "isso não deve ser" ou "isso deve ser", ficais cansado e aborrecido. Mas se, durante o dia, ficais observando sem escolha, percebendo sem "gostar" ou "não gostar", então, ao sonhardes — e se os sonhos tiverem significação — então, no próprio ato de sonhar (e todos os sonhos são ativos, está sempre acontecendo alguma coisa) compreendereis a sua significação. Se ssim fizerdes, a mente se tornará sobremodo desperta durante o sono, e não tereis necessidade de procurar um "analisador" de sonhos. Essa vigilância da mente percebe algo que a mente consciente jamais pode perceber.

Cumpre-nos transformar a estrutura de nossa sociedade, suas injustiças, sua horrível moralidade, as divisões que ela criou entre os homens, as guerras, a total falta de afeição e de amor que está destruindo o mundo. Se vossa meditação é uma coisa privativa, para vosso gozo pessoal, não é meditação. A meditação importa uma completa e radical mudança da mente e do coração. Essa mudança só é possível naquele extraordinário estado de silêncio interior. Só assim surge a mente religiosa. Essa mente conhece o sagrado.

INTERROGANTE: Como efetuar essa completa transformação?

KRISHNAMURTI: Senhor, pode o saber promover uma revolução total? Pode o passado, que é o saber, efetuar uma transformação completa da mente? Ou é necessário estar-se livre do

passado, para que a mente viva numa revolução constante, num constante movimento de mudança? O "centro" do saber, da experiência, da memória, se encontra no observador, não? Não concordeis comigo, por favor; observai por vós mesmo o que estou mostrando. Em cada um de nós, há o censor, o "ego", que diz "Isto é certo", "Isto é errado", "Isto é bom", "Isto é mau", "Devo", "Não devo". Esse censor está observando. Ele é o observador e se separa da coisa que observa. O "centro", o observador, é sempre o passado, e "o que é" está sempre mudando, é sempre novo. Enquanto houver essa separação entre o observador e a coisa observada, nenhuma revolução radical será possível: haverá sempre corrupção. Enquanto existir tal divisão, não haverá bondade. Direis, então: "Como pode desaparecer a divisão?". Como pode o observador, que é o passado acumulado na forma de conhecimento, deixar de existir? Ele não pode deixar de existir, porque tendes necessidade do "observador" para funcionardes mecanicamente. Necessitais do conhecimento para trabalhardes no escritório, na fábrica ou no laboratório. Mas esse conhecimento, ligado ao censor, que é ambicioso e ávido, corrompe-se. O censor faz uso do conhecimento para efetuar a corrupção. Isto é tão simples!

Ao se perceber claramente essa realidade, então o "observador" deixa de existir. Isso não é questão de tempo, de uma gradual extinção do observador. Somos condicionados para pensar: "Gradualmente nos libertaremos do observador, gradualmente nos tornaremos não violentos" — mas, no ínterim, estaremos semeando os germes da violência.

Assim, quando se vê com clareza como o observador tudo deforma — sendo o observador o "ego", o "eu" — quando se vê como ele separa e deforma, nesse clarão de percebimento não existe o observador.

INTERROGANTE: É possível haver harmonia contínua nesta vida?

KRISHNAMURTI: Harmonia contínua nesta vida é uma contradição, não achais? A idéia de que uma coisa deve ser contínua impede o descobrimento do novo. Só no findar existe um novo começar. Portanto, o desejo de harmonia contínua é uma contradição. O essencial é que haja harmonia. Nós somos escravos do verbo "ser". Se qualquer coisa a que dais o nome

de harmonia tem continuidade, essa coisa é desarmonia. Por conseguinte, senhor, não desejeis nada que seja contínuo. Desejais que vossa relação com vossa esposa seja contínua, feliz, deleitosa, romântica. E isso nunca sucede. O amor não é uma coisa temporal. Portanto, não sejamos ávidos. A harmonia não é suscetível de continuidade. Se tem continuidade, é mecânica. Mas, a mente que se acha em harmonia "*é*" — e não, "será" ou "foi". A mente que é harmoniosa — aqui, também "*é*" não é o termo adequado — a mente que *tem* harmonia não pergunta "Continuarei a tê-la amanhã?".

INTERROGANTE: Senhor, em que relação estão as coisas com o "conteúdo verbal" da mente?

KRISHNAMURTI: Isto é muito simples, não vos parece? Quando compreendemos que a palavra não é a coisa que ela representa, que a descrição não é a coisa descrita, que a explicação não é a coisa explicada, a mente fica livre da palavra. A imagem que uma pessoa tem de si própria é composta de palavras, formada pelo pensamento; o pensamento é a palavra. Uma pessoa pensa de si própria como uma entidade muito importante, ou insignificante, inteligente, ou genial, ou o que quer que seja; quer dizer, tem uma imagem de si mesma. Essa imagem pode ser descrita, ela resulta de descrição. Essa imagem é criatura do pensamento. Mas a descrição, a imagem, faz parte da mente? Em que relação está o conteúdo da mente com a própria mente? É o conteúdo a mente? Não é esta a questão, senhor? É, decerto. Se o conteúdo da mente se constitui de móveis, livros, do que "se diz", de vossos preconceitos, vosso condicionamento, vossos temores — ele é a mente. Se a mente diz que existe alma, que existe Deus, que existe inferno, céu, diabo — isso é o conteúdo da mente. O conteúdo da mente *é* a mente. Se a mente for capaz de esvaziar-se desse conteúdo, tornar-se-á inteiramente diferente: nova, e, por conseguinte, imortal.

INTERROGANTE: Por que sinal se conhece que um homem começou a desenvolver o percebimento?

KRISHNAMURTI: Ora, ele não anda com uma bandeira vermelha! — relevai-me a pilhéria. — Como já dissemos, isso, em primeiro lugar, não é uma questão de desenvolvimento, de lento crescimento. Necessita-se tempo para se compreender

alguma coisa? Qual o estado da mente ao dizer "Compreendi" — não verbalmente, porém totalmente? Quando é que a mente diz isso? Ela o diz quando está real e totalmente atenta à coisa que está observando. Estando atenta, nesse momento ela a compreendeu totalmente; isso não depende do tempo.

INTERROGANTE: Há no mundo tanto sofrer; como pode ter paz um homem compassivo?

KRISHNAMURTI: Pensais que sois diferente do mundo? Vós não sois o mundo? — o mundo que criastes com vossa ambição, vossa avidez, vossas precauções econômicas, vossas guerras — a tortura de animais para comer, a dissipação de dinheiro na guerra, a falta de uma educação correta — vós fizestes este mundo, ele é uma parte de vós. Assim, vós sois o mundo, e o mundo *é* vós. Não há separação entre vós e o mundo. Perguntais "Como se pode ter paz quando o mundo sofre?" Como podeis ter paz, se sofreis? Esta é que é a pergunta adequada, porque vós sois o mundo. Se percorrerdes o mundo todo, falando aos entes humanos, não importa se são inteligentes, famosos, ou analfabetos — vereis que todos estão atravessando tempos terríveis, tal como vós. A questão, pois, não é: "Como ter paz quando o mundo sofre?" Vós sofreis e, por conseguinte, o mundo sofre; portanto ponde fim ao vosso sofrimento, se sabeis pôr-lhe fim. O sofrimento, com a autocompaixão que lhe é própria, só tem fim quando há autoconhecimento. Mas, direis: "Que pode fazer um ente humano que se libertou do próprio sofrimento; que valor tem esse ente humano no mundo?". Essa pergunta não tem validade nenhuma. Se vos libertastes do sofrimento (sabeis o que isso significa?), e dizeis: "Que valor tem o indivíduo num mundo sofredor?", essa é uma pergunta errônea.

INTERROGANTE: Que é a loucura?

KRISHNAMURTI: Oh, isso é bem claro. A maioria de nós somos neuróticos, não? Em geral, somos ligeiramente desequilibrados, temos idéias peculiares, crenças peculiares. Certa vez, conversávamos com um católico fervoroso, e ele disse: "Vocês, hindus, são o povo mais supersticioso, fanático, neurótico; crêem em tantas coisas anormais!" Esse homem estava completamente inconsciente de sua própria anormalidade, suas próprias crenças, suas estúpidas idéias. Assim, quem é equilibrado? É, fora de

dúvida, o homem sem medo, o homem íntegro(*). O que é inteiro está são, e é sagrado; mas nós não o somos, somos entes humanos fragmentados e, por conseguinte, desequilibrados. Só há equilíbrio quando somos entes completos, inteiros. Quer dizer, quando somos sãos, e nossa mente é lúcida, sem preconceitos, bondosa (*aplausos*). Peço-vos não bater palmas. Vossos aplausos nada significam para mim, sinceramente falando. Se compreendestes o que eu disse, se o vistes por vós mesmos, não necessitais aplaudir; o que compreendestes é *vosso*. O esclarecimento não vem por intermédio de outrem, mas, sim, por meio de vossa própria observação e compreensão de vós mesmo.

Londres, 30 de maio de 1970.

(*) "Íntegro", no sentido de "inteiro, completo". (N. do T.)

QUARTA PARTE

11

A MENTE DESCONDICIONADA

"A mente que depende do saber, como meio de alcançar a liberdade, nunca a alcançará."

Se sois sério, por pouco que seja, a questão relativa à possibilidade de descondicionar a mente, deve parecer-vos uma das mais importantes. Observa-se que o homem, em diferentes partes do mundo, com diferentes culturas e padrões sociais de moralidade, está profundamente condicionado; segue determinadas linhas de pensamento, atua e funciona segundo padrões. Com o presente está relacionado através do "fundo" (*background*) trazido do possado. Desenvolveu um saber imenso; tem milhões de anos de experiência. Tudo isso o condicionou — educação, cultura, moralidade social, propaganda, religião — e a esse condicionamento ele tem sua peculiar reação, reação de uma outra forma de condicionamento.

Devemos manter-nos suficientemente atentos, para vermos o significado desse condicionamento, a maneira como ele está separando os entes humanos — nacional, religiosa, socialmente, e lingüisticamente. Essas divisões constituem uma formidável barreira e causam conflito e violência. Se se quer viver em perfeita paz, criadoramente — examinaremos mais adiante as palavras "paz" e "criadoramente" — se se quer viver dessa maneira, cumpre compreender esse condicionamento, que não é apenas periférico, superficial, mas também muito profundo,

oculto. Cumpre investigar se toda essa estrutura de condicionamento pode ser revelada. E, uma vez descoberta, que cumpre fazer para transcendê-la?

Se, observando o seu condicionamento, diz alguém: "Nunca teremos possibilidade de descondicionar a mente", o problema deixa de existir. Se iniciamos com uma fórmula, dizendo que jamais poderemos descondicionar-nos, cessa toda investigação; já opusemos resistência ao problema, já lhe demos a "resposta" e, portanto, ele está acabado; então, nada mais se pode fazer senão "adornar" o condicionamento. Mas, se o examinamos com alguma profundeza e nos tornamos cônscios do problema inteiro, que cumpre, então, fazer? Como reagir, se nos vemos diante de um desafio tão grave e não de uma coisa que se pode, simplesmente, varrer para o lado? Se se trata de algo de vital importância, qual deve ser nossa reação?

Se descobristes esse condicionamento, de que maneira fizestes vossa observação? Observastes, por vós mesmo, o condicionamento, ou foi alguém que vo-lo mostrou? Eis uma pergunta a que muito importa responder. Se alguém vos mostrou o condicionamento e dizeis: "Sim, estou condicionado", nesse caso estais reagindo a uma sugestão; não se trata de uma coisa real, mas apenas de um conceito verbal que aceitastes, com que concordais. Isso é de todo diferente do descobrimento feito por vós mesmo, porque, então, o condicionamento se torna de vital importância e tendes a paixão necessária para descobrir um meio de sair desse estado.

Descobristes que estais condicionado por terdes investigado, pesquisado, examinado esse estado? Se assim foi, quem o descobriu — o observador, o examinador, o analista? *Quem* está observando, examinando, analisando a enorme confusão e a insânia em que está mergulhado o mundo por causa desse condicionamento? *Quem*, pela observação, descobriu a estrutura e as conseqüências desse condicionamento? Observando o que está acontecendo, exterior e interiormente — os conflitos, as guerras, a aflição, a confusão reinante dentro e fora de nós (o que está fora de nós faz parte do que somos), observando tudo isso muito atentamente (em todas as partes do mundo a mesma coisa está sucedendo), descobri que estou condicionado,

e descobri as conseqüências de tal condicionamento. Aí temos, pois, o "observador" que descobriu que está condicionado e, assim, surge a questão: é o "observador" diferente daquilo que observou e descobriu; trata-se de coisa separada dele próprio? Se há separação, então há também divisão e, por conseguinte, conflito sobre a maneira de superarmos o condicionamento, a maneira de nos libertarmos dele, sobre o que cumpre fazer em relação a ele, etc. Cabe-nos descobrir se existem duas coisas separadas, dois movimentos separados, o "observador" e a "coisa observada". São separadas? Ou o observador é a coisa observada? É importantíssimo descobrirdes isso por vós mesmo; se o fizerdes, vossa maneira de pensar se transformará completamente. Tereis feito um descobrimento fundamental, em razão do qual a estrutura da moralidade, a continuidade do saber, tomará, para vós, um significado todo diferente. — Averiguai se descobristes isso por vós mesmo, ou se aceitastes como um fato real o que vos foi dito por outro — se vós o descobristes sem que nenhum agente externo vos dissesse "Eis o fato". Se se trata de um descobrimento vosso, ele liberta uma energia tremenda que antes se estava desperdiçando na divisão entre o "observador" e a "coisa observada".

A continuidade do saber (condicionamento psicológico), na ação, constitui o desperdício de energia. O saber foi acumulado pelo "observador", e este o utiliza na ação, mas esse saber está separado da ação; conseqüentemente, há conflito. E a entidade que possui esse saber — que constitui, essencialmente, o seu condicionamento — é o "observador". Tendes de descobrir, por vós mesmo, este princípio básico; ele é um *princípio,* e não uma coisa fixa; é uma realidade que nunca mais poderá ser contestada.

Que sucede à mente que descobriu esta verdade, este simples fato, que o "observador" é a coisa observada — psicologicamente falando? Se se descobriu isso, que sucede à mente que por tanto tempo foi condicionada pelos seus conceitos de "Eu Superior" ou "Alma", como coisas separadas do corpo? Se esse descobrimento não abrir a porta conducente à verdade, ele será sem significação; será apenas mais uma noção intelectual que a nenhuma parte leva. Mas, se for um descobrimento real, uma verdadeira realidade, haverá então, forçosamente, liberda-

de — não para cada um fazer o que entender, ou para preencher-se, "vir a ser", decidir, ou para pensar e agir conforme desejar.

A mente livre escolhe? Escolha implica decisão entre "isto" e "aquilo"; mas, que necessidade há de qualquer espécie de escolha? (Tomai nota, senhores, que não estamos fazendo meras asserções verbais; trata-se de coisa que temos de examinar, que temos de *viver* todos os dias, para lhe descobrirmos, então, a beleza, o vigor, a intensidade). Escolha implica decisão; decisão é ação da vontade; quem é a entidade que exerce a vontade para fazer isto ou aquilo? Prestai atenção: Se o "observador" é a coisa observada, que necessidade há de qualquer escolha? Sempre que existe qualquer forma de decisão (psicologicamente falando) dependente de escolha, isso indica que a mente está confusa. A mente que percebe com muita clareza não escolhe; só há ação. A falta de clareza se torna existente por causa da divisão entre o "observador" e a coisa observada.

INTERROGANTE: Na realidade, é inevitável essa escolha, essa divisão, não achais?

KRISHNAMURTI: Eu escolho entre um pano preto e um pano vermelho — naturalmente. Mas estou falando psicologicamente.

Se percebo os efeitos da escolha, os efeitos da divisão e da decisão, então o escolher se torna uma coisa bem insignificante. Por exemplo: Eu estou confuso; neste mundo, fui educado como católico, ou como hinduísta; não estando satisfeito, passo para outra organização religiosa que "escolhi". Mas, se examino todo o condicionamento imposto por uma dada cultura religiosa, percebo que ele se constitui de propaganda, de uma série de aceitações de crenças, tudo produto do medo, da necessidade psicológica de segurança; vendo-nos interiormente insuficientes, aflitos, infelizes, incertos, firmamos nossa esperança em algo que nos ofereça segurança, certeza. E, assim, quando a religião a que pertenço deixa de satisfazer-me, passo-me para outra, esperando achar lá a desejada segurança; mas, trata-se da mesma coisa com nome diferente. Ao perceber isso com toda a clareza, a mente compreende, por inteiro, a situação e já não necessita escolher; desaparece então, de todo, a reação que se manifesta como ação ditada pela vontade. A vontade implica resistência e é forma de isolamento; a mente isolada não é livre.

A mente que depende da aquisição de saber, como o meio de libertar-se, jamais alcançará essa liberdade. Porque se tornou o saber uma coisa tão importante em nossa vida? — sendo "saber" a experiência acumulada de coisas que outros descobriram, no domínio científico, psicológico, etc., mais os conhecimentos que uma pessoa adquiriu por si própria, pela observação e pelo estudo. Que lugar compete ao saber na liberdade? O saber é sempre do passado; ao dizerdes "Eu sei", isso implica que *soubestes*. O saber de toda espécie — científico, pessoal, comunal(*), etc., pertence sempre ao passado; e, sendo nossa mente resultado do passado, pode ela ser livre?

INTERROGANTE: E onde fica o autoconhecimento?

KRISHNAMURTI: Vede, em primeiro lugar, como a mente acumula saber e por que o faz; vede onde o saber é necessário, e onde ele se torna um empecilho à liberdade. É óbvio que, para fazermos qualquer coisa — conduzir um carro, falar uma língua, executar um trabalho técnico — precisamos do saber. Precisamos de uma grande abundância de saber, quanto mais eficaz, quanto mais objetivo, quanto mais impessoal, melhor; mas, nós nos estamos referindo àquele saber que condiciona psicologicamente.

O "observador" é o reservatório do saber. O "observador", por conseguinte, pertence ao passado, ele é o censor, a entidade que julga com base no saber acumulado. O mesmo ele faz com respeito a si próprio. Tendo adquirido dos psicólogos conhecimentos sobre o "eu", acredita o observador que conhece a si próprio. Ele se olha com esses conhecimentos e, por conseguinte, não se olha com olhos novos. Diz ele: "Aprendi a conhecer-me. Vi o que sou; há partes muito estimáveis, mas as outras partes são algo terríveis". Ele já julgou, e nunca descobrirá nada de novo sobre si mesmo, porque ele, o observador, está separado da coisa observada, a que chama "eu", "eu próprio". É isso que estamos fazendo a todas as horas, em todas as relações. As relações com outrem, ou as relações com a máquina, baseiam-se sempre no nosso desejo de achar um lugar onde possamos ter

(*) Isto é, *comum* — que pertence a muitos ou a todos igualmente. (N. do T.)

completa segurança e certeza. E buscamos a segurança no saber; o depositário desse saber é o "observador", o pensador, o experimentador, o censor, existente, sempre, como separado da coisa observada.

A inteligência não está na acumulação de saber. A acumulação de saber é estática — ela pode ser acrescentada, mas seu centro é estático. Na base dessa acumulação estática, um homem vive, trabalha, pinta, escreve, causa males de toda espécie e a isso chama liberdade. Pode, pois, a mente libertar-se do saber, do conhecido? Esta é uma pergunta verdadeiramente extraordinária, se não a fazemos apenas intelectualmente, porém muito íntima e profundamente. Poderá a mente, em algum tempo, libertar-se do conhecido? De outro modo, não há criação, "não há nada de novo sob o Sol", porém só reformas sobre reformas.

Cumpre descobrir por que existe essa separação entre o observador e a coisa observada, e se a mente pode transcender essa divisão, para se libertar do conhecido e funcionar numa dimensão toda diferente. Isso significa que a inteligência se servirá do saber quando necessário e, contudo, estará livre dele.

A inteligência requer liberdade, e a liberdade requer a cessação de todo conflito. Torna-se existente a inteligência e deixa de existir o conflito quando o "observador" é a coisa observada, porque então não há divisão. Então, existe amor. Hesitamos em empregar essa palavra já tão terrivelmente "carregada"; o amor está associado ao prazer, ao sexo, ao medo, ao ciúme, à dependência, ao desejo de posse. A mente que não é livre não conhece o significado do amor; poderá conhecer o prazer e, conseqüentemente, conhecer o medo — e estes, decerto, não são amor.

O amor só pode tornar-se existente quando estamos verdadeiramente livres do passado como saber. É possível isso? Tem o homem tentado, de diferentes maneiras, libertar-se das limitações do saber. Sempre tentou descobrir o que existe além dos limites do saber, além da reação do pensamento; assim, criou ele uma imagem chamada Deus. Quantos absurdos têm nascido em torno dessa imagem! Mas, para descobrir-se se existe alguma coisa além das imagens fabricadas pelo pensamento, é necessário estar-se inteiramente livre do medo.

INTERROGANTE: Fazeis diferença entre o cérebro, como intelecto, e a mente — já que a mente é uma coisa diferente, capaz de percebimento?

KRISHNAMURTI: Não. Empregamos a palavra "mente" para significar o "processo total" do pensamento, como memória, como conhecimento, e incluindo as células cerebrais.

INTERROGANTE: Incluindo as células cerebrais?

KRISHNAMURTI: Decerto. Não se podem separar as células cerebrais do resto da mente, podem-se? O cérebro... qual a sua função — de computador?

INTERROGANTE: Acho que sim.

KRISHNAMURTI: Um computador muito fora do comum, montado através de milhares de anos — o cérebro é o resultado de milhares de anos de experiência, na luta pela sobrevivência e segurança. Sabemos de tanta coisa que se está passando no mundo, e tão pouco sabemos a respeito de nós mesmos!

INTERROGANTE: A criação não dependeria da memória e, por conseguinte, do passado? Dissestes há pouco que, com efeito, não há nada de novo sob o Sol.

KRISHNAMURTI: "Não há nada de novo sob o Sol" — pelo menos, é o que diz a Bíblia, o Eclesiastes. Perguntando se uma pessoa criadora necessita de expressão, não estamos confundindo criação com expressão? Pensai bem nisso. "Tenho necessidade de preencher-me nalguma coisa que precisa ser expressa", "Sinto-me como um artista, e preciso pintar, ou escrever um poema". A criação necessita de expressão? E a expressão do artista indica que sua mente é livre para criar? Compreendeis? Uma pessoa escreve um poema ou pinta um quadro; indica isso uma mente criadora? Que significa criação? Não-repetição mecânica do passado!

INTERROGANTE: Penso que a criação requer expressão, senão não teríamos um mundo.

KRISHNAMURTI: A criação requer expressão? Que significa criação? Que sente a mente criadora?

INTERROGANTE: Sente-se inspirada, sente-se capaz de fazer algo de bom e de belo.

KRISHNAMURTI: Uma mente criadora necessita de inspiração? Para ser criadora não deve a mente estar de todo livre? De outro modo, ela é "repetitiva". Nesse repetir pode haver novas maneiras de expressão, mas a mente continua "repetitiva", mecânica. Pode ser criadora uma mente mecânica? Pode a mente de um ser humano que se acha em estado de conflito, de tensão, de neurose — embora seja capaz de escrever maravilhosos poemas e dramas — pode essa mente ser criadora?

INTERROGANTE: Ela deve existir no "agora" e não...

KRISHNAMURTI: Que significa "existir no agora"? Significa que a mente não deve ser mecânica, estar transportando todo o peso do saber, da tradição. Significa que a mente deve ser real e completamente livre — livre do medo. Essa é a verdadeira liberdade, não achais?

INTERROGANTE: Mas, decerto, ela deve continuar a buscar segurança; isso é função do cérebro.

KRISHNAMURTI: Naturalmente, é função do cérebro buscar segurança. Mas, está ela em segurança se condiciona a si própria, no tocante à nacionalidade, à crença religiosa, no dizer "Isto é meu", "Isso é teu", etc.?

INTERROGANTE: Parece-me que, sem oposição, não há progresso. Isso é parte da neurologia.

KRISHNAMURTI: De fato?

INTERROGANTE: Sem alto não há baixo, sem largo não há estreito.

KRISHNAMURTI: Investiguemos isso. Vivemos dessa maneira há milhões de anos — entre o bem e o mal, entre o ódio e o ciúme e o amor, entre a ternura e a brutalidade, entre a violência e a delicadeza. E dizemos que aceitamos esse modo de vida porque é real. É real esse viver? A mente que oscila entre o ódio, e o ciúme, e o prazer, e o medo, pode essa mente saber o que isgnifica amor? Pode a mente que está sempre a buscar expressão, preenchimento, fama, aplausos (e a isso, que faz parte

da estrutura social, que faz parte de nosso condicionamento, chamamos "vir a ser") — pode essa mente ser criadora? Se a mente está sempre empenhada em vir a ser alguma coisa, escravizada ao verbo "ser" — eu *serei*, eu *fui* — tem então medo à morte, medo ao desconhecido e, por isso, se apega ao conhecido. Pode essa mente alguma vez, ser criadora? Pode a criação ser resultado de pressão, oposição, tensão?

INTERROGANTE: Criação é alegria, imaginação.

KRISHNAMURTI: Sabeis o que significa alegria? Alegria é prazer?

INTERROGANTE: Não.

KRISHNAMURTI: Dizeis "Não" — mas não é isso que estais buscando? Tendo um momento de grande êxtase e alegria, ficais pensando nessa alegria. O pensar nela a reduz a prazer. Todos nós chegamos a conclusões muito facilmente, e a mente que tem conclusões não é uma mente livre. Tratai de descobrir se se pode viver sem conclusões; vivei diariamente uma vida sem comparações. Vós tirais conclusões porque comparais. Vivei uma vida isenta de comparação; fazei-o, e vereis que coisa extraordinária acontece.

INTERROGANTE: Se houvesse apenas uma experiência, e essa experiência fosse medo ou raiva, que sucederia?

KRISHNAMURTI: Se na vida tivéssemos só uma experiência e essa experiência não se gravasse na memória e fosse reconhecida posteriormente como "uma experiência", que sucederia? Será melhor averiguarmos, primeiramente, o que entendemos pela palavra "experiência". Não significa "*viver* uma coisa"? E uma "experiência" não implica reconhecimento, senão não podemos saber que tivemos uma experiência? Se eu não reconhecesse a experiência, ela seria "experimentada"?

INTERROGANTE: Não pode haver apenas "a experiência"?

KRISHNAMURTI: Ide um pouco mais para a frente. Por que necessitamos de experiência? Todos desejamos experiências; a vida nos enfada, nós a tornamos uma coisa mecânica e desejamos experiências mais amplas e mais profundas, experiências

transcendentais. Assim, através da meditação, desejamos fugir desse tédio para o que chamamos "a divindade". Toda experiência implica reconhecimento de uma coisa que sucedeu; e o reconhecimento só é possível se há registro, na memória, da coisa sucedida. A questão, pois, é esta: Por que buscamos experiências? Para despertar-nos, porque estamos dormindo? É a experiência um "desafio" a que "respondemos" conforme o nosso *fundo,* ou seja o "conhecido"?

Assim, é possível vivermos com a mente tão clara e desperta, que ela seja "a luz de si mesma" e não tenha, por conseguinte, necessidade de experiência nenhuma? Isso significa viver uma vida sem conflito; significa que a mente é sensível e inteligente em elevado grau e de nada necessita para "desafiá-la" ou despertá-la.

Brockwood Park, 12 de setembro de 1970.

12

FRAGMENTAÇÃO E UNIDADE

"Para haver tranqüilidade, imobilidade completa da mente, requer-se uma disciplina extraordinária; ... a mente tem então uma unidade de caráter religioso; dela pode vir a ação que não é contraditória."

Um dos mais importantes problemas ainda por resolver é o de estabelecer uma unidade completa, algo que esteja além do fragmentário e egocêntrico interesse no "eu", em qualquer nível que seja — social, econômico ou religioso. O "eu" e o "não eu", o "nós" e "eles" são os fatores da divisão.

Há possibilidade de alguma vez ultrapassar-se a atividade do interesse egocêntrico? Se uma coisa é "possível", temos grande abundância de energia; o que desperdiça energia é o sentimento de não ser ela possível e, em conseqüência, ficarmos vogando ao sabor da corrente — como acontece com a maioria de nós — e caindo de armadilha em armadilha. Como é possível ultrapassar a atividade do interesse egocêntrico — reconhecendo-se que há no ente humano uma grande porção da agressividade e da violência do animal, uma grande porção de sua atividade irracional e daninha; e reconhecendo o quanto o ente humano está emaranhado em crenças, dogmas e teorias "separatistas" e que, quando se revolta contra um dado sistema ou ordem estabelecida, vai cair noutro?

Assim, vendo-se a situação humana tal como é, que cumpre fazer? Essa, a meu ver, é a pergunta que todo ente humano

sensível, alertado e cônscio de tudo o que está sucedendo em redor de si, não pode deixar de fazer. Não se trata de uma questão intelectual ou hipotética, mas de uma questão proveniente da realidade do viver. Nem de algo que só se apresenta por uns poucos e raros momentos, mas, sim, de uma coisa que persiste em todo o correr do dia e da noite, através dos anos, e assim continuará até que estejamos vivendo uma vida completamente harmoniosa, sem conflito dentro de nós mesmos nem com o mundo.

O conflito, conforme se observa, nasce do interesse egocêntrico, que confere desmedida importância aos apetites. Como transcender esse insignificante e desprezível "eu"? (Ele *é* isso, ainda que o denominemos "alma", "Atman" — e outros nomes bem-soantes que se inventam para cobrir o que é corrupto). Como transcendê-lo?

Vendo-nos incapazes de efetuar qualquer mudança interior, psicológica, voltamo-nos para os agentes externos: mude-se o ambiente, a estrutura sócio-econômica, e o homem inevitavelmente mudará também! Isso, como está bem provado, é de todo em todo falso — embora os comunistas teimem em sustentar essa teoria. E as autoridades religiosas estão sempre dizendo: Crede, confiai-vos a uma entidade externa e maior do que vós. Isso também já perdeu toda a força, porquanto não é uma realidade, porém uma mera invenção intelectual, uma estrutura verbal sem nada de profundo. A identificação com a nação — também essa tem causado guerras pavorosas, aflições, confusão, crescente divisão. Em vista de tudo isso, que pode um homem fazer? Refugiar-se num mosteiro, aprender a meditação segundo o Zen, abraçar uma certa teoria filosófica e a ela devotar-se, meditar, como meio de fuga e de auto-hipnose? Se vemos tudo isso, realmente, e não verbal ou intelectualmente, e vemos que não nos leva a parte alguma, não o lançamos para o lado, inevitavelmente, não o rejeitamos, total e completamente?

Vê-se quanto são absurdas todas as formas de auto-identificação com algo de maior, e quanto é absurdo esperar que o ambiente molde o homem; vendo-se a falsidade dessas coisas e a superficialidade de todas as crenças, nobres e ignóbeis — não rejeitamos, então, tudo isso, realmente, e não teoricamente? Se o fazemos — e isso não é fácil, porquanto requer uma mente

capaz de olhar as coisas em seu todo, tais como são, sem nenhuma deformação, nenhuma interpretação, conforme nosso "gostar" ou "não gostar" — que sucede, então, na mente? Não há ação imediata? A ação imediata é a ação da inteligência: ver o perigo e agir; não há separação entre o ver e o agir. O próprio percebimento é ação. Se não agimos, começa a desordem mental, manifesta-se o desequilíbrio. Dizemos, então: "Isso é impossível, difícil demais; que devo fazer?"

Se há um conceito segundo o qual a ação é determinada, psicologicamente, há separação e o conflito é inevitável. Esse conflito entre a idéia e a ação é o fato mais perturbador da vida. Não é possível atuar sem a idéia, isto é, o ver e o agir se verificarem juntos? — pois é isso o que fazemos, em presença de um grande perigo físico, de uma crise: agimos instantaneamente. Pode-se viver assim. Isto é: é possível vermos claramente o perigo, digamos, do nacionalismo, ou das crenças religiosas, que desunem e inimizam os homens, de modo que esse ver seja a compreensão de que se trata de uma coisa falsa? Não se trata de crer que ela é falsa. A crença não tem absolutamente nada que ver com a percepção; pelo contrário, a crença impede a percepção. Se tendes uma fórmula, uma tradição, ou um preconceito, se sois hindu, judeu, árabe ou comunista, etc., então, essa própria divisão gera antagonismo, ódio, violência, e sois incapaz de ver a realidade. Em toda divisão entre o conceito e a ação é inevitável o conflito; esse conflito é neurose, é desequilíbrio. Pode a mente ver diretamente, de modo que o próprio ver seja agir? Isso exige atenção, exige alertamento, agilidade, sensibilidade da mente.

Vendo isto, ou seja, que necessitamos de um percebimento claro, penetrante, sensível, inteligente, perguntamos: "Como obtê-lo, como retê-lo?" Nessa pergunta já existe divisão. Já se vemos o fato real — o que está sucedendo — então esse próprio ver é ação. Espero esteja claro isto.

Toda espécie de conflito, interior ou exterior (na realidade não há divisão em exterior e interior), é deformação. Não parecemos perceber isso bem claramente. De tal maneira nos acostumamos com o conflito e a luta, que chegamos a ponto de pensar que, se não há conflito, não podemos crescer, desenvolver-nos, criar, funcionar adequadamente. Queremos resistên-

cia, sem entretanto percebermos o que a resistência implica, ou seja, divisão. Pode, pois, a mente atuar sem resistência, sem conflito, percebendo que toda espécie de atrito, de resistência, implica divisão e acarreta um estado neurótico, conflitivo?

Quando há percebimento e ação sem o conceito, cessa a atividade do centro, do "eu", do "ego", do "desejo" — qualquer palavra que empregamos para designar o que está dentro de nós ... "observador", "censor", "controlador", "pensador", "experimentador", etc. O centro de toda atividade psicológica formadora de idéias é o "eu" (excetuado o conhecimento prático, científico, etc.). Havendo qualquer desafio, a reação do centro, como "eu", é a reação do passado — ao passo que, no percebimento instantâneo e na ação instantânea, o "eu" não tem nenhuma interferência.

O "centro" é o hinduísta, o árabe, o judeu, o cristão, o comunista, etc.; se esse centro reage, trata-se da reação de seu condicionamento, produto de milhares de anos de propaganda religiosa e social; quando ele reage, o conflito é inevitável.

Quando vemos uma coisa com toda a clareza e ao mesmo tempo atuamos, não há divisão. Isso não se aprende nos livros; só podemos aprendê-lo por meio do autoconhecimento — uma coisa aprendida diretamente, e não em segunda mão.

Pode o homem, percebendo a transitoriedade de todas as coisas, descobrir algo não pertencente ao tempo? O cérebro é resultado do tempo; foi condicionado através de milhares de anos. Seu pensamento é reação da memória, do conhecimento, da experiência; esse pensamento não pode, em tempo algum, descobrir algo novo, porque ele é produto daquele condicionamento; é sempre velho, nunca novo. Tudo o que o pensamento "projeta" se encontra no campo do tempo; ele pode inventar Deus, conceber um estado atemporal, inventar um céu, mas tudo é produto dele próprio, por conseguinte coisa do tempo, do passado — irreal.

Assim, o homem, conforme se observa, percebendo a natureza do tempo — do tempo psicológico, no qual o pensamento se tornou tão desmedidamente importante — sempre buscou algo transcendente. Ele sai à procura dessa coisa, e cai na armadilha da crença; compelido pelo medo, inventa uma mara-

vilhosa divindade. Pode tentar descobri-la por meio de um sistema de meditação — uma série de repetições. Pode recitar *mantras*, interminavelmente. Nessa repetição, a mente se torna mecânica, meio entorpecida; poderá evolar-se para algo de místico, de sobrenatural, transcendental, algo que ela "projeta" para si própria. Isso de modo nenhum é meditação.

A meditação requer uma mente tão lúcida que ponha fim a todas as ilusões pessoais. Temos infinitas possibilidades de iludir a nós mesmos; e, de modo geral, a chamada meditação é uma forma de auto-hipnose, que nos faz ter visões em conformidade com nosso condicionamento. Isso é bem simples: se sois cristão, vereis o vosso Cristo; se sois hinduísta, vereis vosso Krishna, ou qualquer dos vossos inumeráveis deuses. Mas, a meditação não é nenhuma dessas coisas: ela é absoluta tranqüilidade da mente, absoluta tranqüilidade do cérebro. A base da meditação deve ser lançada na vida de cada dia, em nossa maneira de comportar-nos, em nossa maneira de pensar. Um homem não pode ser violento e meditar; isso é absurdo. Se, psicologicamente, existe qualquer espécie de medo, então, obviamente, a meditação é uma fuga. Para haver tranqüilidade, absoluta imobilidade da mente, requer-se uma extraordinária disciplina; não a disciplina consistente em reprimir, em obedecer, em seguir esta ou aquela autoridade, porém aquela disciplina que é aprender, em todas as horas do dia, sobre cada movimento de pensamento. Tem, então, a mente uma unidade de caráter religioso; dela pode vir a ação não-contraditória.

E, também, que papel têm os sonhos em tudo isso? A mente nunca está quieta; sua incessante atividade do dia se prolonga durante o sono. Suas preocupações, tormentos, confusão, ânsias, temores e prazeres — tudo isso continua quando dormimos, sutilmente simbolizado em sonhos. Pode a mente estar totalmente quieta durante o sono? Isso só é possível se as atividades do dia são compreendidas a cada minuto, de modo que fiquem acabadas e não sejam levadas para diante. Se alguém vos insulta ou elogia, dai-o por acabado no mesmo instante em que sucede, para que a mente esteja constantemente livre de problemas. Então, no sono, há um estado diferente, a mente acha-se em completo repouso, já que não estamos levando para o sono as atividades do dia; a ela pomos fim em cada dia.

Se me acompanhastes até aqui, podeis ver que a meditação é aquele estado em que a mente está de todo livre do conhecimento — e, contudo, faz uso do conhecimento. Estando libertada do "conhecido", ela pode servir-se dele. E, ao utilizá-lo, ela é sã, objetiva, impessoal, não dogmática.

Vê-se, assim, que nesse silêncio da mente existe um estado independente do tempo. Mas, como já dissemos, a explicação, a descrição, nunca é a coisa explicada ou descrita. Em geral, nos satisfazemos com explicações ou descrições; devemos libertar-nos da palavra, porque a palavra não é a coisa. Quando se vive dessa maneira, a vida tem uma beleza completamente nova; há nela um amor grandioso — amor que não é prazer nem desejo; porque o desejo e o prazer estão ligados ao pensamento, e o amor não é produto do pensamento.

INTERROGANTE: Ao observar-me, vejo um rapidíssimo movimento de pensamentos e sentimentos, e não tenho possibilidade de observar, do começo ao fim, um dado pensamento.

KRISHNAMURTI: Está sempre a desfilar uma cadeia de fatos. Que cumpre fazer? Ao observardes e tentardes acompanhar, até sua conclusão, um determinado pensamento, outro pensamento surge; isso se está passando continuamente. Eis o vosso problema: ao observardes, vós sois aquela multiplicidade de pensamentos e não tendes possibilidade de acompanhar um pensamento até sua conclusão. Que deveis fazer? Formulemos a pergunta de outra maneira: Por que tagarela sem cessar a nossa mente? Por que há esse interminável monólogo? Que sucede se ele não prossegue? Essa tagarelice não resulta do desejo de estar ocupado com alguma coisa? Que sucede, se não nos mantemos ocupados? Uma dona de casa mantém-se ocupada com os assuntos domésticos, um negociante com seus negócios; a ocupação tornou-se uma espécie de mania. Por que exige a mente essa ocupação, esse tagarelar? Que sucede se não há tagarelar, se não se mantém ocupada? Atrás disso estará o medo? Medo de quê?

INTERROGANTE: De ser "nada"?

KRISHNAMURTI: Medo de ver-se vazia, de ver-se só, medo de tornar-se consciente de sua própria agitação; por isso, ela pre-

cisa ocupar-se com alguma coisa, como o monge se ocupa com seu salvador, suas orações; se ele pára, torna-se igual a qualquer outro homem; tem medo. Se desejais manter-vos ocupado, isso implica que temeis descobrir o que sois. Enquanto não resolverdes o problema do medo, continuareis a "tagarelar".

INTERROGANTE: Quando me observo, o medo aumenta.

KRISHNAMURTI: Naturalmente. Portanto, a questão não é tanto descobrir se podemos deter o aumento do medo, como descobrir se ele pode cessar.

Que é o medo? Podeis não sentir medo enquanto estais aí sentado e, portanto, talvez não possais tomá-lo agora para exame e dele aprender. Mas, podeis perceber imediatamente que dependeis, não? Dependeis de vosso amigo, de vosso livro, de vossas idéias, de vosso marido; a dependência psicológica existe constantemente. Por que dependeis? É porque a dependência vos proporciona conforto, um sentimento de segurança e bem-estar, de companhia? Se falha essa dependência, vos tornais ciumento, enraivecido, etc. Ou tentais cultivar um meio de vos livrardes dessa dependência, de vos tornardes independente. Por que cultiva a mente a dependência? É porque se sente vazia, embotada, estúpida, superficial, e pela dependência espera tornar-se "maior"?

A mente "tagarela" porque precisa manter-se ocupada com alguma coisa; essa ocupação varia, podendo ser a ocupação superior do homem "religioso" ou a ocupação inferior do soldado, etc. É óbvio que a mente precisa manter-se ocupada porque, se não o faz, poderá descobrir algo que lhe faça medo ou que ela não seja capaz de resolver.

Que é o medo? Não estará ele em relação com alguma coisa que fiz no passado, ou imagino possa acontecer no futuro? — o incidente passado e o incidente futuro; a doença passada e a futura reaparição das dores que ela causa. Ora, é o pensamento quem cria esse medo; o pensamento gera medo, tal como sustenta e nutre o prazer. Pode então o pensamento cessar, chegar a um fim e não mais dar continuidade ao medo ou ao prazer? Nós desejamos prazer, e desejamos que ele continue; mas o medo, afastemo-lo de nós. Nunca percebemos que os dois são inseparáveis.

É o mecanismo do pensar o responsável pela continuidade do prazer e do medo. Pode esse mecanismo deter-se? Ante a extraordinária beleza do pôr-do-Sol, olhai-o; mas não o qualifiqueis com o pensamento, dizendo "quero guardá-lo na memória, ou repeti-lo". Vê-lo e, assim, pôr-lhe fim, é ação. Em geral vivemos na inação; por isso, existe aquele incessante tagarelar.

INTERROGANTE: Mas, quando o tagarelar continua, só é necessário observá-lo?

KRISHNAMURTI: Sim; tornai-vos cônscio dele, sem escolha. Quer dizer: não tenteis reprimi-lo, não digais "certo" ou "errado", não digais "preciso transcendê-lo". Observando o tagarelar, descobris por que ele continua. Aprender a respeito do tagarelar é acabá-lo, porque não há resistência a ele. Por meio da negação alcançou-se a ação positiva.

Brockwood Park, 13 de setembro de 1970.

QUINTA PARTE

13

A REVOLUÇÃO PSICOLÓGICA

"Ante a vasta fragmentação, existente tanto interior como exteriormente, a única solução é o ente humano produzir em si próprio uma revolução radical, profunda."

A VIDA É SÉRIA; a ela cumpre-nos consagrar toda a nossa mente e todo o nosso coração; não podemos brincar com a vida. Há numerosos problemas e tanta confusão no mundo; e há a corrupção social e as várias divisões e contradições religiosas e políticas. Muita injustiça existe, muito sofrer e pobreza — não apenas a pobreza externa, mas também a pobreza interior. Em vista de tudo isso, todo homem sério e regularmente inteligente — não apenas sentimental ou emocional — percebe a necessidade de mudança.

Mudança ou é uma completa revolução psicológica na natureza do ente humano total, ou é uma mera tentativa de reforma da estrutura social. A verdadeira crise na vida do homem (que sois vós e sou eu) é esta: descobrir se há possibilidade de operar-se essa completa revolução psicológica, independentemente de nacionalidade e de todas as divisões religiosas.

Nós edificamos esta sociedade; nossos pais e os pais de nossos pais produziram esta estrutura corrupta, da qual somos o produto. Nós somos a sociedade, somos o mundo, e se não nos transformarmos radicalmente, bem no fundo de nós mesmos,

não será possível alterar a ordem social. A maioria de nós não percebe isso claramente. Todos, principalmente a nova geração, dizem: "Precisamos transformar a sociedade". Falamos muito, mas não fazemos nada. Nós mesmos é que temos de transformar-nos, e não a sociedade; compreendei isso, por favor! Temos de efetuar em nós mesmos, do mais alto ao mais baixo nível, uma transformação de todo o nosso pensar, viver e sentir; então, só então, será possível a transformação social; a mera revolução física, com o fim de alterar a estrutura externa da sociedade, traz inevitavelmente, como é bem sabido, a ditadura ou o Estado totalitário, que negam totalmente a liberdade.

Essa transformação radical de nós mesmos é um trabalho que dura toda a vida, e não uma coisa com que nos ocupamos por uns poucos dias e depois esquecemos; é uma aplicação constante, um contínuo percebimento do que se está passando, interior e exteriormente.

Nós temos de viver em relação; do contrário, não podemos existir. Estar em relação significa viver totalmente; para tanto cumpre haver em nós uma radical transformação. Como poderemos transformar-nos radicalmente? Se isso seriamente vos interessa, haverá comunicação entre nós; pensaremos juntos, sentiremos e compreenderemos juntos. Assim, como pode o homem — vós e eu — mudar totalmente? Eis a questão, e nada mais importa; é uma questão que interessa tanto aos jovens como aos velhos.

Há, neste mundo, enorme agonia, imenso sofrimento, guerra, brutalidade e violência; há fome (coisa que aqui desconheceis completamente). Percebemos que muito se *poderia* fazer, se não fosse a vasta fragmentação existente no mundo político, com seus numerosos partidos, e nas diversas religiões. Todos falam de paz, mas a estão negando, porque só é possível a paz, a realidade e o amor, quando não há divisão.

Assim, ante essa vasta fragmentação, existente tanto interior como exteriormente, a única solução é o ente humano produzir em si próprio uma revolução radical, profunda. Este é um problema muito sério, uma questão concernente a toda a nossa vida; ela implica a meditação, a verdade, a beleza e o amor. Estas não são meras palavras. Impende descobrir uma maneira de viver em que essas coisas se tornem realidade.

Uma das coisas mais relevantes da vida é o amor. Mas, o que chamamos amor está associado ao sexo, que se tornou uma coisa sobremodo importante; tudo parece gravitar em torno do sexo. Por que razão os entes humanos de todo o mundo e de todas as culturas, e independentemente do que lhes ditam as sanções religiosas, estão atribuindo tamanha importância ao sexo, e a ele associaram a palavra "amor" — por quê?

Observando vossa própria vida, podeis ver quanto ela se tornou mecânica; nossa educação é mecânica; adquirimos conhecimentos e informações, que gradualmente se tornam mecânicos. Somos máquinas, entes de "segunda mão". Repetimos o que outros disseram. Lemos exageradamente. Somos o resultado de milhares de anos de propaganda. Psicológica e intelectualmente, tornamo-nos mecânicos. Numa máquina não há liberdade. O sexo oferece-nos liberdade; por alguns segundos fruímos liberdade, esquecemo-nos completamente de nós mesmos e de nossa vida mecânica. Eis por que o sexo se tornou uma questão momentosa; o prazer que dele fruímos chamamos "amor". Mas, o amor é prazer? Ou é coisa de todo diferente, uma coisa em que não existe ciúme, nem dependência, nem ânsia de posse?

Devemos devotar nossa vida a descobrir o que significa o amor, tal como devemos devotá-la a descobrir o que é meditação, e o que é a Verdade. A Verdade nada, absolutamente, tem que ver com a crença.

A crença se torna existente quando há medo. Um homem crê em Deus porque, em si próprio, se acha totalmente incerto. Dada a impermanência das coisas da vida — não há certeza, não há segurança, não há consolação para nossa imensa tristeza — o pensamento "projeta" uma certa coisa com o atributo de permanência, uma coisa chamada Deus, na qual a mente humana busca conforto. Mas, essa coisa não é a Verdade.

A Verdade é algo que só pode ser descoberto se não há medo. Mais uma vez, cabe-nos dispensar muita atenção a compreender o que é o medo — tanto o medo físico como o psicológico. Temos, na vida, esses problemas que não compreendemos e transcendemos; conseqüentemente, damos continuidade a uma sociedade corrompida, cuja moralidade é imoral e na qual a

virtude, a bondade, a beleza, o amor, coisas de que tanto falamos, depressa se corrompem.

A compreensão desses problemas exigirá tempo? É a transformação imediata, ou só pode ocorrer através da evolução, através do tempo? Se se requer tempo — quer dizer, no fim da vida alcançaremos o esclarecimento — então, dentro desse tempo, continuaremos a semear os germes da corrupção, da guerra, do ódio. Pode, pois, essa revolução radical, interior, suceder instantaneamente? Ela pode ocorrer imediatamente se vemos os perigos que nos cercam. É o mesmo que se ver o perigo de um precipício, de um animal feroz, de uma serpente; há então ação instantânea. Mas, nós não percebemos o perigo da fragmentação que se verifica quando o "eu", o "ego", se torna importante — e da fragmentação em "eu" e "não eu". Se em nós existe essa fragmentação, é inevitável o conflito; e o conflito é a raiz mesma da corrupção. Assim, cabe-nos descobrir, por nós mesmos, a beleza da meditação, porque então a mente, achando-se livre e descondicionada, percebe o verdadeiro.

Fazer perguntas é importante, não só porque, por meio delas, nos revelamos, mas também porque, fazendo-as, podemos descobrir por nós mesmos as respectivas respostas. Se se faz a pergunta correta, nela está contida a resposta correta. Devemos pôr em questão todas as coisas da vida — o usar cabelos curtos ou longos, as roupas que vestimos, nossa maneira de andar, de comer, de pensar, de sentir: a mente se torna então sobremodo sensível, alertada, inteligente. Então, a mente é capaz de amar; e essa é a mente religiosa.

INTERROGANTE: Que é essa meditação de que falais?

KRISHNAMURTI: Sabeis, ao menos, o que significa meditação?

INTERROGANTE: Sei que há várias formas de meditação, mas não sei de qual delas vós falais.

KRISHNAMURTI: Um sistema de meditação não é meditação. Sistema implica método — um método que se pratica, a fim de alcançar uma certa coisa. Tudo o que se pratica repetidamente torna-se mecânico, não é verdade? Como pode uma mente mecânica — que foi educada e "torcida", torturada para obedecer ao padrão de uma coisa chamada "meditação", isso com o fito

de obter uma recompensa — como pode essa mente ser livre para observar, para aprender?

Há várias escolas, na Índia e no Extremo-Oriente, onde se ensinam métodos de meditação. Isso é verdadeiramente horrível — treinar a mente para mecanizar-se. Por esse meio, a mente deixa de ser livre e não compreende os problemas.

Assim, quando empregamos a palavra "meditação", não temos em mente nenhuma espécie de exercício, nenhuma espécie de método. Meditação significa percebimento; estarmos cônscios, sem nenhuma escolha, do que estamos fazendo, do que estamos pensando, do que estamos sentindo; significa observar, aprender. Meditação é estarmos cônscios de nosso condicionamento, de quanto estamos condicionados pela sociedade em que vivemos, em que fomos educados, bem como pela propaganda religiosa — estarmos cônscios, sem escolha, sem deformação, sem desejarmos que o que vemos fosse diferente. Desse percebimento vem a atenção, a capacidade de estar completamente atento. Há então liberdade para vermos as coisas tais como são, sem desfiguração. A mente se torna clara e sensível; essa meditação produz um estado mental de completo silêncio; a respeito desse estado podemos ficar falando indefinidamente, mas o que dissermos não terá sentido, a menos que ele exista em cada um de vós.

INTERROGANTE: Esse modo de meditação não pode levar a mais isolamento, mais confusão?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não estão os entes humanos, em sua maioria, terrivelmente confusos? Não estais vós confuso? Vede o fato; verificai se estais ou não estais confuso. A mente confusa produz confusão, não importa o que faça. Diz ela: "Praticarei a meditação", "descobrirei o que é o amor". Como pode uma mente confusa descobrir qualquer coisa a não ser a "projeção" de sua própria confusão? Compreendido esse fato, que pode uma pessoa fazer?

Alguém está confuso e procura produzir um estado mental livre de confusão. Tenta isto ou aquilo, dez meios diferentes — drogas, bebida, sexo, devoção, fugas. A primeira coisa a fazer é deter a ação, cessar de fazer algo. Outrossim, cumpre deter todo e qualquer movimento de fuga à confusão, a fim de não

haver nenhuma ação, nem de aproximação nem de afastamento da confusão. Dessarte, cessando toda a ação, fica apenas a confusão. Não se foge mais dela, não se tenta achar qualquer saída da confusão, nem se busca substituí-la por clareza; não há nenhum movimento do pensamento, para longe dela, aumentando a confusão; o pensamento, por ora, não está interessado em qualquer ação. Apresenta-se, então, a questão: estais cônscio da confusão como coisa existente fora de vós, na qualidade de "observador", ou fazeis parte da confusão? É o "observador" diferente da coisa observada — da confusão? Se o "observador" difere da coisa observada, há então contradição; essa própria contradição é a causa da confusão. Assim, é importante a maneira como a mente olha a confusão. A mente a observa como coisa distinta, separada dela própria, ou é o "observador" a coisa observada? Procurai, por favor, compreender essa coisa importantíssima. Uma vez compreendida ela, vereis a extraordinária mutação que se opera na vida. Desapareceu todo conflito; o observador já não diz: "Preciso alterar este estado", "Preciso criar clareza", "Preciso superá-lo", "Preciso esforçar-me para compreendê-lo", "Preciso fugir dele". Tais atividades são todas do "observador", que se separou da confusão e criou conflito entre si próprio e a confusão.

Interrogante: Admito minha confusão.

Krishnamurti: Quando dizeis "admito minha confusão", há uma entidade que a admite. Não estais vendo a importância disso. Eu observo; ao observar, vejo que o estou fazendo como uma entidade exterior, ou vejo-me como parte da confusão? Se faço parte da confusão, a mente se torna completamente quieta; não há movimento algum, estou quieto, não me afasto da confusão. Por conseguinte, se não há separação entre o "observador" e a coisa observada, cessa de todo a confusão.

E aqui está outra pergunta que foi apresentada: "Se tenho de aprender de mim mesmo, que acontece se o mundo circundante me controla, me alista no exército, me manda para a guerra, me determina o que devo fazer, política, econômica, religiosamente?" — Há psicólogos e gurus vindos do Oriente que me dizem o que devo fazer. Se obedeço — e é isso o que todos eles querem que eu faça, prometendo-me a utopia, como recompensa final — ou Nirvana, Iluminação, Verdade — se

obedeço torno-me mecânico. O significado etimológico de "obedecer" é "ouvir". Pelo ouvir constantemente o que outros me dizem, deslizo gradualmente para a obediência. Se eu aprendo de mim mesmo, aprendo também a respeito dos outros. E se o governo me mandar alistar-me no exército, farei o que me parecer correto, na ocasião de ser mandado. A mente livre não obedece. Ela é livre porque, em si própria, não há confusão. Perguntareis, então: "Para que serve um único indivíduo, um único ente humano, dotado de uma mente dessa qualidade, quando tudo em redor dele é corrupção, confusão?". *Achais que faríeis uma pergunta dessas se tivésseis uma mente dessa qualidade?*

Que significa ter uma mente totalmente clara, totalmente livre de confusão?

INTERROGANTE: Se todos tivessem uma mente livre, não haveria mais palavras, não achais?

KRISHNAMURTI: Isso é pura especulação, não é? Como o sabeis?

INTERROGANTE: As palavras são a base das idéias. Não haveria mais idéias, e a mente seria livre; não haveria relações, não buscaríamos mais nada. Teríamos silêncio, silêncio total, e nos entenderíamos uns aos outros.

KRISHNAMURTI: Compreendo claramente o que quereis dizer. Mas, antes de mais nada: Estamos em relação com o mundo como coisa separada de nós? O mundo é, de fato, "vós" — *de fato,* e não teoricamente? Qual a natureza da mente que diz: "Eu sou o mundo?" — O "eu" e o mundo não são duas entidades separadas? O "eu" está separado da comunidade, o "eu" está contra o mundo, o "eu" está contra vosso amigo, vossa esposa, vosso marido. O "eu" se sente importante, não? E esse "eu" pergunta: "Como será o mundo sem "eu"? — Verificai se podeis viver sem o "eu", e vereis então a verdade relativa a esta questão. — Fizeram-me também, antes, esta prgunta: "Qual a vantagem de haver no mundo só um ente humano de mente esclarecida, imaculada, livre; para que serve isso?" — Ora, quem faz essa pergunta: o homem que está confuso ou aquele cuja mente é clara, livre? *Quem* faz tal pergunta? A flor a faz?

O amor a faz? Fazeis uma pergunta dessas ao enfrentardes uma crise? Perguntais: "Que valor tem só eu saber o que significa amar e os outros não o saberem?" — perguntais isso? Vós amais, e tanto basta! Quando, psicologicamente, não tendes medo e todos os que vos cercam temem, não perguntais: "Para que serve eu não ter medo, se todos os outros o têm?" — Que fazeis, então? Vós não tendes medo e os outros o têm — que fazeis? *Tratais de ajudá-los a compreender a estrutura do medo.*

INTERROGANTE: Como impedir a linguagem de criar divisão? Cada língua tem sua estrutura peculiar, um certo padrão, e se torna uma barreira.

KRISHNAMURTI: Ora, como transpor essa barreira? Não está bem claro que a palavra não é a coisa? Seja uma palavra italiana, seja uma palavra inglesa ou grega — essa palavra não é a coisa. A palavra "porta" não é a porta. A palavra, a descrição, a explicação não é a coisa explicada ou descrita; se se percebe isso, já não haverá dependência da mera palavra. Ora, o pensamento é "fabricado" com palavras; o pensamento reage sempre de acordo com a memória, e com estruturas verbais. O pensamento é limitado pelas palavras, é escravo das palavras. Pode-se escutar sem interferência da palavra? Se me dizeis: "Eu te amo" — que sucede, aí? As palavras não significam nada, absolutamente, mas pode haver o sentimento de uma relação não criada pela reação do pensamento — quer dizer: uma comunicação direta. Assim, a mente, estando cônscia de que a palavra não é a coisa, e que a palavra, que é pensamento, "interfere" — escuta livremente, sem preconceito, tal como faz quando dizeis: "Eu te amo".

Podeis escutar sem interpretar, sem os vossos preconceitos "interferirem" e deformarem — escutar assim como se escuta o canto de uma ave? (Aqui, na Itália, há tão poucos pássaros; matam-nos. Que monstros que somos!) — Podeis escutar o canto do pássaro sem comentário verbal, sem lhe dar nome, dizendo "É um melro", "Eu queria continuar a escutá-lo"; podeis escutar sem nenhuma dessas "interferências" — escutar, simplesmente? Podeis, não? Pois bem: podeis "escutar" do mesmo modo o que se está passando dentro em vós? — sem preconceito, sem nenhuma fórmula, sem deformação — assim

como podeis escutar o som daquele sino (*toque de sino*) — sem nenhuma associação, escutar o som puro que ele emite; sois então o som, não o estais escutando como coisa separada de vós.

INTERROGANTE: Para fazê-lo, precisamos de prática.

KRISHNAMURTI: Para escutardes assim, precisais de prática! Precisais de alguém, para ensinar-vos a escutar! Se alguém o ensina, há o guru e o discípulo, a autoridade e o seguidor. Ora, no momento em que aquele sino soou, escutastes-lhe o som, sem interpretação, com "atenção completa"? Se, naquele momento, observastes que dissestes para vós mesmo: "É meio-dia", "Que horas serão?", "Está na hora do almoço" — isso significa que vistes que não estáveis dando "atenção completa" àquele som; portanto, aprendestes — sem vos ser ensinado — que não estivestes escutando.

INTERROGANTE: Há diferença entre ouvir um sino tocar ou um pássaro a cantar, e ouvir uma palavra que, numa sentença, está relacionada com outras palavras. Eu posso isolar o canto da ave, mas não posso isolar uma palavra, numa sentença.

KRISHNAMURTI: Escutar uma ave é um fato objetivo, externo. Mas, posso escutar a mim mesmo quando faço uso de uma palavra numa sentença; posso escutar a palavra e estar livre da palavra e do seu contexto?

Dizeis, por exemplo: "Aquela mesa é bonita". Externastes, a respeito da mesa, uma certa apreciação com chamá-la "bonita". Eu posso olhá-la e dizer: "Que mesa feia!" A palavra, por conseguinte, denota o nosso sentimento; não é a coisa real; ela nasce como uma idéia associada. Podeis olhar o vosso amigo sem a imagem que criastes a respeito desse amigo — sendo a imagem a palavra, o símbolo? Não podeis, porque não sabeis como essa imagem se formou. Dizeis-me uma coisa que me dá prazer e, em virtude disso, crio uma imagem — que sois meu amigo; outro me diz uma coisa desagradável e, de igual maneira, formo uma imagem; quando me encontro convosco, vejo-vos como amigo; quando me encontro com o outro, não o vejo como amigo. Mas, é a mente capaz de não formar imagem nenhuma, embora digais coisas agradáveis ou desagradáveis? A mente *pode* cessar de formar imagens quando presto atenção;

não há então formação de imagens; posso escutar — escutar sem nenhuma imagem.

INTERROGANTE: Poderíamos voltar ao que dissestes no início, sobre a importância de nos transformarmos dentro da sociedade? Como pode uma pessoa transformar-se realmente, se é obrigada a conservar as suas relações? Eu vivo no mundo capitalista, e todas as minhas relações têm de ser na base "capitalista"; do contrário, eu morreria de fome.

KRISHNAMURTI: E se vivêsseis no mundo comunista, lá também teríeis de ajustar-vos.

INTERROGANTE: Exatamente.

KRISHNAMURTI: Assim, que podeis fazer?

INTERROGANTE: Como posso transformar-me?

KRISHNAMURTI: Vós apresentastes a questão: Se vivo numa sociedade capitalista, tenho de ajustar-me ao sistema capitalista; por outro lado, se eu vivesse numa sociedade comunista — uma sociedade totalitária, burocrática, teria, também, de fazer as mesmas coisas. Assim, que posso fazer?

INTERROGANTE: Creio que não seriam as mesmas coisas.

KRISHNAMURTI: Mas, o padrão é o mesmo. Na sociedade comunista usaríeis cabelos curtos e seríeis obrigado a trabalhar, a fazer tais e tais coisas. Porém, estaríeis dentro do mesmo remoinho. Que podeis fazer? Se um ente humano percebe que é de primária relevância a sua transformação interior — não importa onde viva — qual deve ser para ele a coisa mais importante? Transformar-se. — Que implica essa transformação? Implica que ele deve estar livre do medo psicológico, livre da avidez, da inveja, do ciúme, da dependência; livre do medo à solidão, do medo que impele ao ajustamento. — Se dentro em vós existe e atua essa liberdade, então — sem ajustar-vos a nada — podeis viver tão bem lá como aqui. Mas, infelizmente, para a maioria de nós o que mais importa não é a revolução interior, mas, sim, alterar isto e aquilo no exterior.

INTERROGANTE: Mas, poderiam matar-me.

Krishnamurti: Ah! Ninguém pode matar um homem livre. Poderão arrancar-lhe os olhos, mas, interiormente, ele é livre; nada pode atingir aquela liberdade.

Interrogante: Podeis dar uma definição de "egoísmo"?

Krishnamurti: Se desejais uma definição, buscai-a num dicionário. "Definição" ... eu já disse bem claramente que a descrição não é a coisa descrita. Que é esse "eu" que está sempre a isolar-se? Mesmo se amo alguém, mesmo se durmo com essa pessoa, etc., existe sempre esse "eu" separado — com suas ambições, seus temores, suas agonias, sua preocupação consigo mesmo, sua autocompaixão. Enquanto existir esse "eu", haverá separação, e enquanto houver separação haverá conflito, não é exato? Como pode esse "eu" desaparecer — sem esforço? Se se faz esforço, isso significa que o que chamais "Eu Superior" está dominando o "eu inferior". Como pode a mente dissolver essa coisa chamada "eu"? Que é o "eu", um feixe de "memórias" ou uma coisa permanente? Se é um feixe de memórias, ele pertence ao passado. Eis a única coisa que possuís — uma coisa nada permanente. Esse "eu" que acumulou conhecimentos e experiência tornou-se o "centro" de onde procedem todas as ações. Vede-o, tal como é realmente.

Todas as religiões, todas as sociedades e culturas sabem que o "eu" precisa expressar-se. Na arte, a auto-expressão é sumamente importante; também o é na "vontade de domínio". As religiões tentaram destruir o "eu" — "Não vos preocupeis com o "eu", "Substituí-o por Deus, ou o Estado". Mas isso não deu resultado, porque o "eu" se identificou com Deus (o que quer que isso seja) e, portanto, persiste. E nós(*) vos dizemos: Observai esse "eu" em ação, aprendei a seu respeito, olhai-o, ficai cônscios dele, não trateis de destruí-lo, não digais "Quero livrar-me dele" ou "quero transformar-me"; observai-o, apenas, sem nenhuma escolha, sem nenhuma deformação; então, *em virtude desse observar e aprender, o "eu" desaparece.*

Roma, 21 de outubro de 1970.

(*) 1.ª pessoa do plural pela 1.ª do singular (eu). (N. do T.)